ANNO XXV — N.º 18
Rio, 2 de Maio de 1931
— PREÇO: 1$000 —
FON FON

Tambem eu!

—NINGUEM se illuda! Neste mundo e no meio que frequento, todo de cortezias e etiquetas, preciso ter sempre o sorriso nos labios. Por isso posso permittir-me outros luxos, mas não o de soffrer uma dôr physica, que me amofine, nem ter em pouca conta a minha saude . . .

. . . Essa é a razão pela qual a minha "companheira" mais querida é a

CAFIASPIRINA

Só ella me allivia, me dá o bem estar e me devolve o sorriso aos labios. Um destes dias a minha creada encontrou no meu toucador um tubo de CAFIASPIRINA e exclamou com surpreza: — Oh! que vejo! A snra. e eu usamos o mesmo remedio para dôres! —Porque te admiras?! respondi-lhe. A CAFIASPIRINA não é o remedio dos ricos; **é o remedio de todos os que soffrem.** Não a compro por ter mais dinheiro do que tu e sim pela **mesma razão por que tu a compras: por ser o unico remedio seguro que existe . . .**

Uma phrase em que todos têm

INCOMPARAVEL para dôres de cabeça, dos dentes e dos ouvidos; nevralgias, enxaquecas, colicas das senhoras, consequencias do abuso do alcool, etc. Allivia rapidamente, levanta as forças, e regulariza a circulação do sangue.

Defenda-se exigindo a Cruz Bayer

MERCÊDES

De JOSÉ BENEDICTO CURSINO

O altar era um jardim, tão florido estava. Um mixto de aroma e de incenso. Todo o santuario, uma profusão magica de claridade. As vozes que partiam do côro enchiam o templo de harmonias luminosas.

Cleumyra, com o rosario de contas doudas entre os dedos, rezava fervorosamente.

Aquelle solo, modulado, mavioso e terno, inundava-lhe o coração de doçuras espirituaes, elevando-lhe a alma a Deus.

Recinto de extasis, de gozo infindavel era o santuario!

Findas as cerimonias do culto, Cleumyra, conversando com o sr. vigario, na sacristia, perguntou-lhe quem era aquella cantora cuja voz se distinguia das outras, tão maviosa e meiga; que sustentava solos sonoros, que pareciam sahidos de tuba metallica.

O sr. vigario, que era seu vizinho, sorriu e não lhe satisfez ao desejo.

No dia seguinte, Cleumyra foi á missa conventual. Durante o sacrificio incruento, a sua voz predilecta entoou canticos monodicos, de plangencia estranha. Dir-se-ia um anjo descido das paragens olympicas, para submergir os crentes em harmonias celestes.

De volta, Cleumyra encontrou-se com d. Jolina. Cavaqueando, caminharam, uma ao lado da outra, e juntas subiram a escadaria de marmore.

— Entre, d. Jolina.

— Com licença.

— Sente-se.

— Com licença.

D. Jolina relanceou os olhos ao derredor. Que rico salão!

— Ah! é verdade, como vae a sua alumna?

— Optimamente.

— O' Odyra!

— Que é, mamãe?

— D. Jolina, sua professora está aqui.

— Já vou.

E aquella figurinha, elegante e loura, olhos da côr do firmamento, saltitando e cantarolando, acudiu promptamente.

— Oh! bom dia, d. Jolina! A senhora é pontual!

— Bom dia, disse d. Jolina, levantando-se. Gosto do cumprimento dos meus deveres. Si está disposta, mãos á obra.

— Vamos.

Cleumyra, dirigindo-se a ellas:

— Deixo-as em liberdade.

E retirou-se para seu quarto, de onde se poz a acompanhar a aula. E entre suspiros monologava: "Pobre filha! Persuadiu-se de que ha de aprender canto. Seria tambem o meu gosto. Mas, coitadinha!, não consegue afinar a voz. E' tão desentoada! Que paciencia tem com ella a bôa professora! Vejo, porém, que é tudo baldado!

E mentalmente se transportou ao santuario proximo. Parecia-lhe ouvir aquella voz suave, melliflua, que lhe acordára tantas emoções intimas.

Certo dia, finda a missa, Cleumyra foi á sacristia e apresentou ao sr. vigario um embrulhinho de papel de sêda.

Abrindo, elle encontrou um lindo córte de vestido.

— Que devo fazer com isto? Dál-o a uma pobres? E' muito rico!

— Apenas uma lembrança á cantora que, muitas e muitas vezes, me tem proporcionado momentos de indizivel gozo espiritual.

— Pois bem, vou mandar fazer para ella.

Num dia de festa solemne, o sr. vigario disse ao coroinha:

— Vá chamar d. Cleumyra.

Instantes após, esta se apresentou.

Acenando para uma moça que se achava ao lado, o bondoso cura perguntou a Cleumyra:

— Conhece-a? Não está distincta com o vestido que lhe deu de presente?

Cleumyra, admirada:

— E' você, Mercedes, que, com sua voz canora, tem causado verdadeiro transporte de alma aos fieis deste santuario?

Ella baixou os olhos, confusa, envergonhada.

Mercêdes, que morava num casebre, nas cercanias [illegible]a cidade, er[illegible] ua lavadeira d[illegible]imyra...

A filha do prestidigitador (a seu pae, entregando-lhe a cartola com que effectua os seus jogos de magia). — Papae, mamãe disse que necessita de meia duzia de ovos.

A CARTEIRA ROUBADA

De ERNESTO LOWE

O motorista do autoomnibus fez uma parada brusca, afim de evitar que o seu vehiculo *fosse* chocar com um automovel que passava á sua frente. Em consequencia disso, o senhor Murger, deslocado do seu logar, foi parar em cima de um cavalheiro moço e elegante, que *viajava* no banco da frente.

O senhor Murger apressou-se a pedir-lhe mil desculpas, que o moço demonstrou *acceitar*. Mas, quando parecia que ninguem se lembrava mais do incidente, começou a apalpar precipitadamente os bolsos. De repente, vimol-o empallidecer e levantou-se, gritando como um louco:

— Roubaram-me a carteira!...

Immediatamente armou-se um tumulto indescriptivel. Uma pobre senhora que ia a seu lado lhe perguntou, penalizada:

— E continha a carteira alguma somma importante?

— Ora si continha. Pelo que eu me lembro de momento, alguns cheques em branco, notas americanas, francezas, inglezas, marcos ouro... Uma fortuna! Alem disso, lamento tambem a perda da carteira: uma carteira magnifica, comprada ha apenas quinze dias.

— E como o *senhor* tem coragem de andar com tanto dinheiro no bolso? — perguntaram-lhe varios passageiros.

— O costume. Nunca ando com pouco dinheiro.

— E nunca foi roubado?

— Sim. Já uma vez me tiraram um relogio de platina. Tambem foi num omnibus. Mas o roubo de agora foi mais importante: dois mil marcos ouro, tres mil francos, cerca de cento e cincoenta dollares e quatro libras esterlinas...

E o pobre homem não cessava de *repetir* a quantia de que o haviam despojado, com uma cara de fazer pena.

Subito, e emquanto os passageiros commentavam o incidente, o moço, sobre o qual tinha ido parar o senhor Murger, extrahiu de um de seus bolsos uma velha carteira que não valeria quatro francos, e, dirigindo-se ao publico, exclamou, em voz alta:

— Vão ver os senhores o que contém a carteira que acabo de roubar a este cavalheiro: uma nota de vinte e cinco marcos e um par de cartões de visita. Nada mais.

Os passageiros reagiram bruscamente. Até a pobre senhora que ia ao lado do senhor Murger, e que tanto se compadecêra de sua desgraça, protestou:

— O senhor não tem o direito de enganar os outros dessa maneira! Farçante. Grande farçante! De sorte que os dois mil marcos ouro, e as notas francezas, inglezas e norte-americanas não passavam de uma forte mentira! Estupido! Deviam leval-o para a cadeia! Embusteiro!

O escandalo foi augmentando *cada* vez mais. O homem a quem haviam roubado a carteira não sabia que fazer nem que dizer. Estava desorientado, vermelho de vergonha, no seu logar. Mas sua attitude silenciosa e humilde não acalmou as iras dos passageiros.

— Querer enganar a pessôas honradas! E' o cumulo!

— Deviamos chamar um policia — disse o joven que mostrára a carteira. — Contarei tudo ao primeiro que encontre.

O senhor Murger não quiz ouvir mais nada. Dando um salto de féra, ganhou a porta de sahida do vehiculo e, com o risco de quebrar a perna, desceu.

O omnibus levava uma velocidade fantastica, e bem depressa o perdemos de vista...

O bracelete

De MAX

O doutor Darmoise ia caçar, todos os outomnos, em suas terras de Sologne. Sua villa, uma antiga mansão rústica de tecto de telhas avermelhadas e com uma torre clara, reflectia-se na agua negra e pesada de um pequeno lago salpicado de nenumphares brancos. Pequenos bosques ligeiros, que se tornavam amarellos aos primeiros frios, abanavam de longe a casa.

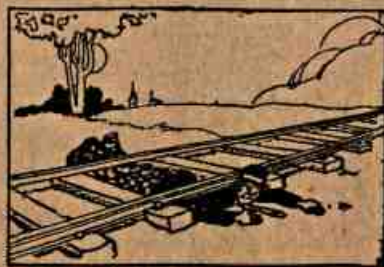
Ao cahir da noite, o doutor Darmoise regressava com seus convidados. Si algum delles vinha cansado e derrotado, trazia elle sua bolsa cheia, o aspecto fresco, o animo contente. Era um homem fórte, de músculos flexíveis, e calculava sua trajectoria com a mesma lucidez com que diagnosticava uma enfermidade.

Durante esses regressos de caçadas, as conversações não cessavam. Darmoise era considerado um companheiro excellente. Era um verdadeiro prazer escutál-o. Seus amigos faziam tudo para provocar suas reflexões. Um delles, Daniel Berri, notavel engenheiro, socio de um constructor de aviões, tinha a arte de saber provocar a palestra do medico, bastando-lhe para isso lançar alguma phrase sceptica. Darmoise não deixava de replicar, e suas respostas ornavam-se de historias curiosas que sabia contar.

Uma noite, em que se approximavam da casa de campo, Daniel Berri disse:

— Darmoise, você leu nos jornaes a noticia da morte de lord Berty Cork, um dos egyptologos, não sabe?, que abriram o tumulo de Tutankamen? Lord Berty Cork foi envenenado. Alguns dizem que houve nisso uma vingança do Pharaó. A superstição ainda não morreu no mundo!

Darmoise não respondeu. Daniel Berri não se enganou a respeito desse silencio. Quando Darmoise sentia o choque de uma palavra um pouco atrevida costumava calar-se e meditar. A resposta chegava mais tarde. Não tinha por isso menos sabor. Daniel Berri ficava com agua na bocca. Entretanto, como os outros, deve ter tido paciencia.

Entraram na casa. Um grande fogo de lenhas ardia na chaminé. Sobre a toalha, os pratos, cheios de um caldo *velouté*, fumegavam á luz dos candelabros. O doutor Darmoise tomou sua colher com ar distrahido. Provou, sem attenção, o cabrito cheiroso e bem temperado. Daniel Berri olhava-o

AS TRAGEDIAS GROTESCAS. — O homem, que jamais soube fazer cousa alguma bem feita, decide terminar, tragicamente, com a vida.

dissimuladamente, de soslaio. Darmoise percebeu-o. Sorriu mais ironicamente ainda, e falou:

— Eu não conheci lord Berty Cork, mas conheci muito outro egyptólogo igualmente illustre: sir James Wood. Havia elle encontrado, em uma das necropoles reaes, um soberbo bracelete de ouro cinzelado, no qual estava incrustada uma pedra rara, de fogos, rosados. Ao voltar á sua *cottage* de Glasgow, offertou-o á sua mulher.

"Sir James, após vinte annos de vida conjugal, continuava profundamente apaixonado por *mistress* Wood. Esta era de uma belleza maravilhosa, e muito mais moça do que elle, que a considerava e a tratava como a uma menina. A joven tinha muitos caprichos. Assim, para curál-a de seus nervos, havia resolvido contradizêl-a sempre e nunca mostrar que tinha compaixão por ella.

"Com uma alegria juvenil, acceitou mistress Wood o bracelete e o collocou em seu braço. Contemplou-o todo o dia. A' noite, não quiz separar-se delle, collocando-o em sua cabeceira. Na transparencia de uma clara noite de verão, brilhava mysteriosamente. De repente, pareceu a mistress Wood que o ar se tornava pesado. Sentia as faces apertadas e, ao longe, roncava a tormenta. O ruido inflava-se. O trovão brincava para Glasgow em um continuo relampaguear. Deante do *cottage* cahiu um raio. A seu resplandor, a gemma do bracelete brilhou como uma estrella. Mistress Wood desmaiou. Na manhã seguinte, quando abriu os olhos, estava em sua cama, e sir James, sentado a seu lado lia um poema escripto á gloria de Amenophis IV.

"Mistress Wood parecia não mais se lembrar de nada. Voltou a

rosado

FRAUTEL

cabeça, como si procurasse reconhecer-se. Ao encontrar seu olhar os resplandores da pedra rosa, suffocou um grito: a imagem deslumbradora do relampago apparecia-lhe.

"— Que tem você! — perguntou-lhe o esposo, que, como bom inglez, só acreditava em Deus.

"— O bracelete traz desgraça, James!

"— O sabio soltou uma gargalhada. Disse á mistress Wood que sua imaginação estava alterada, e devia ter lido, na noite anterior, alguma novella de Edgard Poe.

"Ella não respondeu. Levantou-se. Vestiu-se tremendo. Tinha febre. Sir James deixou-a só com uma pequena phrase sarcástica, que a gelou da cabeça aos pés. Encontraram-se, mais tarde, na mesa, para o almoço. Ella estava muito pallida. Comeu, sem vontade, apenas um bocado. Sir James, pelo contrario, devorou o almoço cheio de appetite. Mistress Wood não falava. Elle só parava de mastigar para dirigir alguma pilheria á esposa:

"— Vamos, vamos! Você não é razoavel. Póde alguem crer que um bracelete, por ter estado no braço de Ramsés ou de outro Pharaó, possa trazer-lhe algum mal? Seria necessario ter nascido entre cafres para cultivar tão absurdas idéas.

"— James, eu lhe rogo que deixe de brincadeiras!

"Mistress Wood tinha lagrimas nos olhos, e lagrimas que lhe corriam pelas faces. Sahiu da sala de jantar. Dahi por deante permaneceu silenciosa. Olhava tudo com temor. Tudo lhe parecia uma armadilha e um perigo. Vivia em perpetua inquietude. A todo momento tinha médo de ser ferida pela vida. Entrava sempre aterrorizada em seu aposento. O bracelete estava ainda á sua cabeceira. Não se atrevêra nunca a tocál-o para guardál-o em um cofre, e sir James se recusava tambem a fazêl-o, procurando sempre curar os nervos caprichosos, dizia, de sua mulher, convencido de que, um dia ou outro, ella se habituaria áquella joia e cessaria de consideral-a um sortilegio.

"A joia brilhava á mais débil claridade. Na noite, parecia um objecto encantado, e, quando a lua prateava os postigos, irradiava como a estrella dos Magos.

"Mistress Wood já não podia dormir tranquillamente. Seu somno era levissimo e entrecortado de insomnias. Si de novo falava, era para se queixar da inconsciencia de sir James. Este não cessava de pilheriar, jurando que triumpharia dessa sensibilidade enfermiça. Uma noite, chegou-se até ella. A esposa dormia. Sir James, maliciosamente, tomou o bracelete e o collocou no braço de mistress Wood. Retirou-se depois permanecendo perto da porta.

"Foi o frio da joia ao tocar-lhe a pelle ou o ruido que fez sir James? Mistress Wood sobresaltou-se e abriu os olhos. Olhou seu braço. Viu a chamma a um tempo rosada e sombria da pedra. Começou a lançar terriveis gritos. Sir James correu para junto do leito. E exclamou:

"— Vê como não era para matar?

"No mesmo instante, mistress Wood tombava. Elle segura-a. A adoravel cabeça de mistress Wood rodou sobre o travesseiro. Estava morta."

O doutor Darmoise terminára sua historia.

Daniel Berri exclamou:

— Ora! Isso não passa de um caso banal de suggestão!

— Experimente-o — replicou Darmoise.

— Por que, então, nada succedeu a sir James?

— Que homem estranho é você! E a morte de sua mulher?

Daniel Berri não respondeu. Todos os outros permaneceram silenciosos. As cabeças estavam como que veladas pelo fumo dos cigarros e dos cachimbos. Os olhos pareciam pontos phosphorescentes em uma bruma azulada.

Darmoise foi abrir a janella. O campo soprou seu ar fresco. As estrellas da noite pareciam tremer. E o pequeno lago, a cada salto das carpas, lançava um soluço...

O hospede. — Asseguro-lhe, madame, que nunca comi tão bem como hoje.
O menino da casa. — Pois, nós tambem, nunca...

O SEDUCTOR

(Continuação do numero anterior)

ACTO III

JORGE está sentado em frente á secretaria. Escreve. A criada entra. Olha para um lado e para o outro, cautelosamente, avança, pisando de leve e vem parar atraz da cadeira de Jorge. Faz menção de tocar-lhe no hombro com os dedos. Põe-se nas pontas dos pés e olha o que Jorge está escrevendo. Depois balança as mãos no ar, como sonsa. Tosse para chamar a attenção de Jorge. Este não se move. A criada torna a tossir, desta vez com mais força. Jorge volta-se.

JORGE — Que faz ahi, rapariga?

CRIADA (*confusa*). — Eu... Eu...

JORGE — Vá cuidar do seu serviço.

CRIADA — E' que... é que... Queria dizer-lhe uma coisa.

JORGE — Diga.

CRIADA — Mas é que...

JORGE — E' que o que, rapariga?

CRIADA (*enrolando, desageitada, o avental*) — E' que o senhor não me acreditará.

JORGE — Bom! Então suma.

CRIADA — Verdade... Verdade... O senhor ainda não notou nada?

JORGE — Que é que não notei?

CRIADA — O senhor é mesmo cégo! — "Benza-Deus!"

JORGE — Que modos são estes!

CRIADA — Que engraçado... (*Rindo*) Então o senhor não notou ainda que o sr. Mauro anda arrastando as azas á patrôa?... Entende, não é?

JORGE — Como?

CRIADA — Isto mesmo... E por signal que a senhora...

JORGE — Vá para a cozinha, rapariga!

CRIADA (*ouvindo vozes que se aproximam*) — Ahi vem gente! Si o senhor quizer tirar a limpo o assumpto, esconda-se alli. (*Aponta para o reposteiro da porta*).

Jorge vacilla. A criada dá-lhe um empurrão.

CRIADA — Depressa! Depressa!

Jorge esconde-se. A criada foge.

— Parece que o velho Bill gosta muito de cavallos.

— Nada disto. Não vês que elle está esquentando as mãos?

II

Abraçadas, a conversar, entram Helena e Clélia.

HELENA — Então? Estás prompta para o que dér e viér.

CLÉLIA — Sim. Fico abysmada, Helena, com tanta hypocrisia. Como póde um homem ser tão fingido assim!? U'a mulher comprehende-se...

HELENA — Elles tambem, quando têm interesse, sabem fingir... Melhor talvez do que nós.

CLÉLIA — Mauro parecia-me tão sincero... Parecia amar-me tanto...

Clélia põe-se a chorar.

A mãe. — Como é isto, filhinho? O canario desappareceu.

O garôto. — Pois é estranho, porque, quando comecei a limpal-o com este aspirador, ainda se encontrava ahi.

HELENA — Tambem eu, Clélia, acreditei na sinceridade delle. Um dia, porém, meu marido foi trazido para casa agonizante. Horas depois, morria. Chorei. Era, afinal, meu esposo. Era o homem a quem primeiro amára. Mauro acompanhou-me n e s s e doloroso transe. Pouco depois, retirei-me para Petropolis. Um mez não tive noticias de Mauro. Julguei natural. Respeitava a minha viuvez recente. Vindo ao Rio, mais tarde, por necessidade, encontrei-o na avenida. Falámos. Elle pareceu-me mais frio, não obstante me haver repetido os protestos de seu amor. Quando me lembro, dá-me vontade de rir. Era eu uma tola. Disse-lhe que esperasse tres mezes e, então, livres de preconceitos, seriamos um do outro. Elle acceitou tudo. Quinze dias depois, recebia eu este bilhete. Toma-o, lê-o.

Clélia tomou o bilhete, e o leu: "Helena — Menti-te, ou melhor, faltou-me a c o r a g e m para ser franco comtigo. Eu detesto o casamento, Helena. Acho-o muito

PERSONAGENS

CLÉLIA ...	a esposa
JORGE	o marido
MAURO ...	o seductor
HELENA ..	uma viuva moça
CRIADA ...	dezoito annos

bom para os outros; não para mim. Parto. Sigo para Recife. Perdôa e esquece — Mauro."

HELENA — Calcularás, por certo, a dôr que me causou este bilhete. O remorso de haver quasi trahido o meu marido e, principalmente, o meu amor proprio esmagado, fizéram-me verter muitas lagrimas. Afinal "não ha bem que sempre dure, nem mal que se não acabe". Passaram-se quatro annos sem que eu puzésse os olhos em Mauro. Hontem, ao entrar em tua casa, pareceu-me reconhecêl-o no joven que sahia. Confirmaste-nos a suspeita. Presenti que tu o amavas. Porque em verdade tu o amas, não é?

CLÉLIA — Sim, Helena, eu o amo!

JORGE (*atraz da cortina*). — Oh!

HELENA — Coragem, Clélia. E' preciso banir de teu coração a imagem deste homem.

A campainha sôa.

CLÉLIA — E' elle!

HELENA — Elle...

JORGE — (*sempre escondido*). — Canalha!

III

CRIADA — Senhor Mauro.

Olha para a cortina, sorri. E segurando a ponta da orelha, diz:

CRIADA — Mauro... E' da pontinha!

Mauro, que entra, ao divisar Helena, estaca. Fita-a, procurando recordar-se. Aborrecido por o não auxiliar logo a memoria, avança ao encontro das senhoras!

MAURO — Minhas senhoras!

CLÉLIA (*fazendo a apresentação*) — Senhor Mauro D'Artaville... Senhora Helena Durães.

MAURO — Helena Durães... O nome de v. ex. não me é estranho.

HELENA — E' exacto. Já tive a honra de lhe ser apresentada.

MAURO — Não me quererá indicar quando e onde?

HELENA — Perfeitamente. Si me quizer dispensar alguns momentos de attenção.

MAURO — Ouvil-a-ei com prazer.

HELENA — Pois bem! Era o anno de 1927...

MAURO — Quatro a n n o s, portanto.

Por José Maria Senna

SCENA: Bibliotheca elegante. De um lado, encaixada entre altas estantes, carregadas de livros, uma janella. Do outro, portas guarnecidas com reposteiros. Ao fundo, uma outra porta, que dá para um alpendre. Secretária a um canto. E, sobre ella, um vaso de metal, com flores. Poltronas.

HELENA (*com ironia*). — Vejo que conhece arithmetica. (*Continuando*) — Vivia nesta cidade um casal que se considerava feliz. Um dia, um illustre desconhecido, fingindo-se amigo do marido da senhora...

MAURO — Que era bella como v. ex., naturalmente.

HELENA — ... conseguiu introduzir-se no lar venturoso e...

MAURO — E os encantos da joven senhora atearam-lhe no coração um amor intenso.

HELENA — Engraçado!...

MAURO — Não tanto como v. excia.

HELENA — O senhor só tinha um alvo: o mesmo que o traz hoje a esta casa: implantar a deshonra, despedaçar duas vidas.

MAURO — Engana-se. Eu julguei que a amava. Felizmente, ha tempo vi que me enganára. Quanto a Clélia, a esta amo loucamente.

As cortinas da porta, em que Jorge se occulta, estremecem.

Helena morde os labios. Clélia empallidece. Mauro sorri.

HELENA (*refazendo-se*). — Porque ella ainda não enviuvou.

MAURO — Dize-me, Clélia, que não acreditas, que confias na pureza do meu amor.

HELENA (*com ironia*). — Que pureza! Devia ser canonizado. Pena é que o papa o não conheça.

MAURO — Ciumenta...

HELENA — Eu!? Que pandego!

MAURO — Clélia, que dizes? Não vês que essa senhora, por despeito, tenta separar-nos?

HELENA — Despeito...

CLÉLIA — Talvez elle tenha razão.

HELENA (*admirada*). — Achas?

CLÉLIA — Não sei... Não sei de nada. Por favor, Helena, manda embora esse senhor.

MAURO — Duvidas da minha sinceridade, Clélia?

(Pausa).

— Queres que eu vá? Irei. Adeus!

HELENA — Bello farçante! Retire-se.

MAURO — Clélia, és tu que ordenas?

CLÉLIA — Vá, por favor, vá!

JORGE (*surgindo*) — Um momento!

CLÉLIA (*assustada*) — Tu! (*Occulta o rosto no seio de Helena*).

Mauro fica amarello.

JORGE — Então, meu caro amigo, querias conquistar-me a mulher, hein!

MAURO — E'... é...

Jorge segura Mauro pela gola do paletót.

JORGE — Pois olha cá: tu vae saltar daqui depressinha, senão...

Ergue ameaçadoramente os punhos sobre Mauro, que se encolhe todo. Helena dá um grito de susto, Clélia chora. Jorge larga Mauro.

— Não comprehendo para que quer o senhor uma pistola de sete tiros. Aqui temos uma de cinco, e parece-me que é o bastante.

— Sim, senhor; necessito, porém, uma de sete, porque a quero para matar um gato.

JORGE — Patife! Safa daqui, depressa!

Mauro sahe ás carreiras, esquecendo o chapéo. Jorge apanha este e sahe tambem ao encalço de Mauro.

JORGE — Toma o chapéo, seu tratante!

HELENA — Que trapalhada! Acalme-se, minha amiga.

CLÉLIA — Sua amiga... Quem sabe si Mauro não teria dito a verdade.

HELENA (*com altivez*) — Si pensas assim, só me resta...

CLÉLIA — Perdôa, Helena! Eu estou louca... Não sei o que digo.

HELENA — Tambem eu soffri muito. O' Mauro, como foste ingrato!

CLÉLIA — Mauro...

Silencio evocativo.

CLÉLIA — Tu o amas ainda, não é, Helena?

HELENA — Detesto-o!

CLÉLIA — Detestar é ainda uma fórma de amar. Sê franca: Por que me roubaste a doce illusão de ser amada?

HELENA — Evitar o irremediavel.

CLÉLIA — Desculpe-me, porém não creio.

HELENA — Fazes mal.

CLÉLIA — Não seria antes o ciume?

HELENA — Não...

CLÉLIA — Despeito?

HELENA — Não... Mas, já que insiste, dir-te-ei que foi tudo isto: Ciume, despeito, odio, desejo de vingança. Tudo! Jamais o meu amor proprio olvidou o gesto desdenhoso de Mauro. Não seria mulher si o esquecesse. O destino offereceu-me a opportunidade de salvar um lar e de vingar-me.

CLÉLIA — E não pensaste que me farias soffrer?

HELENA — Pensei. Porém, valia mais que fosse agora; não depois que Mauro, conseguindo o seu intento, te abandonasse. E isto era certo, fatal.

CLÉLIA — Mas até lá eu viveria afagada pela illusão. E a illusão é o sol da nossa vida. Agora, que me resta? A vida nebulosa, ao lado de um marido mercantil, e nada mais...

HELENA — Perdôa-me, Clélia.

CLÉLIA — Perdôo-te, sim! Perdôo-te, por que tambem soffres.

CREADA (*que se aproximára das duas, lentamente*). — E eu tambem que o amava tanto!... — Elle é tão bonitinho!... Um suquinho mesmo!... (*Desata a chorar*).

Jorge surge á porta. Vê as tres mulheres que choram e desanda a rir. Ellas olham para elle, escandalizadas.

JORGE — Bonito! Tres mulheres, e entre ellas a minha, a chorarem por um homem, ou melhor, por um maricas. Que sujeito de sorte! (*Fica um momento pensativo e conclúe:*) Si eu tivesse tres probabilidades a meu favor contra uma em todos os meus negocios, seria uma belleza! Olá si seria!

PANNO.

O medico. — E, sobretudo, recommendo-lhe que evite permanecer, por muito tempo, entre grandes grupos de pessôas.

O cliente. — Isto não será possivel, doutor. Sou ladrão de carteiras, e a minha especialidade são os omnibus.

O MELHOR

DE

J. H. ROSMY

BERNARDO Cartaud regressou á sua casa, assim por volta das oito horas e depoz vinte mil réis sobre a mesa. Não estava bebedo; havia bebido muito pouco...

— Vinte mil réis! — lamentou-se Gilberta. — Na outra quinzena me trouxeste trinta... Como queres que vivamos assim? Somos tres... e outro em caminho!...

Bernardo sentou-se, com aspecto radiante, e olhou a sopa, que fumegava. Era um homem loiro, com olhos de arabe e rosto agradavel. Sua esposa, Gilberta, tambem era formosa, summamente branca, com uma pelle de nenuphar e olhos de diamante, negrissimos.

— Ganhas dez mil réis por dia — insistiu ella — e não me dás nem um. Sem contar que pago tuas dividas...

— Não me aborreças! — rugiu elle, grosseiramente.

A sôpa assobiava ao passar da colher á sua bocca.

— O dinheiro, sempre o dinheiro! — disse.

— Entretanto, a gente póde morrer de fome.

Elle acabou de esvasiar o prato. Depois, quebrando-o sobre a mesa, de um golpe, exclamou:

— Deixa-te de historias e tenhamos a festa em paz!

Quando elle sahiu, ella ficou pensativa. Esmagava-a o peso do mundo, com sua espantosa desordem. Procurou tirar suas contas, e examinou pequenos papeis, nos quaes havia escripto algumas sommas. Toda a sua miseria apparecia em imagens obcecantes.

Bernardo voltou tarde, com uma bôa ração e cambaleando pelo corredor. Palavras incoherentes agitavam-se no fundo de sua garganta. Gilberta, mergulhada entre a cama e a parede, sabia que era preciso calar-se.

A' meia noite, elle se levantou, procurou o jarro na mesa, e ella podia ver-lhe a silhueta branquejada pelo clarão da lua. De repente, o homem sentiu algum allivio; depois teve uma allucinação. Estendendo o punho para a porta da cozinha, onde suppunha ver sua mulher, grunhiu:

— Apagae seu nome, eu vos digo! Não quero que tenha nada! Tudo deve ser para o pequeno; e, além disso, quero o pequeno para mim, pois ella não deve guardál-o... Ou eu lhe arrebentarei o nariz... Ah, porque me casei com ella! Eu era tão feliz, e agora sou tão desgraçado!

Ella escutava, alarmada. Elle continuava seu monologo:

— Teu pae é sagrado, Henriquinho... Eu jamais faltei ao meu. Por que ella quer que tu me aborreças?... Não lhe faças caso, entendes? Eu vou com os outros por solidariedade. Não me venderei... Ouve bem: nem um tostão para ella!

Foi até á janella, contemplou um momento o disco de nácar que fluctuava entre as estrellas. Depois abriu a janella, com uma premente necessidade de ar, e respirou. Penetrou na casa o frio, um frio glacial, que gelava até á medulla dos ossos.

— Isto senta bem, perfeitamente bem — repetia. — Quem me livrar de meu camelo, terá um premio.

Em seguida, soffreu um estremecimento e começou a cambalear. Um ruido surdo assignalou-lhe a quéda.

Gilberta escondêra a cabeça entre as cobertas. Sabia que elle havia cahido, e, então, sentando-se na cama, ella pretendêra saltar e ir em soccorro do companheiro. Mas uma invisivel mão a tinha obrigado a deitar-se de novo.

A infeliz mulher, durante alguns minutos, não poude pensar em outra coisa. Via o futuro como si o tocasse. Depois experimentou emoções com um pulsar desatinado do coração e suores frios por todo o corpo. Sentia seu esposo morrer sobre o ladrilho frio; estava dominada por um terror angustiante e uma piedade sem limites.

Bastaria, sem duvida, levantar-se, fechar a janella e amparar-lhe a cabeça... Mas dez vezes levantou as cobertas, e de cada vez as mesmas palavras assobiavam-lhe aos ouvidos:

— Tudo vae começar de novo!

Elle continuaria, com effeito, regressando bebedo durante dias, semanas, mezes, annos. Seria cada vez peor, cada vez mais malvado.

De quando em quando, ella escutava. Elevou-se uma especie de grunhido. Depois, um grito rouco; e, em seguida, era um ruido horroroso que sahia da garganta do homem. Por fim, tudo cessou...

Ella continuou ainda durante algum tempo immovel, porque não se atrevia a saltar do leito e porque, si saltasse, de certo cahiria na tentação de soccorrêl-o. E si fosse tarde de mais? Afinal os dentes lhe começaram a castanholar; as pulsações de seu coração tornaram-se tão horriveis, que era como si quizessem matál-a. Levantou-se lentamente, foi até á janella e, depois de fechál-a, accendeu a luz. Ali estava elle: de costas, com os olhos fixos, a bocca aberta. Não respirava. Ella poz-lhe a mão sobre o peito e a retirou immediatamente; em seguida, tremendo espantosamente, foi buscar um pequeno espelho, que não se empanou quando o collocou sobre a bocca de Bernardo.

Gilberta pensou que Bernardo era funccionario publico e que ella receberia uma pequena pensão, que, com um emprego que arranjasse, lhe daria para viver... Teria assim para comer e criar os filhos... E era aquella a melhor solução. Ajoelhou-se e chorou docemente a sua morte...

Era o melhor!

DEANTE DOS TEUS OLHOS HUMILDES

Esdras - Farias

Eu sonho uma casinha alegre no arrabalde.
Um conforto modesto. Um quasi nada, emfim.
Pela manhã, erguer-me á aurora côr de jalde,
procurar-te e te ver, risonha, junto a mim.

Arvores ao redor. Gymnastica ao ar puro.
Beber o quanto possa o ar das manhãs radiosas.
Ver-te saúdavel como um pecego maduro
cuidando do meu lar com as tuas mãos cheirosas.

Uma canção antiga, enternecida e mansa,
que ali possa evocar nossa felicidade
seja, nos lábios teus, meu rouxinol criança,
um poema de ventura e um poema de humildade.

Simples e branca, em teus vestidos claros, certo
o encanto e a graça dessa ideal physionomia
que tens, junto de mim, a olhar-te assim de perto,
hão de ser tudo quanto eu busco na poesia.

Sou muito simples. Muito humilde. Sou modesto.
Amo ao que é pobre e ao que é delicado á impressão.
O ruido humano, a vida artificial detesto.
No mundo eu quero ser como os teus olhos são.

Ser como uns lábios sem pintura onde, tranquillo
ou exaltado de amor, se abra o jasmim de um beijo
entre os lábios do poeta humilde, cujo estylo
é menos que um murmurio e menos que um lampejo.

E tendo-te, florindo em pessôa, em meu lar
— dois irmãos, porque a vida é um poema de amargura,
— dois amigos que a dôr não póde separar,
— dois amantes, porque o amor nos transfigura,

por isso, meu Amor, nesses dias serenos
na inspiradora paz das coisas naturaes,
para seres feliz eu não desejo menos,
para eu viver feliz tu não desejas mais.

COMPARAÇÃO. — O trabalho de caçar umas phocas...

... não é nada, comparado com o de pagar o "manteaux" de pelle de phocas.

UM SENTIMENTAL

NAQUELLE outomno, quando já o luto pelo pae começava a ser alliviado, mãe e filha foram sahindo um pouco, ás primeiras horas da noite, após o jantar.

Iam as duas, melancolicas e graves, sentar-se no ultimo banco do jardim publico, e perto dellas se deitava, tranquillamente, o cão familiar — aquelle cão negro, tambem de luto, grande e sério, que lembrava o dono extincto, como esses relogios grandes que só podem ter pertencido a um homem. Com aquelle cão estirado a seus pés, mãe e filha tinham, loiras e elegantes, o aspecto de grandes damas, e faziam seu o banco de todos, transformando-o em um sofá onde se sentassem para receber o desfile de pesames de um cortejo interminavel.

Todos os que passavam se voltavam para olhál-as com caras instinctivamente compungidas; sobretudo os homens, esses solteirões impenitentes que, ao chegar o outomno, sentem mais aguda a pontada de sua solidão.

Davam tão viva a impressão de um lar elegante, em que os moveis teriam doirados reluzentes e as coisas estariam numa ordem primorosa!

Haveria um piano mudo por emquanto, mas no qual os dedos ageis da joven despertariam, depois, musicas esquecidas, e o gabinete do pae estaria como elle o deixou: com as estantes cheias de livros; na mesa, a grave escrivaninha monumental e inutil; a poltrona talhada, de estylo hespanhol; algum painel imponente, nas paredes; tudo aguardando o genro pósthumo que viesse occupar seu posto naquelle banco.

A suggestão tornou-se mais viva quando as noites ficaram mais frescas e ellas começaram a balbuciar insistentes a palavra *lar*. Então, os transeuntes solitarios que por alli passavam olhavam com nostalgia irresistivel a mãe e a filha, que eram como um grupo héraldico com o cão deitado a seus pés.

E o outomno extinguia-se docemente, e mãe e filha começavam já a abreviar sua presença naquelle banco, que parecia seu, quando uma noite se produziu o milagre que talvez inconscientemente esperassem.

de
R. Cansinos-Assens

NA CASA DE MODAS. — A esposa (que está escolhendo um vestido, para compral-o). — De qual gostas tu mais, Basilio?
Basilio (distrahido). — Prefiro... a de cabellos loiros e olhos azues.

A esposa. — Foste tu que tiveste a idéa de virar de côstas o retrato de mamãe?
O marido. — Por que? Será que está mordendo a parede?

Um homem de coração terno, sentimental, um desses homens que nas pensões e nos hoteis sentiram a necessidade de um lar de amor e de comidas inoffensivas, passando deante do banco, teve um estremecimento de alegria inverosimil.

Num instante viu o lar que elle sonhára tantas vezes!

Aquelle lar era completo. Até cão havia nelle! Este ultimo detalhe foi, talvez, o que acabou de decidil-o; e, com uma ousadia maravilhosa, aquelle homem predestinado foi sentar-se no banco da viuva e da filha, com uma saudação amavel.

Como se farejasse sua grande miséria sentimental, o cão o recebeu com um olhar affectuoso e comprehensivo. Suas donas se julgaram obrigadas a imitál-o. E começaram, naquella noite, umas relações que tiveram um remate nupcial logo que se extinguiu o periodo de luto rigoroso.

O eterno hospede teve, afinal, um lar, um lar completo, onde não faltavam a mãe politica — esse luxo! — e o grande cão sério.

Mas, depois da lua de mel, começaram a surgir os primeiros dissabores. Aquellas duas mulheres, que tinham o orgulho aristocratico de seus cabellos loiros, sentiam um desdém instinctivo pelo pobre homem, cheio de excessivas ternuras. Impunha-lhe sua vontade em tudo, sem, que de nada servissem sua docilidade e submissão, a não ser para tornál-o mais grotesco e ridiculo deante dos frios olhos azúes da mãe e da filha.

Até que, fartas, afinal, daquelle homem doce, que as envergonhava perante suas relações, resolveram abandonál-o, e assim o fizeram, arranjando com elle, amistosamente, o negocio da pensão, para evitar um escandalo social.

E partiram, deixando só com o cão, cuja companhia elle defendeu teniazmente, como si se tratasse de um filho. O homem ficou com o cão, que, de resto, talvez houvesse sido a causa inconsciente de seu casamento, contribuindo para a evocação do lar feliz.

E consolou seu pesar contemplando-se nos olhos leaes de "Leão" — daquelle cão sério e docil, em cuja infinita ternura embebeu a ternura inesgottavel de sua alma.

UMA AVENTURA

— Ha pequenas fraquezas — disse Gustavo Gil — que causam mais remorsos do que uma acção má. Ha annos, ao sahir de uma tarde de maio, encontrei na rua uma loira, que me seduziu por sua belleza, elegancia e maneira de andar. Segui-a. Ella entrou em varias casas commerciaes. Esperei-a, e, depois de uma hora de paciencia da minha parte, ella se voltou, de repente, para mim, e, olhando-me ironicamente, disse:

— Você vae deixar de seguir-me, joven idiota!

— Perdão... — balbuciei. — Perdão... senhora... Mas não pude evital-o...

Sem deixar de fitar-me, ella continuou:

— Afinal, si lhe fôr agradavel...

Fez uma pausa e concluiu:

— ... permitto-lhe que me convide para jantar.

— Senhora! — exclamei, louco de alegria.

Eram sete horas. Entrámos num restaurante, e jantámos. Ella escolheu tranquillamente os melhores pratos, vinhos raros e champagne do mais fino. Mas esteve tão carinhosa, que durante o jantar vivi num desses sonhos loucos e absurdos da juventude.

Por umas palavras soube que era ingleza, o que me surprehendeu, porque sua pronuncia não revelava que fosse estrangeira.

A apresentação da conta me fez despertar.

— Podemos ir a um theatro — propuz.

Ella acceitou, encantada.

Comprei um camarote, e ella se divertiu como uma criança.

Ao terminar o espectaculo, ella suspirou:

— E' preciso que nos separemos.

— Mas... — balbuciei.

Ella se poz a rir, e me disse:

— Dê-me seu endereço. Escrever-lhe-ei. Passei uma linda noite.

Em recanto deserto da rua, consolou-me:

— Não fique triste. Ha de ver.

— Mas, separar-nos tão cedo!

Aproximou-se de mim, e deu-me um longo beijo na bocca.

Variações sobre

SUICIDAR-SE é hypothecar voluntariamente a promissoria da vida na banca... rota do desespero, sem esperar o vencimento.

O suicida demonstra originalidade: dispensa o trabalho dos "cadaveres". O seu proprio deve a si mesmo, o que é o cummulo da fallencia fraudulenta.

Os que se matam: si é devedor, é porque teve consciencia de sua culpa no cartorio ou porque teve medo da furia do credor, e este mostra ser caridoso para com os outros, pois dispensa a estes de fazer o que fez a si mesmo: matar-se na cabeça.

O suicida é um heróe: vence sua propria covardia.

Si no outro mundo ainda existem credores e "cadaveres", os suicidas arrepender-se-ão da fuga apressada que fizeram levando na cabeça...

A morte iguala duas especies de homens: os que a temem e os que della zombam. Ambos matam o tempo, e este, afinal, os liquida a prazo longo...

Os suicidas têm suas razões. São medrosos ou são heróes. Os primeiros temem soffrer, e os segundos vencem a dôr futura, extinguindo todas as probabilidades de sua vinda.

Matar-se por amor é grande tolice. E' excessiva confiança no ente

de J. H. Rosny

E ao separar os labios, ella disse:

— Como em meu paiz. Até á vista.

E afastou-se rapidamente.

Permaneci um momento aturdido. A' tristeza da separação se uniu immediatamente uma grande inquietação. No restaurante e no theatro, eu havia gasto toda a mensalidade que acabava de receber de meu pae. Restavam-me vinte ou trinta francos. No dia seguinte, tinha que pagar minha pensão e eu era incapaz de pedir dinheiro emprestado a qualquer um dos meus amigos.

Adormeci obcecado pela imagem de minha bella desconhecida, pela recordação de seu beijo inolvidavel e pela desagradavel visão da dona da pensão, apresentando-me o recibo do mez.

Foi um agridoce despertar o meu.

A's nove da manhã bateram á porta.

— O senhor Gustavo Gil?

— Sou eu.

O portador entregou-me uma carta, que me apressei a abrir, mal a porta se fechou.

Dizia a carta:

"Joven: Não lamento minha noite, que me fez reviver horas innocentes, cuja recordação me é grata. Mas tenho um remorso. Estou certa de que você fez um sacrificio economico superior ás suas possibilidades. Sirva-se acceitar esta bagatella, e guarde sempre de mim uma agradavel recordação."

Acompanhava a carta, com effeito, um cheque de dois mil francos.

Senti-me humilhado e offendido a um tempo.

— Isto é que não admitto! — exclamei.

Mas, nesse momento, bateram de novo á porta. Era a dona da pensão com o recibo. Mostrei-lhe o cheque, e naquelle mesmo dia lhe paguei. Passei algumas horas sentindo vergonha de meu proceder. E agora mesmo me ruborizo ao recordar o que fiz.

— E você não viu mais a formosa joven? — perguntou Quichevolle.

— Querido amigo! Si a houvesse visto de novo, a má recordação se apagaria...

O suicidio

amado ou grande desconfiança nos outros e em si mesmo.

— A melhor fórma de evitar aborrecimentos é matar os outros ou a si mesmo. Em todos os casos, a receita satisfaz.

— Estoico é um homem que se compenetra de vencer a si mesmo, já que não póde vencer aos outros.

— A morte é a ultima victoria, quando é natural. Naturalmente, o suicidio é uma derrota da vida.

— Ninguem morre na vespera, porque o melhor da festa é esperar por ella, e a festa, neste caso, é a morte; eu direi que é a vida... (M. de Assis).

— Os desgraçados desejam a morte porque não conhecem a vida. Os felizes temem a morte porque conhecem de mais a vida. Os suicidas são seres intermediarios. Viveram indecisos entre as duas categorias. Só a morte foi capaz de lhes dar o ultimo titulo: um feliz desgraçado...

— O suicidio quasi sempre é um motivo. Outras vezes, um pretexto. Em muitos casos, uma simples vaidade posthuma dos que não conseguem realizar suas vaidades vivas...

— Existiram suicidas modelos: Nero e Seneca. Um morreu porque pediu que o matassem. O outro matou-se porque pediram que se matasse...

M.

OS HERDEIROS

QUEM ERA THEOBALDO

NÃO era possivel pôr em duvida a proximidade imminente do fim de Theobaldo. Dia a dia, sua saúde offerecia novas opportunidades aos numerosos achaques que o haviam transformado em uma respeitavel calamidade.

Apenas se podia considerar um vestigio de si mesmo, do homem vigoroso e elegante que fôra durante muitos annos.

Suas horas deslisavam agora monotonas, longas, com impiedades de verdugo. Privado de quasi todo movimento, quando o leito lhe resultava insupportavel e o ar do aposento suffocante, pedia que o mudassem de posição, obrigando as pessôas de seu serviço — uma velha criada e uma joven estrangeira — a transportál-o para uma cadeira de balanço, na qual resistiu aos soffrimentos de alguns dias, até que, torturado por suas dôres, pedia que o levassem de novo para o quarto.

— Já não sei quando você deixará de atormentar-nos — eram as palavras que, invariavelmente, deixava ouvir a velha criada, resmungona, sem occultar sua contrariedade, emquanto, com o auxilio da joven, conduzia aquelle resto de homem.

As mais das vezes o velhinho não ouvia, ou fingia não ouvir. Conhecia tão bem as miserias do mundo e tão debeis vinculos sustentava já com elle, que não mais o impressionavam as mal humoradas recriminações de quem não tinha o direito de formulál-as.

Mas, havia dias em que o mau humor da criada augmentava. Então, seus juizos assumiam o aspecto de censura francamente hostil.

— Ah! Como você sentirá o ter ficado solteiro! — costumava dizer-lhe. — Vê como de nada vale a fortuna? Nem esposa, nem filho, nem neto a quem confiar os pesares, nem de quem esperar uma palavra de consolação. Não fossemos nós, almas piedosas, e você já estaria entre os mortos.

Theobaldo, si não ouvia, adivinhava o sentido de taes palavras, mas se abstinha de replicar. No emtanto, quando tanto loquacidade começava a tornar-se excessiva, gemia debilmente:

— Tens razão, Maria. Mas, deixa-me em paz!

Havia dois mezes que se achava assim no campo, na quinta conhecida pelo nome de *O Trevo*, herdade de seus paes, e onde Theobaldo costumava passar curtas temporadas estivaes.

O commodo casarão, nem antigo nem moderno em sua architectura, discretamente occulto entre uma vegetação frondosa e vetusta, se lhe deparava, outróra, como um retiro agradavel, um sedativo virtuoso para aplacar os ardores de sua existencia febril.

Gostava de recolher-se em sua soledade, como um monje no claustro, e ahi deixar-se ficar até sentir-se impotente para vencer as tentações seductoras da vida mundana.

Agora, não. Agora, permanecia indifferente a seus attractivos. Para dizer a verdade, preferiria outro logar. Mas o medico divergia de opinião e era preciso submetter-se a seu dictame.

Quando o entardecer o surprehendia em seu assento, sob o corredor sombrio situado deante do jardim, o encanto evocador da hora, rica em fragrancias enervantes e em vistas panoramicas, suscitava em seu espirito um interminavel desfile de recordações a cuja attracção não conseguia fugir.

OS SUPPOSTOS HERDEIROS

A avareza de Theobaldo gozava de vasta e merecida diffusão. Constituia o traço predominante de sua personalidade. Contavam-se casos que não admittiam duvidas sobre o facto. Por exemplo: sua resistencia em occupar, em seus passeios pelo *O Trevo*, um vehiculo de aluguel, ainda que os caminhos estivessem intransitaveis pelo lodaçal.

Havia accumulado, em operações bancarias, grandes importancias, e não tinha outros parentes além de um sobrinho, advogado, de numerosa descendencia, e com o qual não mantinha relações, pois as rompêra definitivamente, annos atraz, e não mais as reatára.

Nunca se conheceu a causa certa do rompimento. Mas alguns a attribuiam á insistencia com que o sobrinho appellava para o amparo financeiro do tio.

De Antonio Morello

Segundo parece, Theobaldo resolveu, um dia, acabar com tanta impertinencia, o que conseguiu depois de penosos esforços. E havia já algum tempo não tinha a menor noticia do advogado e sua familia.

Estes, entretanto, apenas deixavam passar horas sem se informar de maneira alguma a respeito da saude do tio solteirão e rico, de que se consideravam unicos e legitimos herdeiros. Sabendo ter-se aggravado seu estado, haviam organizado uma verdadeira vigilancia, da qual participavam igualmente as duas mulheres da casa de Theobaldo e o doutor Rodrigues, medico assistente e insubstituivel do enfermo.

MA'S NOTICIAS

UMA noite, de regresso de O Trevo, o doutor Rodrigues se apressou a levar ao conhecimento do advogado o estado alarmante de Theobaldo.

— Não passará desta noite. Embora me seja doloroso, posso asseguràl-o. Dentro de uma hora estarei com elle, e não o abandonarei até o momento extremo.

— Lá nos encontraremos — respondeu seu interlocutor, sem hesitar, e interrompendo a communicação telephonica.

E, effectivamente, logo depois de ali chegar o medico, appareceu no quarto do enfermo o advogado, que se fazia acompanhar de sua esposa e de suas seis filhas. A familia inteira ali estava, solicita, desolada, para assistir aos ultimos momentos do velho. Ostentavam trajes negros e no semblante a expressão de um pesar angustiante.

Rodearam o leito em que agonizava Theobaldo, cuja cabeça, afundada no travesseiro, parecia a de um cadaver. Si alguma coisa demonstrava que elle ainda vivia, era o leve rumor de sua cansada respiração. Certamente, a morte não poderia modificar muito mais sua livida effigie.

O medico observava sem cessar o pulso do enfermo e respondia as numerosas perguntas dos presentes com razões cheias de saber.

— Investiguei o mal até suas raizes occultas. Não é possivel extinguil-o, nem siquer detêl-o, ou desvial-o. Não tenho noticias de que, em casos identicos, o enfermo se haja salvo. Só um milagre...

A PRESENÇA DA MORTE

AS jovens supportaram com louvavel paciencia tudo aquillo durante um par de horas; mas depois começaram a achar sem interesse o desempenho de seu respectivo papel e numa scena sem movimentos e sem alternativas.

A senhora. — Vamos ver o que são estes ruidos que se ouvem lá em baixo.

O esposo. — (que treme, suppondo que ha ladrões em casa). — E' melhor que eu vá atraz de ti, e, assim, poderei cahir sobre elles de improviso, e sem que me vejam.

A menor procurou assento em uma cadeira collocada a um canto. Outra se poz a folhear algumas revistas de modas esquecidas em uma pequena mesa, e as restantes iniciaram, em voz baixa, commentarios triviaes.

De repente, se animou o ambiente. Todos os olhares se dirigiram simultaneamente para o enfermo. Todos sentiram passar sobre elle o sopro implacavel da morte. Sem duvida, haviam percebido o primeiro estertor da agonia.

Mas enganavam-se, porque a face de Theobaldo parecia mudar visivelmente. Sua apparencia cadaverica desapparecia. Alguns viram como se movia debilmente o corpo que, havia muitas horas contemplavam immovel. Toda incerteza desappareceu quando as palpebras do moribundo se entreabriram.

A' excepção do medico, ninguem tinha coragem de affrontar aquelle olhar frio e penetrante.

E, como os olhos de Theobaldo, cada vez mais vivos e seguros de seu vigor crescente, passearam insolentes e inquisidores de um a outro lado, detendo-se em alguns rostos, todos, aterrorizados e aturdidos, se precipitaram, em massa, para a porta.

O medico, sem sahir de seu assombro, murmurava:

— Talvez um milagre!...

EPILOGO

POUCO depois, aquelles seres, fugindo da vista de Theobaldo como de uma apparição monstruosa, desfilavam pelo caminho arborizado que conduzia á rua.

Entre os claros dos arbustos, suas silhuetas semelhavam, áquella hora da noite, mysteriosas sombras fugitivas. Eram esperanças frustradas que marchavam em silenciosa procissão...

MANON (Capital) — Manon... E' delicado esse nome. Lembra uma figura interessante de mulher: Manon Lescaut...

Manon Lescaut era voluvel. Amava o cavalheiro Des Grieux. Mas era tão leviana, que merecia levar um tiro...

Aqui, no tiro, ergo a minha penna, para evitar uma tragedia, e continúo a leitura da sua missiva prosaica... E ai! *d. Manon!* (Esse *dona* veiu mesmo a calhar) Ali, *d. Manon*, verifico que toda a poesia da sua pessôa se esvae, como um gaz... um gaz... complicado... E noto que a "senhora" é... um senhor.

Que decepção!

Diz o amigo na sua missiva: "Sciente de quão grande é a sua correspondencia..."

Francamente! Eu implico, ás vezes, com as pessôas, somente pelos termos e phrases que pronunciam.

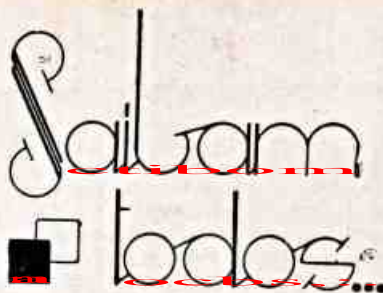
O sr. escreve: *quão!* E eu sinto um mal estar de tal ordem, que desejaria conhecel-o para gritar-lhe ao ouvido: "Sr. *Quão-quão!* E' possivel que não encontrasse outro adverbio para arrumar em cima de mim?"

De resto, um homem que diz — *quão*, está irremediavelmente perdido. No dominio da intelligencia, elle não será senão um escriptor de terceira classe. No convivio social, é um cavalheiro amigo da rotina, que usa frack, calças curtas, gravata plastron, collarinho alto — modelo Lopes Trovão — botinas de elastico, chapéo de abas curtas, trepado no cocoruto da cabeça; uma pasta sebosa, debaixo do braço ,e uma bengala, de peroba, pesadona, cujo castão deve representar a cabeça de um jacaré, de um cachorro, de um cavallo; a pata de um asno ou outra qualquer coisa extravagante...

(O sr. joga no bicho?)

A' tarde, quando esse cidadão rotineiro retorna á sua casa, cheio de embrulhos e sonetos, as moças bonitas e alegres da vizinhança murmuram com espirito: "Lá vae o *Dr. Quão-quão*".

Um homem que diz: *quão*, deve ser um palerma. A namorada lhe come os bombons saborosos; vae ao cinema á custa delle; pede-lhe que pague o automovel; explora-o de todos os modos e, no fim de contas, quando dá os seus melhores beijos, é a um almofadinha moderno, que veste á John Gilbert, dança tangos com maestria e, apesar de menos intelligente, só pronuncia palavras bonitas. (Sim, porque — *quão* — é uma palavra feia...)

Não se pense que desejo appellidal-o *Dr. Quão-quão*. Não digo isso. E para se vêr que não invento, que não digo mentiras, transcrevo para aqui a sua carta e o soneto que me endereça:

Illmo. Sr. Yves — Sciente de quão grande é a sua correspondencia, serei laconico.

Desejo apenas apresentar ao mestre da penna um pequeno trabalho, pedindo-lhe que o julgue.

Para a resposta usarei o pseudonymo

MANON

Muito obrigado."

"TERRA NATAL"

Recordo ainda, com saudade immensa,
O pequeno logar onde nasci,
Em que, o coração cheio de crença,
Doces annos de infancia consumi.

Havia a serra, abrupta e alcantilada;
A seus pés se estendia o casario,
Branquejante na noite enluarada,
A mirar-se no espelho de um rio;

A igrejinha para o céo erguida,
Olhando as ruas e o jardim florido
Com o seu repuxo orchestrando atéa...

Terra distante, onde eu vi a vida!
Berço que eu amo! ó torrão querido,
De gente simples e de gente bôa!

Manon

NALDO LOSIL (Minas) — Hum! hum! Pelo pseudonymo — Naldo Sosil — (o sr. é turco?) estou a vêr que o poeta é dagua doce...

Emfim, vamos á carta que me escreve. Dois pontos:

"Sr. Yves — Felicidades neste anno de 1931 é o que lhe desejo em primeiro logar. Em segundo, espero que vocemecê goste de meus "trabalhos litterarios" (poesias de quem amou e quasi não foi amado) que são "da pontinha" (modestia á parte) e têm muito "it".

Esperando o seu bom acolhimento nas paginas de "Fon-Fon", de quem sou constante leitor, espero me responder pelo pseudonymo — Naldo Losil —

Grato, envio-lhe os ditos trabalhos e solicito-lhe sua maxima benevolencia. Do amigo ás ordens."

Agora, os versos:

SAUDADE

(futurismo ingenuo)

A' AURINHA

e
a noite é fria,
a lua se esconde
no vasto colosso
do céo que eu via.

tudo dorme,
e eu sozinho canto
a cantiga
daquelle dia santo
em que nós dois
juntinhos,
alegres brincavamos,
naquelle cantinho.

Não disse que o sr. era poeta dagua doce? Em todo caso, eu lhe agradeço os votos de felicidade... E' o dever de cortezia que me cumpre. Quanto ao de critica, devo dizer que si os maus poetas fossem julgados num tribunal do jury, — e eu fosse jurado — sem pena lhe daria trinta annos de cadeia...

GARÔTA ABORRECIDA (3) — Geralmente, perdôo a um marmanjo, que me pede conselhos sobre o modo de proceder com uma dama de quem gosta; geralmente, perdôo a esses bipedes que me escrevam á machina. Perdôo tambem, em condições analogas, aos cavalheiros que me descompõem; aos poetastros, aos cacêtes que em nada me podem interessar. Por que? Porque são pobres de espirito. São creaturas cuja mentalidade possúe asas de moscardo; nunca as do condor, as da aguia altiva e soberana, que móra nos pincaros dos Andes.

A chateza do espirito dessa gente não dá senão para as funcções mechanicas da vida ("honny soit qui mal y pense...") inclusive escrever cartas literarias á machina, sem que a isso sejam forçados pelas circumstancias.

Mas não perdôo a uma senhorita, que, tendo asas de anjo (toda mulher não é anjo?) espera voar com ellas ao Parnaso, levada pelas sete musas. Ah, não! Não as posso perdoar. Não é possivel!

Uma joven, uma senhorita, uma "jeune fille", uma cidadã de saia, (e não sei onde estou que não digo — poetisa;) não tem o di-

reito de se egualar a um marmanjo. Ella só deve escrever com a sua letrinha delicada, em fino papel de linho, — afim de que possa dar uma idéa de superioridade e bom gosto.

Mas v. ex. escreve, prosaicamente, em papel de machina, embora em papel de linho. E o que é mais: chama-me aquillo que só eu lhe deveria chamar — guardadas as restricções do sexo: bomzinho.

Bomzinho!... Sim, senhora, — bomzinho!

Vejamos essa coisa incrivel, que é o texto da sua missiva dactylographada:

"Saudações Attenciosas!

Uma... duas... tres... quatro... folhas... E desse tamanho... E cheinhas... E de versos!... E' de enlouquecer!... Procuro adivinhar de aqui, á distancia, as expressões aborrecidas do Yves, recebendo este masso, uma verdadeira masada.

Sêja bomzinho para mim, Yves: peço-te apenas, cinco minutos de attenção, para leres os meus versos, e dares sobre elles o teu valioso parecer; o auctor de "O Suave Enlevo" não pode ser máo; não é?

Não tenho a pretenção de ver a minha "Penumbra" escurecendo as paginas de "Fon-Fon". Quero apenas, saber o que Yves pensa de meus versos, e só por isso, seja qual fôr a sentença, ser-lhe-á infinitamente grata, a

Garota Aborrecida".

Essa carta estragou o bom juizo que fiz de v. ex. — ao ler o poema que me envia.

Com ella, não posso crêr que sejam suas as lindas estrophes de *Penumbra*. V. ex. não é uma poetisa; é, apenas, muito bôasinha... Isto é, incapaz de fazer a maldade de um soneto...

DESDICHADO (Capital) — A sua carta — que aliás revela um cerebro em desordem — (mas qual o cerebro que não tem lá a sua desordem?) — encerra um commentario interessante. Por dois motivos: primeiro, porque abre campo a dissertações philosophicas; depois, porque significa uma maldade, que não chega a desorientar, não chega mesmo a fazer mal — porém causa um *frisson*.

Vejamol-a: "Ainda recordo o retrato que lhe fiz: — um velho intelligente e que quer, a muque, ser moço, "— escreve o sr.

A sua maldade não está propriamente na phrase: está é na intenção que põe nella. Na verdade, as palavras são bôas ou más pela intenção que temos ao proferil-as. Exemplo: eu posso dizer do sr.: "*Desdichado* é um cidadão muito bomzinho". E o sr. terá o direito de perguntar: "Então, eu, um moço intelligente, de merito indiscutivel, sou, realmente, um cidadão muito *bomzinho*? Esse *bomzinho* não quererá dizer: — vulgar, imbecil, palerma, bocó?" E eu sorrirei ou me defenderei. Porque, de facto, o sr. suscitou uma questão curiosa.

Géraldy foi estupendo, quando notou que nós vivemos por traz das palavras...

Mas, voltando á sua perfidia ôca. Ella existe — naquelle "velho intelligente".

Por que? Porque si o sr. me conhece, de facto, quiz dar-me com ella uma alfinetada; e si não me conhece, tambem me quiz dar a mesma alfinetada — mas de modo diverso, é claro. Por palpite, digamos.

O diabo é que eu sou como certos fakires hindús: á força de ser alfinetado, já me insensibilizei á dor que me possam produzir.

Raciocinemos, no emtanto, — o que deve ser esquisito, para o sr., cujo cerebro, segundo confessa, anda avariado.

Um homem só é velho, no sentido freudiano da palavra. (Antes de tudo: já leu o grande Freud?) Ora, eu lhe asseguro — quer a prova? — que estou na recta daquelle graphico de Forel.

Forel traçou o graphico da energia masculina.

Consiste no desenho de um trapezio isosceles ou de um planalto imaginario. Desde criança, o homem começa a subir um dos flancos do referido planalto; na maturidade, elle segue pela superficie do mesmo; na velhice, vae descendo pelo seu flanco opposto ao primeiro. Percebeu?

Sei que o sr. não é uma senhorita; é, talvez, um representante do meu sexo. Mas, apesar disso, eu o convido a verificar a exactidão do que lhe acabo de affirmar...

Si o sr. não estivesse, como declara, com o cerebro avariado, teria concluido, logicamente, que um homem não póde querer ser, nem deixar de ser — velho. E' facil alguem revoltar-se contra os signaes da velhice; mas não é facil encobrir que já foi attingido por ella. Por isso, eu não digo que o sr. tem razão, nem que a não tem. Julgando-me, — de má ou de bôa fé — o sr. age como si me chamasse esquimau, hollandez, ou jurasse que sou mandarim ou um valente toureiro, capaz de quebrar, a muque, afiadas pontas taurinas...

Admittamos, porém, que o sr. o dissesse — só pelo prazer de me forçar a esta resposta, que já vae longa. Sim, sou um velho de sessenta annos... Mas si desejo ser moço, não é muito por mim. São estes os motivos: 1.º — pelo que acima expuz, quando falei em Freud; 2.º — porque, si tudo em mim revela força e vigor, bom humor e vivacidade, é claro que não posso desejar essa velhice que me attribue...

Agora, onde o sr. é verdadeiro — só em parte — é quando escreve: "Si quem lhe escreve — desperta a recordação do caminho que percorreu: é um bom sujeito; mas si lhe lembra as pedras em que tropeçou: é um homem como outro qualquer..."

Mas isso não é humano? Respondo com a parabola biblica: "Quem se julgar isento de peccado, que lhe atire a primeira pedra..."

Graças a essa idiosincrasia, é que tenho o bom senso e a discreção de observar esses postulados:

I — Não procuro affligir o afflicto.

II — Não contribúo para amargurar a vida de quem é feliz.

III — Sou discreto e não sou invejoso. Que o digam as centenas de postas que aqui entram pela minha mão.

IV — Não confundo o artista com o homem. Então, teria de detestar Oscar Wilde, Verlaine, Edgard Poe, Baudelaire e tantos outros.

V — Perdôo mais facilmente do que accuso.

VI — Si o meu inimigo é mais fraco do que eu, e me pede misericordia, eu o respeito; si é mais forte, eu o enfrento, sem covardia. Disposto a não ser vencido.

E eis porque lhe respondo com desassombro. O sr. é temivel.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sòmente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 2-5-931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Uma natureza enigmatica

de Antón Chejov

MEIO recostada no assento de velludo de um carro de primeira, viaja uma senhora linda e meuda. Em sua mão, nervosamente apertada, se agita um precioso leque de franjas. Usa oculos de ouro, que lhe caem, a cada momento, de seu bello narizinho. Sobre sua garganta sobe e desce um broche, que parece fluctuar como uma frágil embarcação sobre as ondas. A senhora meuda está agitadissima.

Deante della, viaja um funccionario para missões especiaes do governador: é um joven escriptor principiante, que publica, no *Mensageiro do Governo*, narrativas, ou, como elle as intitulava, *nouvelles* da vida do *grand monde*...

Olha a senhora nos olhos, bem de frente, com a insistencia de um olho conhecedor. Observa, estuda, procura dominar, apoderar-se dessa natureza excentrica, enigmatica. Comprehende-a, descobre-a. Sua alma, toda sua psychologia são claras para elle, como si as tivesse na mão.

— Oh, vejo-a, comprehendo-a, concebo-a perfeitamente! — diz elle, beijando-lhe a mão junto á pulseira. — Sua alma sensivel, impressionavel, procura sahir do labyrintho... Sim; é uma luta terrivel, formidavel... Não desespere... Você triumphará... Sim!...

— Pinte-me em uma de suas obras, Valdemar! — exclama a senhora, sorrindo melancolicamente. — Minha vida é tão cheia, tão diversa, tão esquisita... Soffro como um herói de Dostoiewski... Revele minha alma ao Universo, Valdemar. Mostre ao mundo esta minha pobre alma! Você é psychologo. Ainda não faz uma hora que conversamos neste compartimento, e você já me adivinhou toda, completamente!

— Fale, senhora, fale; eu lho supplico.

— Escute-me, Valdemar. Nasci de uma familia pobre. Meu pae era empregado publico, bom, intelligente... Mas... *vous comprenez*... as idéas modernas, o meio... Eu não culpo a meu pobre pae... não, de modo algum. Elle jogava, embriagava-se.... E minha mãe! Que posso eu dizer della? O soffrimento, a luta pela vida, a consciencia de sua propria insignificancia. Ah, não me force a recordar-me de tudo isso! Eu mesma tive que agir.... Absurda educação do Lyceu, leitura de novellas estupidas, erros de juventude, primeiro amor timido.... E a luta com o meio? Atroz! E as duvidas? O soffrimento de sentir que se duvida de si mesma, da vida.... Oh, você é escriptor e nos conhece ás mulheres! Eu sou dotada de um temperamento generoso... Esperava a felicidade.... E que felicidade! Tinha uma louca vontade de ser alguem. Sim, nisto, em ser alguem, eu via a felicidade!

— Maravilhoso, arrebatador! — murmura elle, beijando-lhe a mão junto á pulseira. — Não é a você que eu beijo, é, sim, ao soffrimento humano! Lembra-se de Raskolnikov?... Era assim que elle beijava.

— Oh, Valdemar, eu tinha necessidade de gloria..., de ruido, de deslumbramento, como a tem (por que fazer-me de modesta?) toda natureza que se afasta da vulgaridade! Eu tinha sêde de alguma coisa extraordinaria!... E veja você, veja você... Um velho e rico general! surgiu no meu caminho, e eu fui sua esposa. Comprehende, Valdemar? Era o sacrificio, a abnegação... Comprehende? Enriqueci minha familia.... Viajei, fiz o bem.... Mas, como soffri! Que insupportaveis, que baixamente vis eram os braços do general, embora (é preciso fazer-lhe justiça), se houvesse batido em seu tempo como um herói! Houve momentos horriveis! Mas a idéa de que o velho morreria hoje ou amanhã me consolava; a idéa de que eu viveria como quizesse, de que me uniria a homem que amasse, de que seria feliz.... E.... tenho esse homem á minha disposição, Valdemar! Deus é testemunha de que o tenho!

A meuda senhora agitou o leque aceleradamente, e seu rosto tomou uma expressão dolorida.

— O velho morreu. Deixou-m[illegible] o pouco dinheiro que [illegible] sua, e agora eu sou livre como o passaro. E' só querer, e serei feliz. Não é isto, Valdemar? A felicidade bate á minha janella e eu só teria o trabalho de abril-a... Mas, não!.... Escute-me, Valdemar; eu lho rogo! Agora seria preciso consagrar-me ao homem amado, ser sua companheira, seu amparo, seu ideal.... Ser feliz, respirar. Mas, como tudo, neste mundo, é banal, feio e estupido! Como tudo é vil! Sou desgraçada, desgraçada, degraçada, desgraçada! De novo se ergue um obstaculo em meu caminho! De novo sinto que minha felicidade está longe, longe... Quantos soffrimentos! Si você soubesse!.... Quantos soffrimentos, Valdemar!

— Mas, que occorre? que ha de novo em seu caminho? Peço-lhe que fale claramente! Que ha?

— Outro velho rico... que quer tornar-me sua esposa.

O leque quebrado occulta o lindo rosto da dama. O escriptor põe a mão na cabeça, pensativo. Suspira, e, com o ar conhecedor de um perfeito psychologo, reflecte.

O trem apita, resfolegante. As cortinas das janellas purpurejam ao sol poente.

NÃO TE AFFLIJAS

A mancha sahirá com agua e sabão e o teu pyjamas novo não desbotará: é de tecido tinto com

INDANTHREN

o corante que resiste ao sol, ás chuvas e ás repetidas lavagens.

Nas bôas casas já se acham á venda tecidos tintos com corantes

INDANTHREN

e marcados com a etiqueta registrada ao lado

É este o caracter dos laços matrimoniaes no Brasil, onde uma alta moral religiosa tem protegido a sociedade contra as investidas vãs do divorcio, planta damninha que não póde medrar em terra christã como a nossa.

É em tal base de *união até morte* que se fundam os lares brasileiros, cujo caracteristico é o espirito tutelar da esposa, guarda vigilante e incondicional da familia.

Mas para que a joven esposa possa arcar desde o inicio da vida conjugal com suas responsabilidades de zeladora do lar, é preciso que saiba defender a propria saude, contra os males periodicos a que está exposta todos os mezes. Para isto basta ter sempre na lembrança que para os *Incommodos de Senhoras* nada ha que se compare ão infallivel remedio

A Saude da Mulher

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 18

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 2 de Maio de 1931

OUTRÓRA E HOJE

OUTRÓRA, os cantos dos poetas eram considerados como os perfumes da vida. Dahi o titulo de *Thymiamata*, dado aos hymnos de Orpheu.

Hoje, de muitos versos sem pé nem cabeça que andam por ahi, bem se pode dizer que cheiram mal...

* * *

Outróra, quando o mundo se não debatia em crises formidaveis como a que apreciamos, todos os dias duma existencia normal eram como esperanças.

Hoje, que presenciamos a agonia da civilização, todos os dias são — como diria Chateaubriand — adeuses.

* * *

Outróra, os poetas cantavam os collos de cysne, pela alvura e pela flexibilidade, de suas amadas, como aquelle que celebrou a bella Edith *swanes hales, quod sonat collum cycni.*

Hoje, os sports e as praias mataram essa figura poetica das balladas. E os poetas, para comparação dos collos de suas amadas, têm de procurar outros bichos...

* * *

Outróra, num de seus violentos discursos, Danton declarava, com o seu cynismo habitual: "Os padres e os nobres não são culpados, mas é preciso que morram, porque estão contra a mão, entravam o movimento das coisas e atrapalham o futuro."

Hoje, estamos vendo se desencadearem perseguições contra certos individuos do mesmo modo e pelas mesmas razões, sem que os perseguidores tenham a coragem da confissão cynica de Danton.

* * *

Outróra, ao expirar o seculo XVIII e ao amanhecer o XIX, o autor das *Mémoires d'Outre Tombe* escrevia que elle, retardatario neste mundo, via morrer não somente os homens, mas tambem as idéas.

Hoje, qual é o pensador que, observando a vida dos povos, não pensa a mesma coisa?

* * *

Outróra, as revoluções fôram produzidas, segundo um autor celebre, pela vaidade das mediocridades e pelo orgulho dos aleijões; fôram fructos da revolta das enfermidades do espirito e do corpo.

Hoje, *mutatis mutandis*, em muitos casos, o principio ainda é applicavel.

* * *

Outróra, Madame de Coislin, que era uma dama de muito espirito, lendo num jornal a noticia da morte de varios reis, disse:

— Ha uma epizootia entre os bichos coroados.

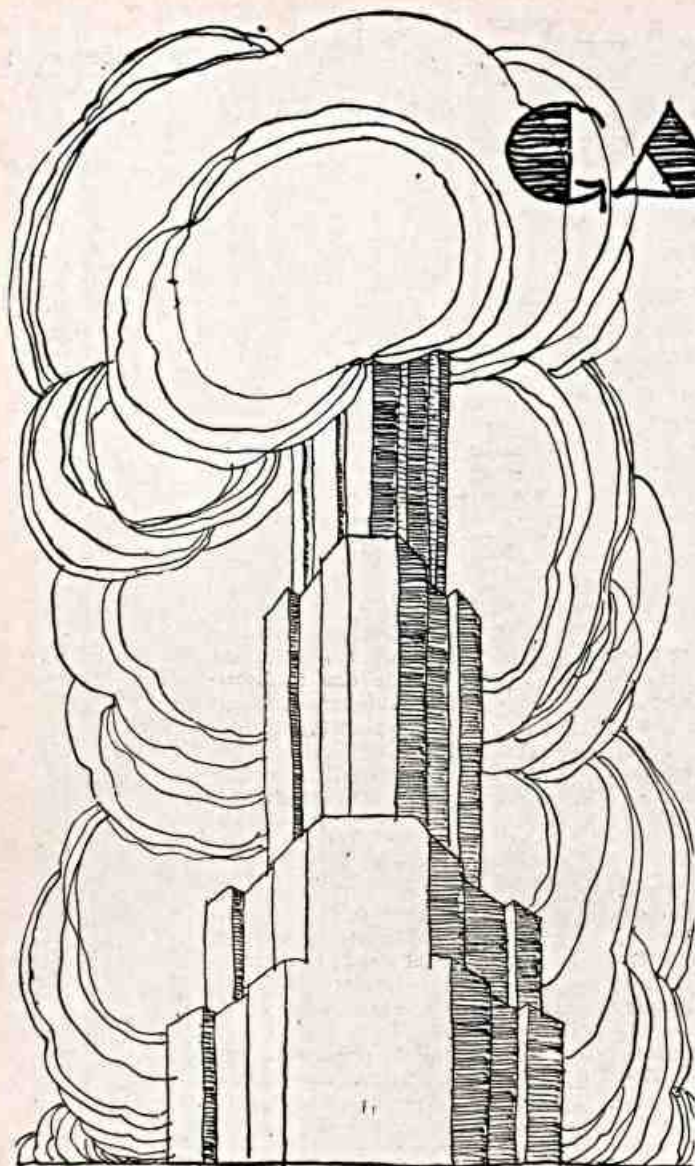
Hoje, a epizootia prosegue o seu caminho sob a fórma do desthronamento e da annullação. Tombaram todos os thronos da Allemanha, ensanguentou-se o da Russia, desabou o paço de porcelana do Filho do Céo, ruiu a Porta dos califas e apodreceu o Divan dos sultões. E os reis que restam, tremulos, se abrigam por traz das dictaduras militares e civis ou vivem de concessões...

* * *

Outróra, desalentado ante o espectaculo da democracia em marcha, Chateaubriand lamentava a agonia da velha sociedade e affirmava, com esperança no futuro, que, depois de morta, ella se decomporia em novas formas, porque a necessidade fundamental dos povos e dos homens é morrer para renascer.

Hoje, si nos constringe o mesmo desalento, nos alenta a mesma esperança.

JOÃO DO NORTE

GARÔA.

Gottas de Gazolina

Automoveis e mulheres perigam sempre na curva. Da estrada ou da vida...

*

Dizer mal do automovel só o póde fazer quem nunca teve enfermo um ente querido. Quer dizer, ninguem.

*

Dialogo moderno:

— E' bonito o rapaz que te foi apresentado hontem?

— Não reparei. Mas tem uma linda barata.

*

O cheiro da gazolina só incomméda a quem vae a pé.

*

Quando um rapaz moderno compra uma barata, inclúe na factura que paga o preço de muitas mulheres. E' que a barata barateou a mulher.

*

O motor é o coração do automovel. A consciencia delle está nas camaras de ar.

E até nisso o homem se parece com o automovel: tambem elle tem a consciencia elastica.

*

No machinismo dos sentidos, o beijo é o accelerador.

*

UM bello carro é uma recommendação ruidosa.

*

Antigamente, um "pharol" no dedo attrahia muitas mulheres; hoje, para attrahil-as, são precisos dois pharóes... na estrada.

*

A morte é a ultima "*furme*" na chispada da vida.

*

O unico valor de certos homens está na marca do seu carro.

*

Muitos amores de hoje não passam de uma volupia da velocidade.

*

A linha elegante de um carro de luxo suppre — quasi sempre, — a falta de... outra linha.

*

Dizer automovel é dizer progresso. Ambos deixam victimas no caminho.

No carro do amor só ha lugar para dois.

*

A felicidade é um lindo carro, que todos commentam, mas que ninguem ainda viu... de perto.

*

A paixão é um carro desbrecado.

*

Muitas chispadas vão dar na garage do casamento.

*

O *flirt* é uma especie de manobra estratégica.

*

Para conduzir um auto, a lei exige uma carta de *chauffeur*.

Para conduzir uma mulher, é dispensavel qualquer carta. Dahi os atropelamentos da vida conjugal.

*

A vida é um carro bom; quem a estraga é quasi sempre o proprio *chauffeur*, ou um outro vindo contra a mão.

COLOMBINA

FAIANÇAS

AS MELHORES AFFEIÇÕES

FALAVA-SE de affeições, quando o meu amigo Rolando asseverou:

— As affeições não são breves nem duradouras.

— A's vezes são eternas — disse eu.

— Tolice! Eternas nem as estrellas, na sua mocidade, renovada cada noite que passa. As affeições obedecem ao mesmo determinismo que todas as coisas humanas. Frágeis na sua essencia...

E adeantou:

— Queres o exemplo do que é uma bella affeição? Uma affeição que sempre me pareceu eterna?

Fiz com a cabeça que sim.

Elle enfiou a mão no bolso interno do paletó. Arrancou de dentro delle um papel azul-lavande. Desdobrou-o deante dos meus olhos curiosos e deu-m'o a lêr, com um sorriso ligeiro, inundado de melancolia:

— Toma!

Li o papel azul-lavande. Era o pequeno "Diario de uma affeição como as outras".

Elle assim escrevera:

"*Abril* — 1930. — Quando a conheci não sabia que ella se chamava Corina. Corina é um nome slavo, se não me engano. Mas é tambem o de uma heroina de Mme. Stael; e, como tal, recorda um pouco de romantismo, nesta época em que ninguem lê romances. As Corinas de hoje são figuras da tela, do *écran*, artistas inimitaveis que vêm para a vida real.

Oh, cuidado com ellas, senhores!

Abril, 24 — Um passeio ao longo de uma praia deserta, sob o cheiro acre de salsugem, impregnado á viração cariciosa, e um civilizado perfume de Caron. O crepusculo. A penumbra. A tarde agonizante. Poesia. Bem agradavel esse passeio, ao lado de Corina. Corina! nome slavo. Desconfio que ella tenha, na sua alma cheia de mysterios, os mysterios de uma alma russa — gelada como a Siberia, traiçoeira como o fundo do Volga.

— Tu me amas, Corina?

— Muito, muito! Até a morte!

Beijos. Os beijos são o logar-commum do amor, contra o qual nunca me pude insurgir.

Ah! como é bom um beijo! Não por nós, mas pela mulher a quem beijamos. Cada uma dellas tem a sua maneira de dar ou de receber um beijo. E' o unico logar-commum do amor que não se parece com outro — a não ser quando começa e quando termina...

Reparem...

Comprehendo agora porque Victor Hugo exclamou:

(*Conclue na pag. 32*)

Figuras da nossa sociedade.

Editado pela Livraria Freitas Bastos, acaba de sahir o novo livro de Mozart Firmeza — «A vida é um gozo...», que ha dias vem sendo insistentemente annunciado. Mozart Firmeza não é um nome novo nas letras nacionaes, por isso que já se tornou conhecido, entre nós, através dos seus versos de uma arte tão encantadora e subtil, de que o seu livro «Meteoros» nos dá brilhante affirmação. Agora elle se apresenta como prosador em «A vida é um gozo...», obra de feição modernista, que vem precedida de um prefacio de M. Paulo Filho, o illustre critico e jornalista de tão solido prestigio em nossos circulos intellectuaes. A linda capa do livro de Mozart Firmeza, foi desenhada pelo illustre artista M. Constantino.

Jardim Aberto

D. JAYME

Morceaux choisis de Chateaubriand

A ARISTOCRACIA

A aristocracia passa por tres idades successivas: a das superioridades, a dos privilegios e a das vaidades. Sahida da primeira, degenera na segunda e se extingue na ultima.

A VELHICE

Em outro tempo, a velhice foi uma dignidade. Hoje, ella é um peso.

A INFANCIA

Nossa infancia deixa algo della propria nos logares que embelleza, como uma flor communica seu perfume aos objectos em que toca.

A TRISTEZA

Ha uma tristeza que nasce dum vago desejo de felicidade, quando nos falta a experiencia. Ha outra que provem do conhecimento das coisas apreciadas e julgadas.

O OUTOMNO

Um caracter moral se liga ás scenas do outomno: as folhas que cáem como os nossos annos, as flores que murcham como as nossas horas, as nuvens que fogem como as nossas illusões, a luz que diminue como a nossa intelligencia, o sol que esfria como os nossos amores, os rios que começam a gelar como a nossa vida, têm secretas relações com os nossos destinos.

A VIDA

Morre um homem por segundo. Assim, em cada minuto de nossa existencia, de nossos sorrisos, de nossas alegrias, sessenta homens expiram, sessenta familias gemem e choram. A vida é uma epidemia permanente. Essa cadeia de luto e funeraes não se interrompe, alonga-se e nós mesmo formamos um de seus anneis.

A POLITICA

Quasi sempre, em politica, o resultado é contrario á previsão.

AS CONSCIENCIAS

Havia na diocese de Tuzés uma fonte bella e pura que mudava de logar quando lhe lançavam qualquer sujeira. As consciencias de hoje não mudam de logar por tão pouco.

O AMOR

O amor é de tal modo a soberana felicidade que vive perseguido pela chimera de ser eterno. Somente pronuncia juramentos irrevogaveis. A' falta de alegrias, procura eternizar as dores. Anjo cahido, fala ainda a lingua da antiga morada incorruptivel. Sua esperança é não cessar nunca. Na sua dupla natureza e na sua dupla illusão, neste mundo, prefere perpetuar-se pelos pensamentos immortaes e pelas gerações inexgottaveis.

A ELEVAÇÃO DA ALMA

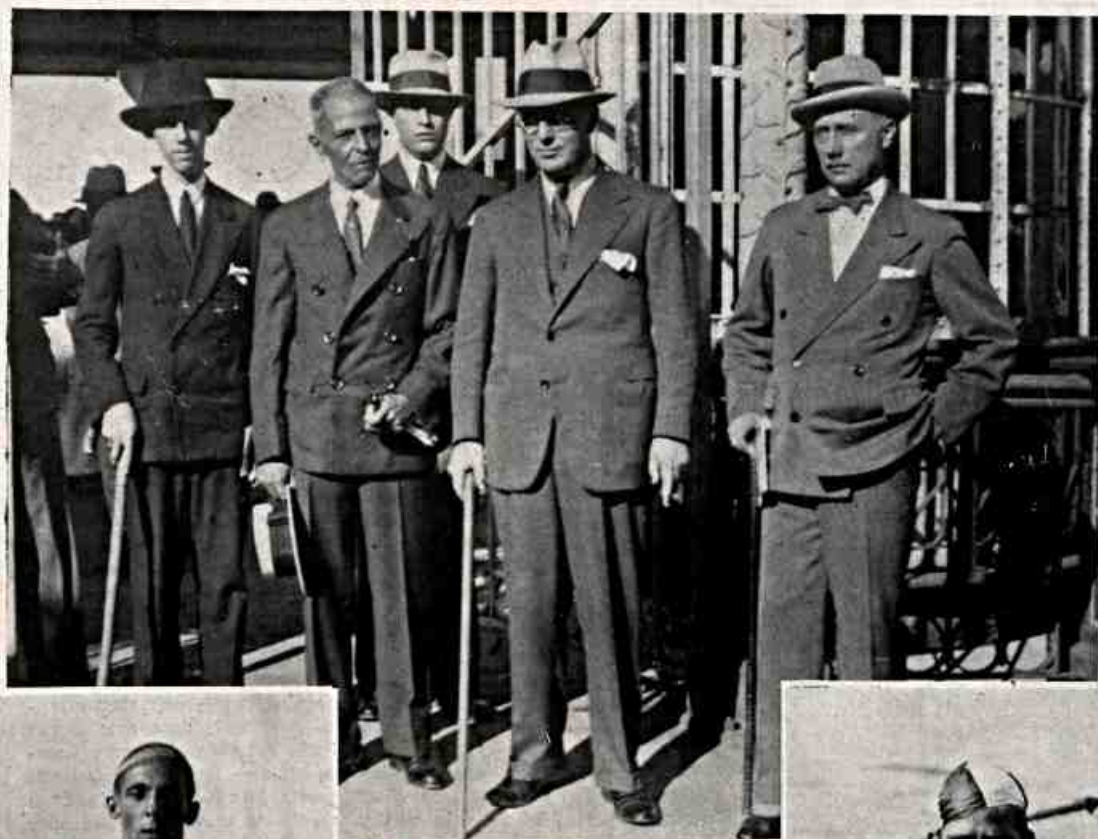
Ha tempos em que a elevação da alma é uma verdadeira doença. Ninguem a comprehende. Ella passa por uma especie de falta de espirito, por um preconceito, um habito pouco intelligente de educação, uma mania, uma prevenção que nos impede de julgar as coisas. Imbecilidade honrosa, talvez, mas ilotismo estupido.

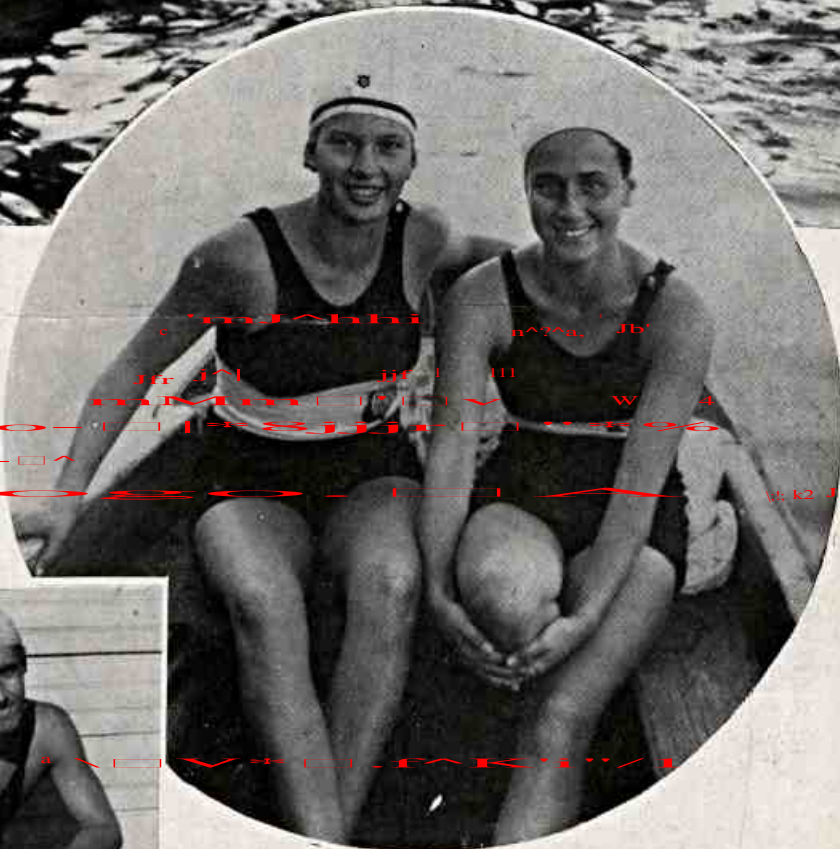
O HISTORIADOR

Quando, no silencio da abjecção, só se ouve retinir a cadeia do escravo e resoar a voz do delator; quando tudo treme deante do tyranno e que é tão perigoso incorrer no seu favor ou merecer a sua repulsa, o historiador apparece encarregado da vingança dos povos. Em vão, Nero prospera, Tacito já nasceu no imperio.

Rubey Wanderley é um nome brilhante e querido nos meios literarios e jornalisticos, onde desfructa de alta estima intellectual. Sabendo escrever com plasticidade, elegancia e uma adoravel «souplesse», Rubey Wanderley conseguiu, em sua geração, um logar de relevo, já como poeta, já como jornalista. Entretanto, ha um outro genero de literatura em que esse escriptor se destaca: o genero historico-sociologico. Assim é que acaba de dar o seu livro «A Expiação», these moldada em um estylo fluido e agradavel, e que gira em torno do maior acontecimento nacional dos ultimos tempos: a Revolução Brasileira. «A Expiação» será o grande successo deste outomno que começa.

Cantigas do povo

ADELMAR TAVARES, o poeta de sensibilidade fina e encantadora, de «Noite cheia de estrellas», é bem a alma fascinada por todas as coisas lindas e suaves. Estheta de emoção facil, sabe amar um crepusculo, uns olhos bellos, como um sorriso de criança ou um passaro. E em todas essas coisas amoraveis e ternas encontra sempre um motivo de arte, que a sua poesia engrandece. Aqui vemos Adelmar Tavares, num dos seus momentos de ternura compassiva: — na sala de jantar de sua residencia, contempla uma ave de sua predilecção, e que, si não é, bem podia ser o «passaro azul», de Maeterlinck — isto é, a felicidade bôa que se não encontra na terra. Enriquecem ainda esta pagina as lindas trovas que Adelmar Tavares escreveu especialmente para o FON-FON.

NATAÇÃO

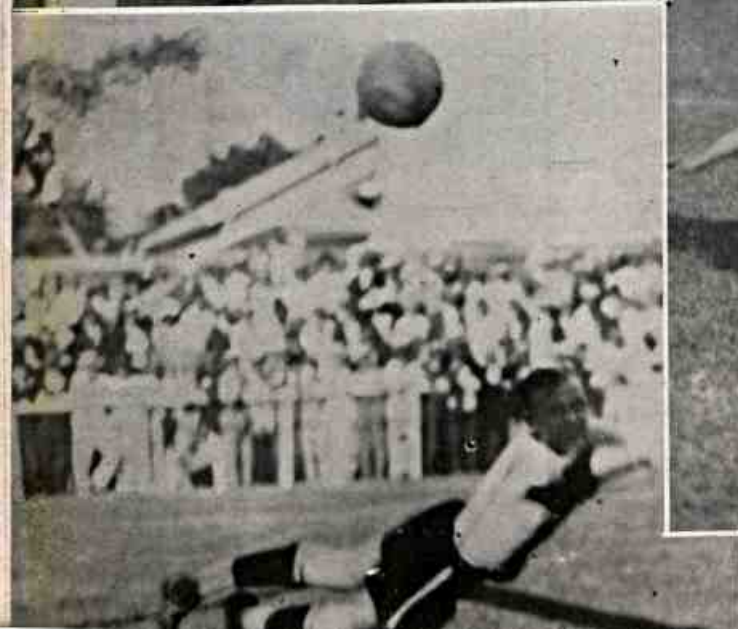
Flagrantes da linda festa aquatica que foi o concurso de encerramento da temporada de natação do Rio de Janeiro, realizado domingo ultimo, na enseada de Botafogo.

POTENGY

Potengy é o nome do grande rio da minha terra, é o porto da minha cidade, todo cercado de morros pro lado norte e pro lado do sul.

E' o rio cuja tristeza a maioria dos poetas daqui têm cantado: *Potengy de magoas e saudades; Potengy de luar saudoso; Potengy reflectindo um céo de estrellas tristes...* Não o olharam os nossos poetas com os olhos alegres como tanto merece... Elle é o rio de grande sol, cheio de embarcações meúdas, cheio de navios que entram e sahem barra a fóra. Elle é o rio de lanchas de apitos estridentes em torno dos transatlanticos, dos cargueiros sizudos e fumegantes... Rio amplo, lindo, onde azas victoriosas de hydroaviões descançam das viagens gigantescas, de continente a continente.

Elle é o rio alegre das regatas... Rio claro dos hiates engalanados nas festas dos Reis Magos... Dos botes veleiros em serenatas... Rio que nunca me levou fóra da barra pra ver as grandes cidades, o grande Mundo lá longe, mas me tem proporcionado sensações fortes dentro de minha pequena e linda cidade natal... — Natal. — JORGE FERNANDES.

O CAMPEONATO DA CIDADE

Aspectos dos dois jogos mais importantes de domingo passado: o do Vasco-Flamengo, no stadio de São Januario, e o do Botafogo-Bangú, no campo deste, na estação do mesmo nome. Foram os dois encontros que mais interessaram os admiradores do football.

Balcão Florido

MINHA princezinha distante — A cinza da tarde que desce sobre a terra, a encher de quietude e de paz a alma immensa e mysteriosa das coisas, vela, tambem, de melancolia e de saudade, o ambiente do meu quarto de solitario.

E, não sei porque, hoje mais do que nos outros dias, angustia-me, afflige-me esta solidão.

Pela terceira, pela quarta vez, releio sua carta perfumada — a ultima que me enviou. E sinto que sua alma, que seu coração, que todo o seu ser, que você toda palpita e vibra nestas linhas que reflectem e trahem a sua inquietação interior.

Sua inquietação...

Sim, minha princezinha distante: a inquietação que trabalha e faz soffrer sua alma de "selvagemzinha" civilizada.

Que lhe dizer, porém, hoje, quando, tambem inquieto, sob a tortura do meu abandono, do meu isolamento, eu me sinto tão pequenino e tão carecido de conforto e de carinho?

Mas, do conforto das suas palavras de ternura, do carinho das suas mãos macias e fidalgas, da caricia da canção de amor do seu beijo quente...

Por que a minha afflicção, por que a minha inquietude, por que a minha tristeza e toda esta sensação de abandono e de desamparo — tudo, minha princezinha distante, são saudades de você, esta louca e angustiante saudade de que vive — ha tanto tempo já! — o nosso amor, cheio de infinito e de exaltação sentimental.

E só disso, — porque através da distancia, que é "a alma da saudade" — numa phrase feliz de João Ribeiro — é que vibram e cantam os rythmos profundos e desordenados, do nosso amor.

Mas, não fique triste porque a esta mesma distancia que nos separa, agora, devemos as primicias de uma felicidade que se annuncia, ainda imprecisa, nel mezzo del camin de nossa vida.

E veja, agora, se, apesar de toda a minha solidão e de todo o meu abandono, a fonte da minha esperança ainda sabe ou não cantar para você, levando ao seu coração de "selvagemzinha" a gotta dagua fresca e crystallina que faz a festa e a harmonia da minha consolação interior...

HELIANTHO

Senhorita Heloisa Migou, gentil figurinha da nossa sociedade e artista de brilhantes predicados, que ainda ha dias sobresahiu, pela sua graça e intelligencia, na representação da peça «Mocidade, Jazz e Romance...», de autoria do escriptor Walter de Sequeira, e levada á scena no festival em beneficio da Casa do Estudante, no Trianon.

(Photo Febus)

FAIANÇAS (conclusão)

"L'amour fait songer, vivre et croire!..."

Outubro, 24 — Inquietação. Tumulto. Incertezas e interrogações.

O amor tambem está subordinado ás crises da nossa vida, ás incertezas da sociedade. No emtanto, outubro é o mez das neblinas, das coisas lyricas.

Uma separação, mesmo curta, é um hyphen riscado entre duas almas que se amam. Outras vezes é uma reticencia afflictiva. Saudade.

Dezembro, Natal — E' preciso não confundir um amor com uma affeição. Um amor tem muito de soberano, de grandioso, de pathetico. Póde ir da comedia leve á tragedia. E na estante dos corações amorosos é uma especie de opera. Lembra Wagner, Verdi, Mascagni... Uma affeição é qualquer coisa menos importante. E' uma coisa simples e bôa: chóra num sorriso, e morre como um perfume de alecrim. E' suave. E' quasi ingenua... E' uma serenata de Schubert. Lembra *Je t'aime*, de Grieg... Toselli, Massenet, Chopin.

Um dia, quando a gente se fatiga um do outro, não mata, como no amor; diz, apenas, como o exige uma ar"... sem impulsos: "Adeus! Está tudo acabado. Não penses mais em mim." E vem, cruel, a ironia: "Sem duvida irei morrer, não é?"

No emtanto, eu preferia aquella camaradagem a que allude o doce Maurice Magre: a que nada pede, para dar tudo, sozinha. E' espontanea e natural como as nuvens — que não têm fórma distincta, nem modelo.

Abril, — 1931 — Um anno que dura já a nossa esquisita affeição. Corina, como estás differente! Onde a tua alma ingenua e confiante? Sinto que estás desencantada de tudo. Até parece que aprisionamos o "passaro azul" de Maeterlinck. Ah, si eu ainda fosse o teu "prince charmant"!... Um dia, tu me dirás, inesperadamente:

— Adeus!

E eu responderei, indifferente ou chorando:

— Adeus!"

Rolando.

* *

Dobrei novamente o papel azul-lavande. Entreguei-o ao meu amigo, e commentei, com um sorriso:

— Mas tu foste feliz, mesmo assim...

— Claro. Porque as melhores affeições são as que passam de surpreza...

Yves

O preço de "FON-FON"

DIVERSAS reclamações, notadamente do interior, nos têm chegado a proposito do preço de venda avulsa de FON-FON, que continúa a ser de 1$000 para todo o Brasil.

Attribuimos essas estranhezas ou esses justos protestos dos nossos leitores ao facto de terem alguns collegas illustrados augmentado o seu preço. Naturalmente, alguns revendedores da nossa revista, aproveitando-se da circumstancia, aliás, com evidente falta de escrupulo, quizeram inquietar o mundo pacifico dos nossos amigos leitores augmentando, tambem, á semelhança dos outros collegas em questão, o preço de FON-FON, mas augmentando-o por conta propria e sem prévia autorização desta Empresa, que não elevou, nem pensa em elevar, apesar da crise, o preço deste semanario.

Assim, pois, FON-FON mantém o seu preço anterior de 1$000, sem prejuizo algum para os seus leitores, por isso que o seu numero de paginas continúa o mesmo, continúa o mesmo o seu papel, e a sua feição literaria e artistica não mudou em virtude da alta excessiva do custo do material necessario á sua confecção.

Fazemos esta declaração para que os nossos leitores se previnam contra abusos que não autorizámos e que só nos podem trazer aborrecimentos e prejuizos.

Os nossos agentes revendedores espalhados pelo Brasil adquirem FON-FON a preço que lhes permitte vendêl-o, com lucros sufficientes, a 1$000 o exemplar. De maneira que não ha razão alguma para que se lance mão dessa irregularidade, que condemnamos.

Aos nossos leitores em geral pedimos nos communiquem qualquer elevação que porventura soffra o preço do FON-FON que adquiram, afim de que possamos tomar as providencias que se fizerem necessarias para o bom nome e melhor prestigio desta revista.

O dr. Marcello Alvear, ex-presidente da Republica Argentina, de passagem para seu paiz, procedente da Europa, esteve no Rio, quarta-feira penultima, acompanhado de sua exma. senhora. Viajando no «Cap Arcona», foi o casal Marcello Alvear cumprimentado a bordo pelo embaixador da Argentina e pelo representante do sr. ministro das Relações Exteriores, em companhia dos quaes desceu á terra para tomar parte no almoço que o dr. Afranio de Mello Franco offereceu, no Jockey Club, em honra dos illustres viajantes. A presente photographia foi tomada no terraço do Jockey Club, antes do agape, e nella apparecem o dr. Marcello Alvear e senhora, ladeados pelos ministros Afranio de Mello Franco e Lindolfo Collor, embaixador e embaixatriz Mora y Araujo e demais convidados do chanceller brasileiro, entre os quaes figuravam os nossos confrades Dupuy de Lome e Henrique Hasslocher, representantes, respectivamente, de «La Prensa» e de «La Nación», de Buenos Aires.

A Assistencia Dentaria Infantil «Zeferino de Oliveira», de que é presidente o professor Frederico Eyer, promoveu, a 21 de abril ultimo, uma bella e expressiva festa commemorativa do sexto anniversario de sua fundação. Constou a mesma da distribuição de presentes ás crianças matriculadas naquella benemerita instituição, que tantos e tão bons serviços presta á infancia pobre do Rio de Janeiro. A iniciativa desse gesto de philanthropia partiu das «Damas de Bondade» da Assistencia Dentaria Infantil, entre as quaes figuram madames Gondolo Labourieu, Alfredo de Paula, Gustavo Barrozo e Annita Magalhães. A festa foi honrada com a presença da sra. embaixatriz da Italia e da senhorita Yolanda Pereira («Miss Universo»), que quizeram desta maneira prestigiar a grande obra que, serenamente, sem alardes, realiza a Assistencia Dentaria Infantil «Zeferino de Oliveira».

FILIGRANAS

Como corollario do pensamento celebre de que cada povo tem o governo que merece, surgem os versos não menos celebres de La Harpe:

Mais, s'ils ont tant osé, vous avez tout permis:
Plus l'oppresseur est vil, plus l'esclave est infame.

Porque nada justifica que o individuo se deixe escravizar e que os povos não reajam contra aquelles que os esmagam. A reacção individual ou collectiva é um acto quasi inconsciente do caracter ferido. Ella, por isso, não mede os perigos e não conta os obstáculos. Atira-se á luta e obtém a victoria ou sossobra no sacrificio total. Até o suicidio é preferivel á escravidão.

Eis por que unicamente a bastardia da alma permitte que os dominios absolutos se firmem sobre os homens isolados ou sobre as nações.

As crianças presentes á festa de anniversario da Assistencia Dentaria Infantil «Zeferino de Oliveira».

a tragedia do homem solitario

(Á memoria de Hermes-Fontes)

VINDO do seu sertão ardente, onde conhecêra a pobreza e o desconfôrto da orphandade, o homem solitario chegou, um dia, trazido pela mão paternal de um protector abnegado, ao tumulto deslumbrante da metropole. Millionario da intelligencia e do sonho, o destino lhe déra, tambem, um coração feito para o amor e a bondade, augmentando assim o patrimonio da sua desventura. Um cerebro de ouro, pesado e luminoso como o daquelle torturado de Daudet, de nada lhe servia na angustia da sua miseria material. Bem intencionado e ingenuo, elle confiou, no emtanto, na riqueza de seu cerebro. E trabalhou. E soffreu. E suppoz ter vencido.

O homem solitario continuou placidamente a olhar a vida com a resignação e a indulgencia dos que não sabem odiar. Dissimulando a sua inquietude interior, elle tinha, nas suas horas mais amargas, nas suas horas mais estéreis, a serenidade dos que não se rebellam contra as irreverencias do mundo. Era com um sorriso de piedade que agradecia o bem e o mal, sem saber distinguil-os na sua semelhança humana. A hypocrisia dos outros não lhe alterava o rythmo do coração. Distribuia affectos sem pesar o merecimento de cada um. Afinal, todos eram filhos de Deus, e seus irmãos. Havia temperamentos diversos, mas não devia haver sentimentos.

Nem por isso, entretanto, o homem solitario deixou de o ser. Seus amigos verdadeiros eram poucos e menos ainda os que o comprehendiam. Ingenuamente, elle acreditava na

CONTO de MARTINS CAPISTRANO

estima de muitos que cortejavam o seu talento só para prestigiar a propria mediocridade. Ingenuamente, elle se deixava embalar pelos fingimentos e pelos applausos da sua platéa. Não fosse elle poeta, o homem solitario! Poeta e sentimental.

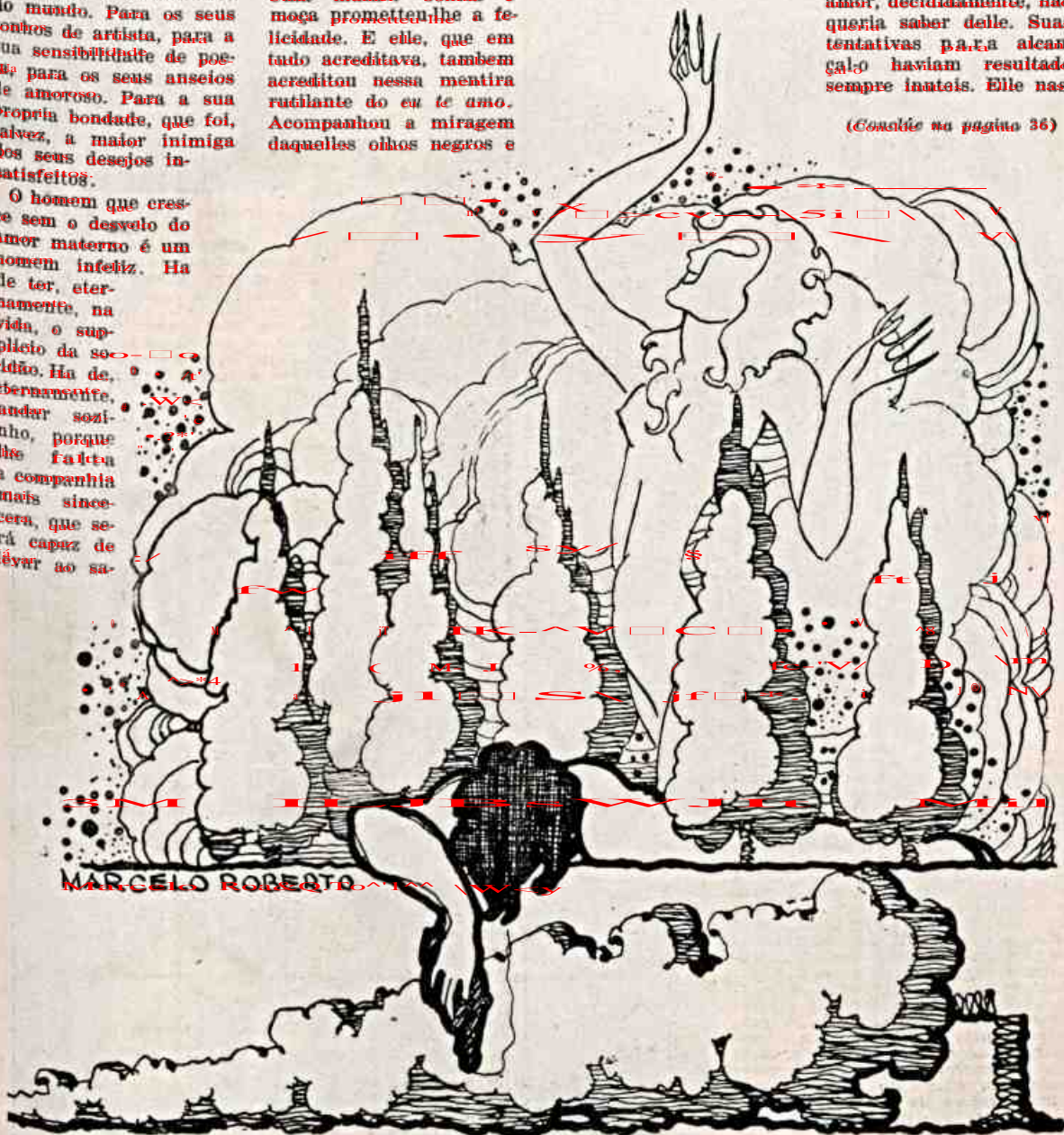
Nascido para amar, nunca tivéra a caricia de um affecto. Não sentira nunca a ternura de um coração. O amor fugia-lhe sempre, quando elle o procurava. Cêdo, perdêra a mãe. E, perdendo-a, perdêra a sentinella da sua felicidade. Mal entrava no mundo, ia logo encontrando a hostilidade do mundo. Para os seus sonhos de artista, para a sua sensibilidade de poeta, para os seus anseios de amoroso. Para a sua propria bondade, que foi, talvez, a maior inimiga dos seus desejos insatisfeitos.

O homem que cresce sem o desvelo do amor materno é um homem infeliz. Ha de ter, eternamente, na vida, o supplicio da solidão. Ha de, eternamente, andar sozinho, porque lhe falta a companhia mais sincera, que será capaz de levar ao sacrificio a nobreza da sua missão.

O maior responsavel pelos fracassos do homem solitario foi a sua orphandade prematura, que alterou a rota e marcou a fatalidade do seu destino. Si elle houvesse tido, desde pequeno, a ventura doce de um beijo materno acompanhando-lhe o desenvolvimento material e espiritual, de certo fôra menos infeliz.

Mas, o homem solitario, que tanto amou o amor, nunca recebeu delle o premio da sua dedicação. Pela noite da sua vida passou, uma vez, a luz de um sorriso feminino. Uma mulher bonita e moça promettendo-lhe a felicidade. E elle, que em tudo acreditava, tambem acreditou nessa mentira rutilante do *eu te amo*. Acompanhou a miragem daquelles olhos negros e daquelle sorriso côr de esperança e de amor. Ficou perdidamente apaixonado. Tambem elle, atormentado pelos desenganos, vivendo embora enganado, nunca vislumbrára, no seu deserto, o oasis de uma esperança. Foi até onde o attrahiram aquelles olhos e aquelle sorriso: ao casamento. Começou ahi o seu calvario. Até então vivêra num mundo espiritual, com a harmonia dos seus versos quebrando o seu silencio e o esplendor do seu genio illuminando a sua solidão. A indifferença alheia não lhe augmentava o soffrimento. Estava acostumado a ella.

O casamento trouxéra-lhe, porém, com as decepções e os desalentos, o verdadeiro sentido da realidade. Aquelles olhos negros e aquelle sorriso côr de esperança e de amor não passavam de visões do nada, creadas pelo seu grande desejo de ser feliz. Suaves mentiras, que o tempo apagára como apaga tudo o que não tem o sinete da sinceridade. A esposa queria apenas um marido para custear-lhe as tendencias deshonestas. E o homem solitario, assim acompanhado, sentia-se mais solitario ainda. O amor, decididamente, não queria saber delle. Suas tentativas para alcançal-o haviam resultado sempre inuteis. Elle nas-

(*Conclue na pagina 36*)

A TRAGEDIA DO HOMEM SOLITARIO

POR MARTINS CAPISTRANO

(CONCLUSÃO)

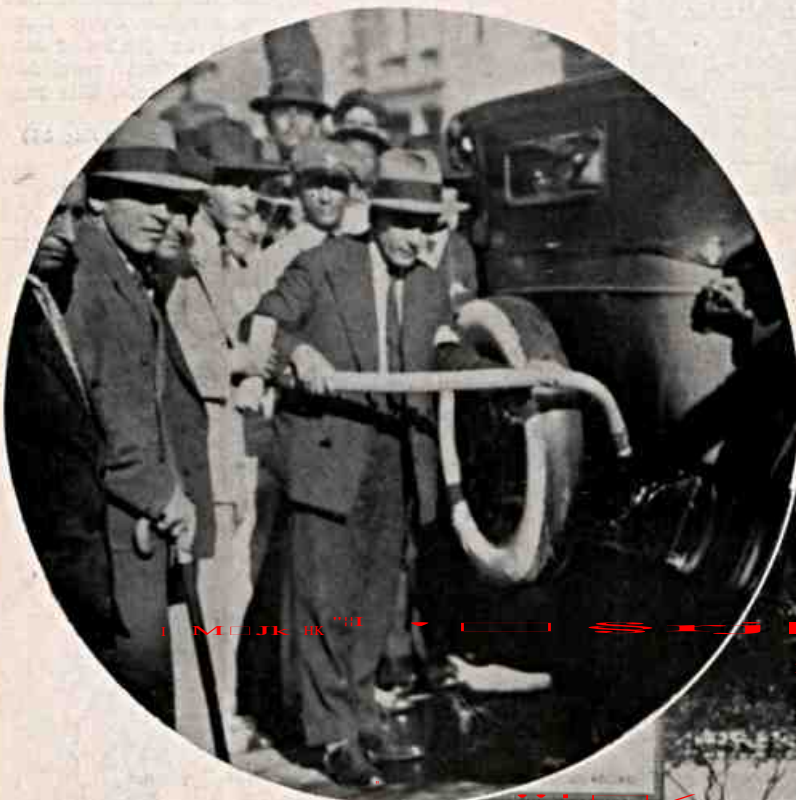
cêra mesmo para a solidão. Nascêra para viver eternamente só e eternamente desgraçado. Surdo e feio, pouco lhe adeantavam a lucidez do seu olhar e a belleza de seu espirito. Tudo escarnecia delle, quando a sua indulgencia acariciava as ingratidões dos outros. Tudo lhe fugia: o amor, a felicidade, a gloria, a justiça...

Sempre resignado, sempre apparentemente sereno, sempre affectuosamente bom, o homem solitario comprehendia o seu destino, e sorria. Sorria para não chorar. Porque de momento a momento ficava maior a sua angustia interior.

E seu tormento foi crescendo, foi crescendo...

O homem solitario amou, soffreu, perdoou. Fez o bem em troca do mal. Acreditou na lealdade dos homens e foi pelos homens enganado. Quiz loucamente a uma mulher que não o quiz. Lentamente, dolorosamente, as proprias illusões iam-lhe fugindo. Restava-lhe uma: a vida.

E, antes que ella o deixasse, como as outras, elle a abandonou. Foi só por isso que o homem solitario se matou...

Carlos Rubens, nosso collega de imprensa, acaba de ser empossado na cadeira «José do Patrocinio», da Academia Carioca de Letras. Mas não é só por isso que Carlos Rubens se destaca em nossos meios literarios: é, sobretudo, pelos seus livros, que tão bem foram recebidos pela critica, e em cujas paginas o fino «conteur» e chronista se revelou um artista de prosa limpida e elegante. O novo academico foi recebido pelo padre Assis Memória, que é um outro espirito scintillante.

O dr. Adolpho Bergamini, cuja actuação dynamica e constructiva á frente da Prefeitura se vae notabilizando por uma serie de iniciativas, verdadeiramente benemeritas, acaba de inaugurar o Mez do Alcool-Motor. Com a sua iniciativa, o illustre prefeito-interventor não só estimula a industria nacional de combustivel mas ainda favorece a classe laboriosa dos «chauffeurs», determinando a venda mais barata desse succedaneo da gazolina. Nos dois aspectos reproduzidos nesta pagina, vemos o dr. Adolpho Bergamini, no acto da inauguração do primeiro posto de abastecimento do alcool-motor, no angulo formado pela rua Frei Caneca e avenida Salvador de Sá. Provocou, como era de esperar, os maiores louvores mais esta excellente prova de zelo administrativo do grande politico e parlamentar que governa o Districto Federal.

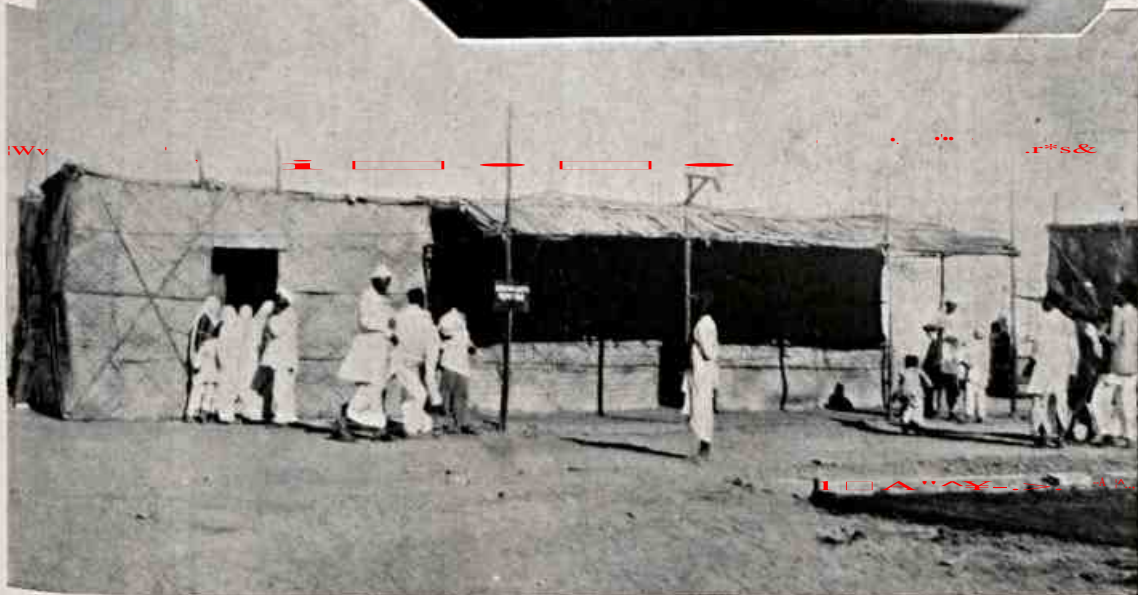
A India inquieta

A India não é apenas uma vasta extensão de terra onde impera, hoje, o espirito utilitario dos que a conquistaram.

Não se pense que o seu passado de glorias morreu para a alma do seu povo. Subjugada, ella não se submette sem protesto, e o coração dilacerado dos seus filhos se inquieta na ansia de liberdade.

E para a conquista da liberdade a India não carece somente do apoio das armas; ella precisa, antes, da palavra quente e vibrátil de um apostolo que fale ao seu coração.

Mahatma Gandhi appareceu no momento propicio para operar o milagre de um povo redimido de aviltante captiveiro.

E o verbo de Mahatma Gandhi, evangelizador, conduz a India para a estrada larga da liberdade que ella quer. Que ella terá, quando se erguer como um só corpo, herculeo, quebrando as algemas que traz nos pulsos.

Esta pagina focaliza dois aspectos expressivos da India de hoje. Em cima, o grande «leader» do movimento britannico, Mahatma Gandhi, falando, pelo microphone, aos delegados do Congresso Nacional Indiano, sobre o accordo com Lord Irwin, ratificado em virtude dos ultimos acontecimentos naquelle paiz. Em baixo, a cabana onde reside Mahatma Gandhi, e que foi por elle proprio construida no «Harchandrai Nagar», a cidade onde serão realizadas as proximas sessões do Congresso Nacional Indiano, que decidirão, amigavelmente, os termos da paz entre o governo inglez e o grande patriota. Dentro da cabana não ha mobiliario. Mahatma Gandhi é um homem simples, que só tem uma preoccupação: a liberdade de sua terra.

"A Victoria do Feminismo"

Benedicto Mergulhão, nosso collega de imprensa, é um espirito joven e original. Dahi, sem duvida, o motivo por que o seu livro de estréa — «Ramo de urtiga», revela um temperamento vivido, uma mocidade luminosa e um estylo trepidante, e que o aponta como um escriptor moderno, perfeitamente do seculo. «Ramo de urtiga» é um acido, ironico, mordaz. Seu autor soube plasmar, no emtanto, as suas paginas em chronicas leves e rutilantes. E nisso é que está o seu merito.

A' mulher contemporânea, que já não é, e nunca o foi, para lhe fazer a justiça devida — aquelle "animal de cabellos compridos e idéas curtas", a que se referiu, irreverentemente, Schopenhauer, acaba de consagrar um illustre escriptor patricio, e meu querido amigo, Adonias Lima, uma obra de alta expressão social e da mais palpitante actualidade.

A Victoria do Feminismo, *tendo como sub-titulo* — **O problema sexual** — *é, de facto, um livro de sensação. Trabalho meditado de sociologo, nelle o distincto escriptor cearense aborda todos os assumptos mais estreitamente relacionados com a situação e os interesses da mulher na sociedade moderna. E' fal-o com desassombro, defendendo seu ponto de vista, para chegar ás conclusões de ordem geral em que objectiva sua these que, á primeira vista, para os espiritos menos cultos ou cas*

O dr. Adonias Lima, illustre sociologo e escriptor patricio, acaba de obter verdadeiro triumpho literario com a recente publicação de seu notavel trabalho — «A Victoria do Feminismo» (O problema sexual), editado pela «Editora Moderna», e que se acha exposto nas vitrines das principaes livrarias desta capital.

murramente conservadores, poderá parecer audaciosa e irreverente na sua finalidade moral.

Estudando a constituição e evolução da familia através das idades, é em torno do casamento e do problema sexual, que lhe é correla to, que o illustrado sociologo brasileiro focaliza e fixa os pontos principaes do seu notavel trabalho, para condemnar como falho nos seus objectivos, e nocivo, mesmo, á organização social contemporanea, aquelle instituto.

Defensor estrenuo da emancipação da mulher, por cujos direitos propugna com enthusiasmo, o autor de **A Victoria do Feminismo**, *nesse precioso estudo de sociologia applicada, analysa a situação da mesma, com segurança de cultura e agudeza de golpe de vista psychologico, dos primordios da organização social mais rudimentar á epoca actual, para, por ultimo, encarar o problema do amor — como sentimento affectivo, como exigencia organica e como expressão social da mais alta relevancia.*

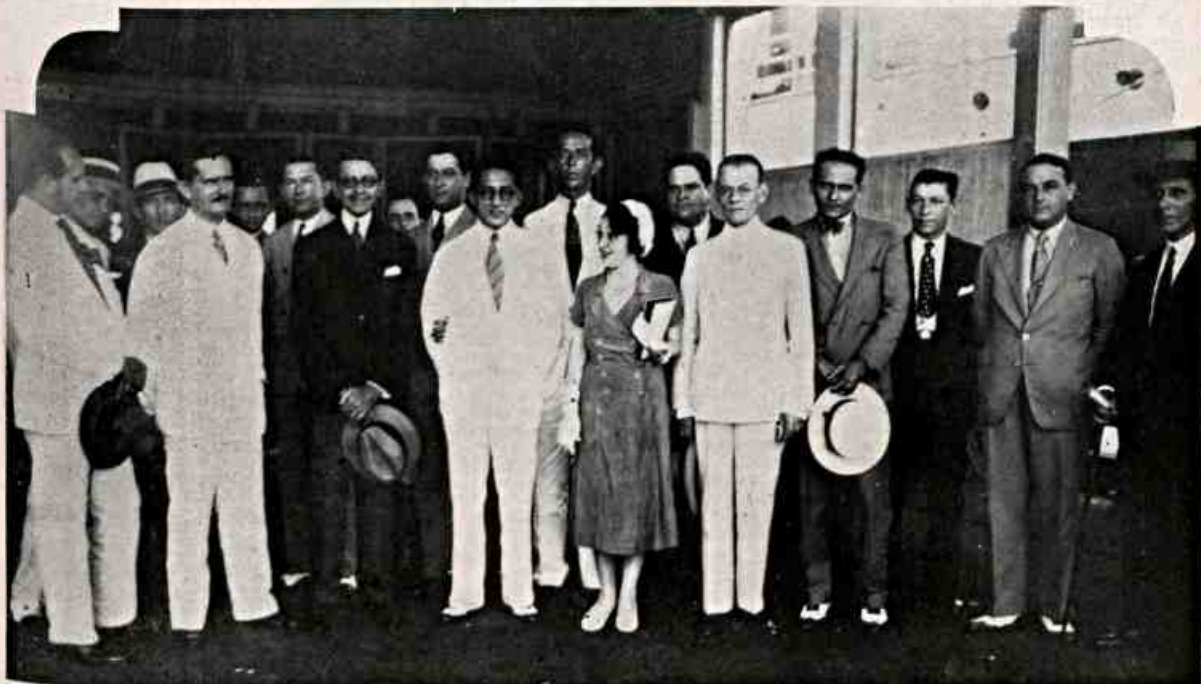
(Conclue na pag. seguinte)

O tenente Gilberto Marinho, pelas suas altas qualidades de espirito, conquistou a sociedade paulista. Trata-se de uma figura de eleição, possuidora de cultura e que se destaca pelo brilho pessoal e nobreza de attitudes. O tenente Gilberto Marinho faz parte da casa militar do actual interventor de S. Paulo.

O Touring Club do Brasil promoveu, quarta-feira penultima, em sua séde social, uma reunião de jornalistas para se tratar de assumptos referentes ao turismo, de que aquella associação é orgão autorizado entre nós. Na ausencia do presidente do Touring Club, dr. Octavio Guinle, impedido de comparecer á reunião, foi a mesma presidida pelo dr. Cerqueira Lima, vice-presidente, que expoz aos jornalistas presentes os fins daquella entrevista collectiva, dando, em seguida, a palavra ao dr. Edgard Chagas Doria, secretario, o qual procedeu á leitura da exposição que alli seria feita pelo dr. Octavio Guinle, si s. s. não estivesse ausente. Usaram ainda da palavra os nossos confrades Berilo Neves, Aureliano Amaral, Pinto Balsemão e Nobrega da Cunha, os tres primeiros suggerindo medidas que o Touring Club poderia aproveitar, e o ultimo, interpretando os sentimentos dos jornalistas que alli se encontravam, no sentido de offerecer a cooperação da imprensa carioca para a obra patriotica em prol do desenvolvimento do turismo nacional, em bôa hora iniciada pelo Touring Club do Brasil.

Demonstrando o completo fracasso do casamento, conforme é instituido actualmente, Adonias Lima preconiza uma nova modalidade de união, capaz de resolver a questão da vida affectiva na sociedade contemporanea — é o que elle chama "monogamia livre" — coisa muito differente de amor... livre ou, melhor, de polygamia livre.

A Victoria do Feminismo, *constituirá, de certo, um grande successo de livraria e é uma obra que a mulher moderna deve procurar conhecer.*

MAX LINDER

Berilo Neves, o suave ironista que o Brasil inteiro conhece e admira, porque elle é, sem favor, uma das figuras illustres das nossas letras — Berilo Neves seguiu, quinta-feira penultima, para o Rio Grande do Sul, não no caracter de escriptor, mas, apenas, como o tenente Berilo Neves da Fonseca, do corpo de saúde do Exercito, recentemente transferido, por acto do sr. ministro da Guerra, para o grande Estado do sul. O embarque de Berilo Neves, apesar do sigillo de que foi cercado, por vontade e modestia desse nosso brilhante e querido confrade, teve grande concorrencia de amigos e collegas do autor de «A costella de Adão» e de «A mulher e o diabo», os quaes quizeram, assim, prestar uma homenagem ao talento e á bondade de um dos mais claros espiritos da geração moderna.

Trepações

ERA um cavalheiro perfeito, de habitos elegantissimos.

Não faltava ás reuniões *chics*, e parecia até que tinha a volupia de se fazer passar por *coronel*.

Essa fama devia repousar em razões solidas, porque elle vivia sempre cercado de mulheres borboletas e tinha um sorriso para todas.

Entretanto, com a revolução, o nosso heróe cahiu do alto pedestal que havia galgado com relativa facilidade.

Não que tivesse talento ou qualidades para tanto, mas porque possuia bons padrinhos e subiu como sobem os foguetes, com ruido, para espoucar no espaço...

O cavalheiro tambem estoirou, desfazendo-se no ar a sua fama de homem *chic*.

Hoje, que resta do tempo antigo, dos bons tempos que não voltarão mais?!

Nada.

Ellas fogem mal elle se approxima, e com razão...

Dizem que elle fala sozinho, agora, pelas ruas, o que é um pessimo symptoma.

E, como não ha esperança de empregos faceis, mantidos pelas arcas do Estado, elle poderá acabar os seus dias como hospede official de um palacio amarello que existe lá para as bandas da praia Vermelha...

Póde ser até um bom negocio, nos tempos que correm.

ELLA vae vivendo o seu lindo poema de ternura...

Criança, sem suspeitar a maldade dos homens, pensa ter encontrado o seu principe encantado, que a conduzirá, pelas estradas floridas, ao seio da felicidade absoluta.

Por isso, a menina, depois das aulas, corre sempre ao encontro do rapaz, para o habitual passeio a pé pela extensão da deserta avenida...

Passo miúdo, para render o passeio e, naturalmente, confidencias entrecortadas de juramentos de um amor eterno, como nos romances...

Depois do passeio, ella toma o bonde em direcção ao bairro aristocratico da cidade, e elle ruma para casa, lá para além do Mangue...

Mas, o rapaz bem podia desistir da sua feia acção, emquanto a coisa vae em começo.

Illudir uma criança, com taes requintes de maldade, a frio, é mais do que peccado, porque redunda em verdadeiro crime.

Que pretende o rapaz?!

Bem sabe o que deve fazer depois deste sermão altamente moralizador...

Metta-se em casa com a esposa, digna de melhor sorte, deixando a pobre criança em paz.

E si desprezar o nosso conselho amavel, vae sentir quanto é doloroso o castigo que o espera...

O illustre burocrata passou por grande susto ao ouvir discutir os córtes provaveis da sua repartição. Não que as medidas discutidas viessem attingir a sua importante pessôa...

Mas, é que ha coisas na vida com as quaes a gente se acostuma, sendo quasi impossivel dispensál-as quando suppõe que estão incorporadas ao nosso patrimonio.

Assim, a ameaça que pairou sobre a cabecinha de certa dactylographa deu causa aos sobresaltos do fazedor de officios, pois seria uma perda irreparavel para a repartição, si a prestimosa auxiliar fosse mandada descansar em casa...

Ella já conhece habitos, costumes, do querido chefe, e até decifra as minutas escriptas em pessima calligraphia, de maneira que não péga o serviço...

Si a rapariga faltasse, estava o homem perdido, porque nunca encontraria outra auxiliar com tão ricos predicados...

O susto foi grande, mas passou.

O burocrata póde continuar a dormir na repartição, esquecido dos encantos do lar, porque o Estado é generoso, mesmo a braços com a falta de fundos.

Felicidades...

MADAME arranjou um brinquedo divertido, com o pretexto dos banhos de mar.

Invariavelmente, apparece acompanhada dos filhos, mas estes não servem de empecilho aos seus largos exercicios de sob as vistas do querido e prestativo professor...

Os filhos, emquanto repousam deitados na areia fulva, presos ao regimen dos banhos de sol, dão liberdade á mamãesinha para esquecer as tristezas do lar, o que ella faz mergulhando o corpo branco na espuma das ondas...

E *madame*, entregue ao encanto da palestra do companheiro de todas as manhãs, esquece os filhos, não percebendo, outrosim, que ali estão banhistas curiosos, bisbilhotando a vida alheia...

A maldade humana não poupa a attitude de *madame*, por uma simples razão.

Tanto ella, como o companheiro, já estão na idade de ter juizo...

Entretanto, ambos estão fazendo concorrencia aos jovens banhistas, esquecendose do respeito que devem a si proprios.

Madame parece que é de circo...

FOLK-LORE MUSICAL

Heckel Tavares, que é um dos nossos mais festejados compositores, gozando, por isso mesmo, de grande prestigio em nosso mundo musical, vae realizar, hoje á noite, no theatro Casino, um recital de canções brasileiras sobre motivos regionalistas colligidos durante sua recente viagem ao norte do paiz. Interpretará as producções de folk-lore musical de Heckel Tavares a senhorita Elisa Coelho, que acompanhou o compositor na sua excursão artistica e tem uma linda voz, varias vezes admirada e applaudida pelo nosso publico. Heckel Tavares deverá regressar ao norte, dentro de alguns dias, afim de continuar, ali, os seus estudos de folk-lore musical.

Em acção de graças pelas bodas de oiro de seus venerandos progenitores, que completaram cincoenta annos de casados no dia 25 de abril findo, os filhos do casal Evaldo Augusto Ferreira-sra. Joanna Caminha Ferreira mandaram celebrar, sabbado ultimo, na egreja da Cruz dos Militares, missa solemne, que teve a presença de grande numero de amigos e admiradores da familia Ferreira. Na noite do mesmo dia, o casal festejado offereceu, por esse motivo, recepção ás pessôas de suas relações, em sua residencia de Santa Thereza.

FILIGRANAS

Tudo nos habitos dos povos representa uma tradição. Nada na sua vida apparece que não venha do passado. Chateaubriand, quando nos fins do seculo XVIII visitou a America, fez esta observação: "Em Bengala, as bayadeiras mascam o betel e no Levante as alméas chupam o mastique de Chios; as floridianas esmagavam com os seus dentes de uma alvura azulada lagrimas de resina ou raizes de libanis, que mesclavam á fragrancia da angelica, a da cidreira e a da baunilha."

Quando, nos nossos dias, as *girls yankees* remoem as pastilhas de *chicklet*, não pensam que revivem um costume indiano e que ha quasi dois seculos as contemporaneas de Atala faziam na floresta e na savanna o que ellas praticam nas cidades dos arranha-céos...

O capitão Decio Escobar, ex-inspector das guardas nocturnas desta capital, foi justamente homenageado por distincto grupo de amigos e admiradores, que lhe offereceram um almoço no restaurante da Urca, no ultimo domingo, em regosijo pela sua recente nomeação para o cargo de inspector da Guarda Civil.

O LLOYD BRASILEIRO E SUAS NOVAS DIRECTRIZES

Uma visão do progresso dessa grande companhia de navegação

DEPOIS que o sr. Mario de Almeida assumiu a direcção do Lloyd Brasileiro, imprimindo-lhe nova orientação technica e administrativa, a grande companhia nacional de navegação tem apresentado, aos olhos dos observadores mais pessimistas, aspectos de real e vertiginoso progresso, que se desdobra por todos os departamentos daquella empresa. Ninguem póde obscurecer essa verdade clara, porque os factos ahi estão para confirmál-a e pôr em destaque o espirito de organização, de patriotismo e de dedicação que preside aos actos do actual director do Lloyd Brasileiro.

Muitos têm sido os melhoramentos, não só de ordem material, sinão tambem essencialmente funccionaes, que o Lloyd já deve ao sr. Mario de Almeida. E entre esses, é de justiça salientar os que se prendem á ordem interna nos navios da companhia, cujo aspecto, agora, bem differente daquelle que offereciam, até ha bem pouco tempo, as unidades da mesma frota. O publico, que via aquillo, e ouvia, tambem, os commentarios feitos nesse sentido, já tinha prevenção contra os navios do Lloyd, e viajava nelles mais por necessidade do que por prazer, preferindo os de outras companhias, quando assim fosse possivel. Dahi a série constante de reclamações dos interessados e prejuizos para o Lloyd, cujo prestigio, por isso mesmo, decrescia de dia para dia, acompanhando, já se vê, a diminuição das suas rendas e consequente desvalorização de seu capital.

Agora, tudo, felizmente, mudou. E a situação do Lloyd é bem outra, graças ás providencias em bôa hora tomadas nesse sentido pelo sr. Mario de Almeida, homem de visão segura, como administrador e como industrial.

Quando, hoje, se fala em viagem maritima, já se pensa em navios do Lloyd, citando-se nomes, suggerindo-se preferencias mais ou menos dentro da linha de navegação da nossa maior companhia desse genero. A maioria dos viajantes para os portos brasileiros e muitos para os estrangeiros e vice-versa escolhem sempre um vapor do Lloyd.

Uma prova? Ahi está o documento photographico, portanto incontestavel, na gravura que illustra esta pagina. Representa a mesma um detalhe da atracação do paquete "Almirante Jaceguay" numa das docas do Lloyd Brasileiro, no cáes do porto desta capital. O navio, como se póde ver, vem repleto de passageiros, muitos dos quaes se debruçam á amurada do "Almirante Jaceguay". Em terra, no cáes, tambem muita gente aguarda, ansiosa, a atracação do vapor, afim de abraçar os seus, cujo desembarque em pouco se realizará.

O «Almirante Jaceguay» atracando no cáes do porto, e a multidão que o aguardava.

E' que o Lloyd, com a sua nova administração, já inspira confiança aos passageiros dos seus navios, que, por isso mesmo, têm suscitado a preferencia do publico, do grande publico brasileiro, exigente, ainda que educado.

Quando alludimos a publico, incluimos na mesma designação commercio e povo, isto é, cargas e passageiros, que todos elles são concordes em reconhecer as novas directrizes do Lloyd, nesta hora de reformas e reorganizações inspiradas no bem collectivo.

A chegada de um vapor do Lloyd, presentemente, constitue, assim, um acontecimento até de alta expressão mundana, pelo aspecto chic, *raffiné*, que apresenta o cáes, na hora festiva do desembarque.

Ahi está o nosso *cliché* para documentar a nossa affirmativa.

Será preciso mais?

Cremos que não.

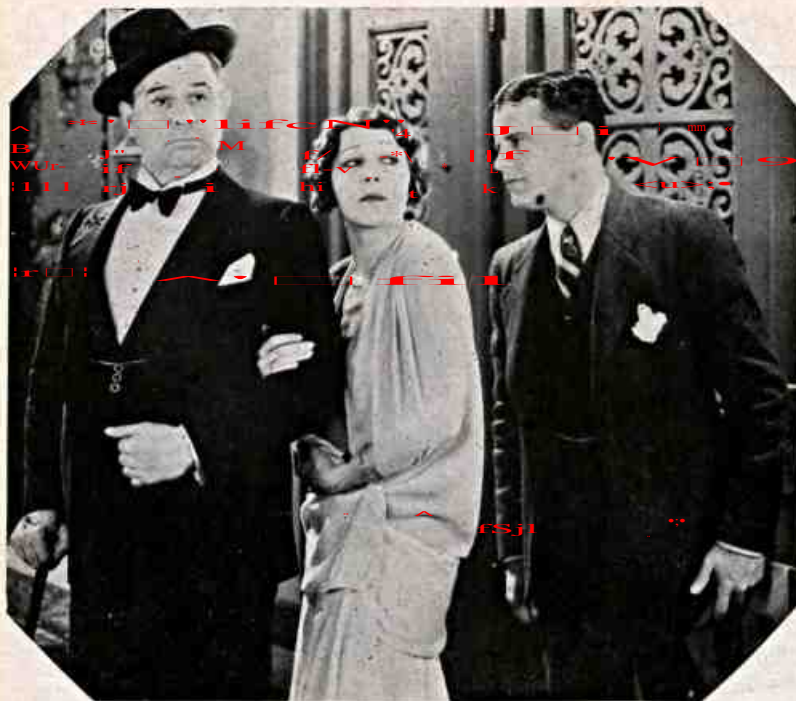
OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

Ficou sozinho...

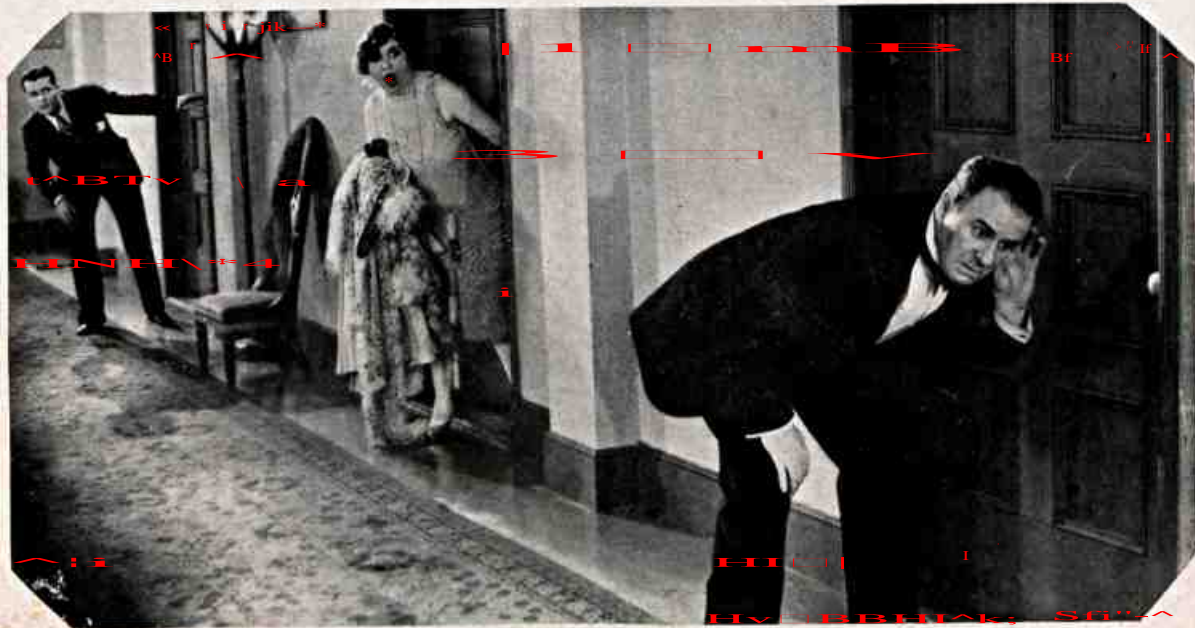
EVAS MODERNAS

Um film da Columbia representado por
PATSY RUTH MILLER-Ford Sterling-Gertrudes Astor

O senhor Tom Ford, proprietario de uma fabrica de tecidos, que havia contrahido segundas nupcias havia apenas dois mezes, é seduzido pelo seu melhor amigo e freguez, sr. Mack, a participar de uma pequena farra. Elle não conhece nenhuma joven para acompanhal-o, mas, ansioso por satisfazer ao desejo do velho cliente, solicita á sua secretária, Eva Grant, que é secretamente noiva de seu filho Ford Junior, a tomar parte na festa. Eva consente. Ford evita um encontro com a esposa para uma festa na casa de campo de uns amigos, pois, assim, elle póde satisfazer plenamente a

Situação embaraçosa.

Elle parecia tomar a serio a comedia.

Mack. Ford e Eva ficam espantados em ver que Mack trouxe a esposa tambem, uma senhora sempre cheia de dores de cabeça e de ciumes. Ella tambem tinha desejos de tomar parte na "festa", afim de conhecer a esposa de Ford. A senhora Mack confunde Eva com a senhora Ford. Todos comprehendem que este é o melhor modo de se evitar uma situação embaraçosa. Vão para o Café "Rendez-vous." No meio da hilaridade, a senhora Mack pede á orchestra que toque um numero escolhido em honra do senhor e da senhora Ford e da festinha que estão fazendo.

A senhora Ford, no campo, ouve o pedido pelo radio. Ouvindo a advertencia galhofeira de uma senhora ao seu lado, a esposa de Ford sahe dali e vae até o café "Rendez-vous" á procura do marido. Neste interim, Ford telephonou para o filho, pedindo-lhe comparecer ao café e tiral-os daquella triste situação, porquanto os Macks estão ficando exaltados. Ford Junior, attendendo ao pedido, chega ao café disfarçado em agente da lei secca. Logo que Tom vê Eva naquelle meio, desiste do plano de prender o bando como infractor da lei e fica com elles. Decidem voltar para casa, deixando os Macks no Hotel. Minutos depois, chega ao café a senhora Ford, perdendo-os. Depois que o grupo de Ford chega á sua residencia, os Macks insistem sobre uma "farrita", uma situação embaraçosa para Eva. Ford não pode revelar a verdadeira identidade della, porquanto teme magoar o seu velho cliente. Pela manhã ja todos vão dormir. Mack havia ficado com fome, e desce até a sala de jantar á procura de algum alimento. A senhora Ford, que havia desistido de procurar o marido, entra e, pensando que Mack é um ladrão, chama a policia. Mack confunde-a como uma retardataria da festa e racha a historia toda. O pessoal em cima, ouvindo um barulho estranho na sala de jantar, desce; surge uma interessante questão sobre qual é a verdadeira esposa de Ford. Tom Ford Junior entra e salva a situação, annunciando que Eva é esposa de Ford, mas... Junior... O grupo, satisfeito, decide fazer uma bôa festa.

Apanhado em flagrante.

Ingenuidade, mesmo?...

"Noivas Ingenuas"

(Our Blushing Brides)

Producção "Metro Goldwyn Mayer"

Com: Jerry, Joan Crawford
Connie, Annita Page
Franky, Dorothy Sebastian
Tony, Robert Montegomery
David, Raymonde Hackett
Marty, John Miljan e outros

JERRY, Connie e Franky, amigas inseparáveis, companheiras de quarto, trabalhavam no importantissimo estabelecimento de Jardine & Sons. Jerry era um dos melhores «Modelos» da luxuosíssima casa; Connie trabalhava num «rayon» do departamento de perfumes e Franky attendia á freguezia da secção de cobertores. Das tres, apenas Jerry não tinha namorado, porque Connie tinha um pequenino romance com David Jardine, e Franky, com Martin Sanderson, um rapaz que ella não sabia quem era, mas que tinha — isso ella sabia bem! — bastante dinheiro...

Jerry, entretanto, é ardentemente admirada por Tony Jardine, irmão de David. Ella não chega a ser de todo indifferente ao rapaz, porém é cautelosa. Tony realiza um deslumbrante desfile de modas numa aristocratica «villa» perto de Nova York, e Jerry lá comparece, na qualidade de «modelo». Após o desfile, que se realiza ante os olhos deslumbrados de toda a nata da sociedade, Tony conduz Jerry para o «ninho» que elle fizera construir ao centro do lindissimo jardim da «villa», mas nada consegue com isso, porque Jerry soube mostrar-lhe que, não obstante os

A variedade na belleza.

Que atrapalhação!

seus modos de joven moderna, pos-sue virtudes bastantes para dar uma lição e uma decepção a qualquer jo-ven rico como elle...

Voltando ao seu modesto aparta-mento, Jerry encontra, para grande angustia sua, um bilhete em que Connie lhe communica ter acceito a proposta de David, com quem iria viver, porque não estava mais dis-posta a aturar aquella vida de tra-balhos, uma vez que poderia viver bem melhor, com muito mais con-forto, muito mais prazer. Na carta, Connie lhe communica, ainda, que David lhe prometera casamento, mas Jerry comprehende que sua amiga marchava, com aquelle passo, para a sua infelicidade. Nova angus-tia, entretanto, opprime o seu cora-ção, quando Franky apparece acom-panhada pelo antipathico Martin Sanderson, e lhe communica que se havia casado naquella tarde, e dei-xaria de ser, naturalmente, a par-tir daquelle dia, sua companheira de quarto e... de trabalho, porque Mar-tin era bastante rico para dar á sua esposa não somente bons vestidos e bonitas joias, mas o descanso por que ella suspirava havia tanto tem-po... E, a proposito, Franky acon-selha Jerry a que abandone aquelle ar de tanta honestidade e trate da vida. Jerry, bonita como era, com aquelles olhos tão impressionantes, poderia viver muito melhor se accei-tasse as propostas de Tony, que es-tava tristemente apaixonado... Que se deixasse de considerações e apro-veitasse da vida o melhor que ella pôde offerecer!

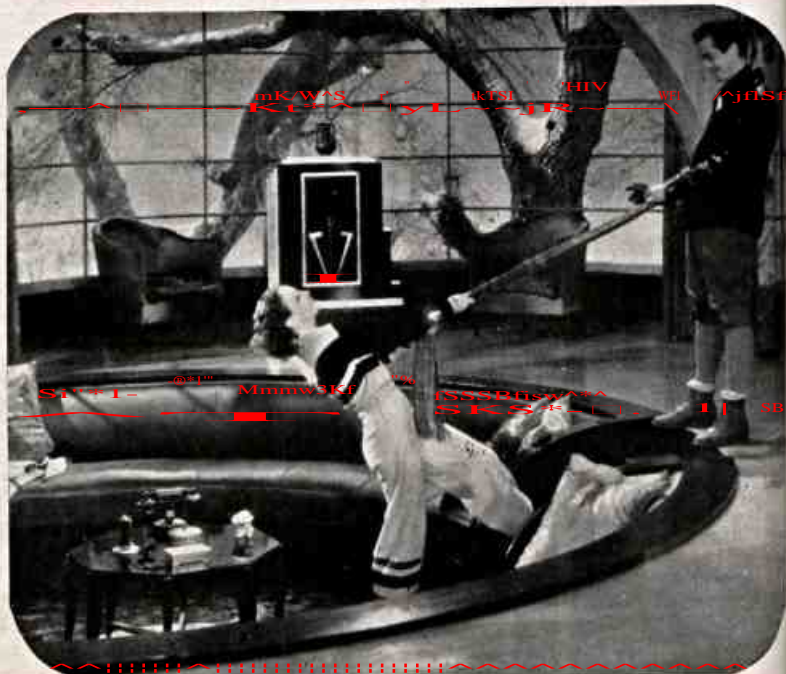
Jerry, entretanto, não dá ouvidos a esses conselhos e, sozinha, mu-dando-se para um apartamento mais modesto, dada a necessidade de fa-zer maiores economias, continúa trabalhando, evitando sempre a pre-sença de Tony Jardine. Este invade, porém, certo dia, o camarim onde a joven se vestia para apresentar mo-delos, e renova os seus protestos da mais ardente paixão. Jerry resiste mais uma vez, porém, para deses-pero do joven. E novas vezes elle lhe apparece, sem resultado.

Certo dia, descobrem que Martin Sanderson não passava de um «escroc» e Franky é presa juntamen-te com o marido. Isso enche de pro-funda tristeza o coração de Jerry, que, para divertir-se um pouco, vae a um cinema, onde vê David, o «apaixonado» de Connie, em compa-nhia de Evelyn, uma joven da alta sociedade. Não lhe é difficil saber que David e Evelyn se casariam no dia seguinte. Sabedora disso, ella vae ao apartamento de Connie, para prevenil-a, mas encontra lá a ami-ga, tão feliz na illusão de que David a ama, que não tem coragem de lhe revelar a triste verdade. Mas David apparece e, pensando que Jerry, que elle havia visto no cinema, alli esta-va para dizer tudo a Connie, é o pri-meiro a pôr a joven ao par do que havia. Jerry retira-se por momentos e volta quando David entra. Encon-tra Connie pisada pela desillusão, completamente vencida. Consola-a, porém, e leva-a para o seu modesto apartamento, disposta a fazel-a vol-tar á alegria de viver.

No dia seguinte, porém, tem logar a cerimonia nupcial de David, e esta representa tão grande acontecimento social, que as sociedades de radio es-palham, pelas ondas hertzianas, as mais sensacionaes noticias sobre o andamento da grande festa na «vil-la» da familia Jardine.

Connie, sozinha, no apartamento de Jerry, ouve a irradiação, e, com-pletamente abatida com aquelle des-gosto, deixa-se vencer pela idéa si-nistra que fuzila em seu cerebro» morrer! Quando Jerry regressa, en-contra-a em estado desesperador. Jerry, louca de dôr, faz os maiores esforços, multiplica-se em activida-des, em providencias, para minorar o soffrimento da amiga e procura salval-a. Quando o medico a notifi-ca de que isso seria impossivel, ella pensa, então, em dar a Connie uma pequenina alegria, mas uma alegria que lhe faria bem, porque seria a sua ultima illusão: trazer David ao seu leito de morte. Ella corre, por isso, á «villa», esplendente, áquella hora, com a grande festa, e exige de Tony que obrigue o irmão a acom-panhal-a. Assim faz Tony e Jerry consegue, por isso, que David se abeire do leito de Connie e lhe diga que a ama, que ella não morra, por-que é toda a sua vida...

Connie sorri, feliz, e morre.

Tony tinha agora, mais do que nunca, exemplos da grandeza e da virtude de Jerry. Mais uma vez elle pede á joven, de joelhos, que se tor-ne sua esposa. Desta vez, ella não lhe nega essa felicidade, porque tem certeza de que conquistaria, assim, a sua propria felicidade...

Brincadeira perigosa.

ARCA DE RARIDADES

(NOTAS DE UM ANTIQUÁRIO)

II

NOTABILISSIMA é a collecção de gravuras, nacionaes e estrangeiras, assignadas, além de outros gloriosos renomes, pelo gravador inglez E. Fischer, nessa que reproduz em meias tintas o retrato do celebre actor Garrick do grande Yoshua Reynolds. E as francezas de Jacques Philippe Le Bas, Nicolas Lancret, Dambrun e outros; e as italianas de Montegna, a par de flamengas antigas.

A ceramica de todas as épocas avulta em quantidade e em qualidade. Armarios, montras, lambris cantoneiras e peanhas vergam ao peso de chicaras, pratos, medalhões e pires das mais velhas e nobres procedencias. Assim, lá estão os Spodes, os Wedgwoods coloridos e a preto, os Vieux-Paris, Vieux-Berlin e Vieux-Vienne, com os Limoges, os Saxes e os Sévres da mais cara factura, de mistura com os exemplares do oriente, onde sobresáem os Kang-hi, os Ch' ing, os Ming e os Kien-Lung, testemunhas das mais remotas dymnastias chinezas. Desses, realça pela bizarrice um sumptuoso grés ceramico de 1736, montado sobre supporte de madeira esculpturada.

Adeante, as pratarias coloniaes bico-de-pato, com as marcas do reino, reflectindo passados esplendores sobre a severidade de jacarandás vetustos. E os crystaes da Bohemia, ricamente irisados, outros com effigies imperiaes brasileiras, remanescentes do fastigio monarchico. Velhos castiçaes de bôa prata cinzelada do Porto, sustentando mangas de crystal finissimo, que recordam as grandes ceias de fim de festim dos solares patricios de outras éras.

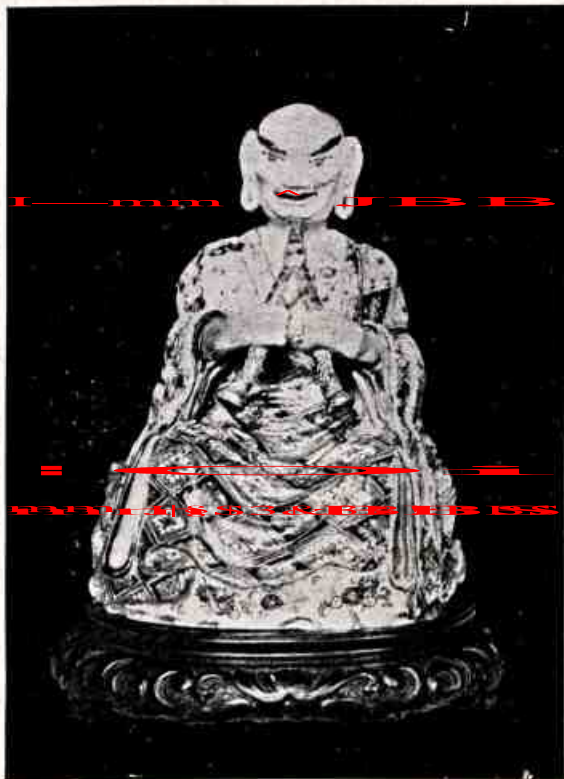
Nesse particular, ha muito que invocar o Brasil do passado, a esplendida sociedade carioca que Elysio de Carvalho decantou num livro primoroso, onde, no fausto senhorial das casas nobres, se amava galantear as damas e ironizar os homens com os delicados punhos de rendas da poesia e da politica. Quem não rememora logo, ao voltar-se essa pagina luminosa dos nossos tempos idos, o salão de Miguel Calmon, marquez de Abrantes, com as crinolinas e as casacas faiscantes de crachás e grã-cruzes, que se davam encontro sob os pesados candelabros de mil velas, entre os custosos *gobelins* e *aubussons*, com os *potins* de improviso e as tiradas madrigalescas do nosso lord Brummel — o donjuanesco Maciel Monteiro, barão de Itamaracá? Foi ahi, perdido num dos vãos de sacada que deitavam para a praia deserta, fóra de horas, que, no outro dia, finda a ultima festança fidalga dos Abrantes, se deparou, como sentida lagrima de saudade, alvo bilhete escripto a lapis, com letra tremula e chorosa, um pedaço daquella poesia onde se tráe a amargura de uma alma angustiada:

Ella foi-se, e com ella foi minh'alma!
Partiu... partiu... e como vae distante!

Qual a deusa que assim se ausentava, deixando após a esteira do navio o coração de um bardo afflicto a distillar em rimas o travo cruel da sua grande agonia? Dizem as más linguas que se tratava de alta dama da côrte, filha do norte, onde fulgia em primeira grandeza...

Mas a parte mais tocante do solar Motta Maia é aquella que se guarda a sete chaves nas gavetas dos contadores e das arcas. São as reliquias, os vestigios inconcussos da dedicação do abnegado titular ao nosso velho imperador, que se entremostram em photographias e autographos, cada qual mais amistoso e sincero, prova cabal de uma amizade que attingiu ao sacrificio, e só a morte conseguiu dissipar.

Em certo ponto, o doutor Motta Maia abre uma caixa, relicario de lembranças, e exhibe aos meus olhos enternecidos uma carta de d. Pedro II a elle e seus irmãos. O triste soberano, destbronado, vivia os seus derradeiros dias em Vichy, em fins de junho de 91. Sabendo-o enfermo, os filhos do conde de Motta Maia resolveram escrever-lhe, interessando-se pela sua saúde. E um bello dia tiveram a gratissima surpresa de receber das proprias mãos imperiaes a resposta á sua carinhosa missiva.

"*Vichy, 29 de junho de* 1891.

Grés ceramico chinez de 1736, época de Kienz-Lung.

Meninos — Muito me commoveu sua cartinha de 28. Estudem-me; estudem-me bem para prazer meu e dos seus. Sempre soube ser e continúo bom estudante. Ha que aprender e desaprender por errado até a morte.

O amigo de sempre — D. Pedro de Alcantara."

Motta Maia dobrou de novo o papelucho, que o tempo amarelleceu como as acacias da serra, e trancou-o na sua secretária. Tinha os olhos húmidos. Que roldão de reminiscencias lhe passaria pelo cerebro e pelo coração?

Fóra, a noite cahira pesadamente sobre a cidade imperial, que o "neto de Marco Aurelio" tanto amára e onde passára os momentos mais felizes da sua longa vida de imperador e de sabio.

GASTÃO PENALVA

SOUND NOTE

SI ha uma classe que se póde queixar amargamente da crise que atravessamos, essa classe, decerto, é a dos negociantes de discos, apparelhos phonographicos, etc.

Generos de ultima necessidade, inutilidades das mais inuteis, a sua acquisição só se faz quando os orçamentos domesticos apresentam "superavits" auspiciosos e nunca possibilidades de "deficits" ou mesmo de equilibrio entre a receita e a despesa.

Este é o criterio geral, mesmo nas épocas normaes.

Avalie-se, agora, o que não está succedendo!

Espiritos apprehensivos, sem predisposição para os deleites e devaneios dos sentidos estheticos, cambio baixo, tudo isto concorre de uma maneira alarmante para o decrescimo de vendas de artigos do genero.

O disco nacional, vendido ao preço commum de 12$000, soffreu uma diminuição de 60 % na sua procura e as novidades, de procedencia estrangeira, vão subir de preço, certamente, dentro em breve, logo que os "stocks" tenham de ser renovados.

As fabricas productoras, entre nós, estão ás portas da paralysação das suas actividades.

A "Columbia", que tinha montado um "studio" de gravação nesta capital, mantendo o que já possuia em S. Paulo, parece disposta a fechar ambos.

A "Brunswick", acaba de liquidar todos os seus negocios com o Brasil.

A "Victor", a "Parlophon" e a "Odeon" já reduziram enormemente os seus quadros de pessoal, entre musicos, artistas, operarios, etc., bem como cortaram uns tantos por cento nos ordenados dos que ficaram.

E' este, em resumo, o quadro afflictivo em que se encontra a phonographia.

Um disco que, no momento, chega a vender mais de um milheiro, é considerado um legitimo successo, desses que motivam o envio de telegrammas e felicitações aos autores e interpretes.

Mas — vamos ao optimismo! — esta situação não póde continuar por muito tempo.

E' fatal que uma reacção se faça sentir, dentro de algum tempo, mal se desanuviem os horizontes politicos da nossa terra, que acaba de soffrer uma intervenção cirurgica perigosa, estando ainda enfraquecida pela anesthesia revolucionaria a que se submetteu.

Paiz novo, mocidade feita nação, teremos, como as creaturas, o vigor necessario para resistir.

A Vida, para nós, deve ser, e ainda é, um sorriso festivo...

Façamos um pequeno esforço sobre os nossos nervos, afugentando as sombras destes dias sem sol.

E emquanto esperamos a resurreição prognosticada pelos que não gostam de relações intimas com o desanimo, vamos nos contentando com o pouco que temos, procurando enfeital-o e augmental-o, graças aos prodigios da nossa imaginação sempre tão viva e fertil.

Assim, para começar por casa, façamos, todas as semanas, uma alegre excursão pelas paragens sonoras da "Discolandia", fixando, nas paginas do FON-FON, ligeiras impressões dessas viagens ao reino encantado da melodia e da arte.

Convençamo-nos, afinal, de que a Vida é mesmo um sorriso e tratemos, tambem, de sorrir para a Vida, que, apesar de tudo, ainda é bem melhor do que a Morte...

"FON - FON" E OS DISCOS

COMO a imprensa carioca, toda ella, tem noticiado e commentado, o pessoal cá de casa vae começando a interessar-se pelos discos e musicas, numa retribuição ao interesse demonstrado pelas fabricas editoras e pelos compositores, em apresentar producções firmadas pelos nossos companheiros.

Assim, coube a Martins Capistrano iniciar esse movimento, escrevendo a linda letra do já conhecidissimo tango "Impossivel", musica do festejado maestro Gastão Lamounier, autor de "Arrependimento" e outras coisas notaveis.

Seguiu-se o querido Bastos Portella, que escreveu versos encantadores para a valsa "Teu sorriso é a minha dôr", em que apparece como compositor o nome até ha bem pouco somente literario de Oswaldo Santiago.

Inutil será accentuar o exito de ambas essas producções.

Apparecendo em uma época de máos negocios, de crise real e insophismavel, "Impossivel" e "Teu sorriso é a minha dôr" lograram impôr-se immediatamente, esgotando as edições com que foram iniciadas as suas vendas.

Isto quer dizer que o pessoal de FON-FON estreou bem, muito bem mesmo, o que é, para nós, um justo motivo de jubilo.

Oxalá não fique somente nesse principio auspicioso, repetindo-se, dentro em breve, a conquista de successos semelhantes.

AS MUSICAS DOS "FILMS"

DEPOIS de alcançarem o dominio quasi que absoluto do nosso mercado, as musicas dos "talkies" começaram perdendo o prestigio adquirido, e hoje estão, pode-se assim dizer, completamente desvalorizadas.

Lá uma ou outra escapa ao indifferentismo collectivo, isto mesmo para obtenção de um agrado relativo.

Não se vê mais o exito epidemico de uma "Ramona", de uma "Divina Dama", nem de um "Broadway Melody" ou de um "If [illegible] a talking picture of you".

[illegible]pois da "Alvorada do Amor", em que Chevalier conseguiu impôr o "Paris je t'aime" e Jeannette Mac Donald a "Marcha dos Granadeiros", o declinio tem sido cada vez mais intenso.

Será d[illegible]ido á qualidade dos numeros qu[illegible] se seguiram?

Pensamos qu[illegible] não.

O que se dá é que o publico está um pouco fatigado das especialidades americanas e precisa dar uma folga aos ouvidos já cheios de tanto "you", "you".

De[illegible]s, natu[illegible]lmente, voltará a procurar[illegible]hat you, Baby", os "Breaka[illegible]", os "You were meant for me", etc.

A questão é de um pequeno intervallo, pois tudo abusa, neste mundo, principalmente quando é bom...

Agora, com a volta do inverno e consequente iniciação da temporada da cinematographica, é de esperar que os "super-films" façam as suas musicas retomarem a antiga posição.

Tempo ao tempo, portanto...

Cartas de Mulher

Palmyra Wanderley

(DE UMA SERIE A PUBLICAR)

«MARCOS — O tempo e a distancia geram personalidades estranhas, ás vezes, até entre os mais intimos. Foi isto o que eu pensei ao encontrál-o, novamente, á minha espera "na encruzilhada silenciosa do destino".

Você outro...

Eu a mesma...

O mesmo olhar rasgando horizontes.

O mesmo riso soando como os guizos de um maracá de prata.

O mesmo desejo doido de viver!

A mesma fé em Deus. A mesma confiança em mim e no destino.

Impenitente fantasista, continúo a julgar caveiras moraes os homens vazios de ideal. E a fugir delles para viver sozinha, uma vida inteira, de renuncias amorosas, evitando, assim, decepção, que num temperamento sensivel, numa imaginação como eu sou, é a morte.

Vê você que eu ainda sou aquella mesma romantica de outro dia, que você conheceu entre os balcões floridos do meu sonho e os principes encantados da lenda. Num delirio da minha fantasia...

Era eu, naquelles tempos do primeiro encontro, lembra-se?, uma ingenua — naquella idade de "menina e moça" de Bernardim Ribeiro; "entreaberto botão, entrefechada rosa" de Machado de Assis.

Mas, dentro de mim, já se debatia, num anseio incontido de voar, qual passaro azul encarcerado, esta alma sonhadora que é a minha. E que fez de mim, numa renuncia de todos os dias, a soffredora resignada, que hoje sou, "o peccado de tanto sonho.

A vida era para mim um brinquedo multicôr... Corça selvagem, eu saltava os lasedos. Trepava no mais alto da montanha marinha, sem saber ao certo si para beijar o sol, que se ia, ou si para esperar você, que chegava com o fim da tarde...

De olh[illegible]so, no meio do caminho, eu esperava alg[illegible]m... ou alguma coisa... Esperava... E esperar com o coração é prenuncio de amor — quando não é amor...

Outro você, meu amigo, bem diverso do que hoje é... Um quê de sereno e de grave punha uma nota severa e suave, levemente ironica, na sympathia de sua figura distincta, impregnada de scismadora mocidade...

Tecedor maravilhoso de ideaes, dentro de um eterno sonho medievo, malmente esboçado, você dourava a vida com o fio de ouro da sua poesia interior.

Dominador de emoções profundas, você deixava escoar, pelos rasgões da sua alma sonhadora, a espumarada. E guardava para você, sozinho, o mais fundo da agua remexida.

Numa confiança conquistada pela pureza de suas doutrinas, pela lealdade de suas palavras, pela firmeza de seu caracter, pela distincção moral da sua envergadura de homem de bem, você se impunha num absoluto poder sobre si mesmo. Mantinha á distancia, num respeito quasi superticioso, a sua mocidade virtuosa, a sua bondade commovedora e austera, os proprios amigos velhos e moços do seu tempo. Dir-se-ia um novo apostolo de uma doutrina nova e salvadora. Um reformador social cheio, ainda, de illusões academicas, pretendendo gerar, com a semente de sua philosophia, uma éra nova.

A sua presença, para mim, era como defesa de todo mal, prenuncio de todo bem.

Você, Marcos, que chegou a viver por muito tempo na minha vida como a figura romantica e dominadora de David Rossi, o apaixonado socialista da "Cidade Eterna", de Hall Caine, outras vezes como a visão de Theron, o galan guerreiro de Contra Corrente — aquelle joven soldado desafiando a morte nas batalhas da Africa para vencer o amor, agora me parece a mim um vencido, um esmagado, talvez pelos proprios ideaes. Na vida inutil das avenidas e dos cafés, na bohemia das noites mal dormidas, no desperdicio de palavras irreflectidas, na volupia de se confundir, numa indisciplina de alguem que se desgoverna levado pelas circumstancias do momento, você desmancha, voluptuosamente, todo o enredo sumptuoso dos seus ideaes. E assiste rindo, com um sorriso alvar, á morte de todos os seus sonhos.

No estudo da psychologia humana, na analyse penetrante e profunda da alma feminina esquiva, a observação mais arguta de qualquer psychologo, no ajuizar das coisas e dos factos, num doidejar de mocidade avida de

(Conclue na pagina seguinte)

FASCINAÇÃO

POR LYS DORISON

Vejo raios de sol nos teus olhos de sonho,
Perdida na distancia a luz do teu olhar.
Contemplando-os assim, longamente, supponho,
Que os teus olhos azues emergiram do mar.

E' fria a tua voz como o gelo do norte,
E' forte a tua mão, mascula, varonil.
Tem o orgulho de um rei a altivez do teu porte,
E a perfeição de Apollo, o teu lindo perfil.

Quando falas assim... como quem não diz nada,
E quando olhas assim... como quem nada vê,
Nos teus olhos olhando eu sinto, hypnotizada,
Em mim o inferno e o céo, sem comprehender porquê.

Não quero o coração que é teu, nem o desejo.
(E' um coração banal, como o de toda a gente!)
A minha aspiração é tão somente um beijo
Dos labios frios teus, na minha bocca ardente!

Pois tu deves trazer nesses labios cerrados
Que não sabem sorrir, esses beijos fataes
Que nos fazem sentir o sabor dos peccados,
Toda a attracção do vicio e a força dos punhaes!

Não posso reprimir uma vontade louca
De estar perto de ti, de embriagar-me de luz
Nos teus olhos sem par, no mel da tua bocca,
Vencida pelo mal, que toda me seduz.

Pela vida caminho, esmagando no peito
Um tumulto e um clamor de lagrimas e de ais.
Mas todo esse desejo, eterno insatisfeito,
Tu nunca o saberás, não t'o direi jamais!

Maldigo sem corar meu proprio sentimento.
Maldito sejas tu! Maldito o meu amor!
E em horas de abandono e de arrependimento,
Soluço de desejo e chóro de pudor...

Cartas de Mulher

(Conclusão)

sensações novas, desperdiçando a vida entre taças de "champagne", labios de mulher e pingos de luar, numa volupia doida de viver a vida em diversos sentidos, você baralha o destino como que se perdendo de si mesmo... E tornou-se um descrente de Deus e dos homens, mergulhado num scepticismo que amarga como o travo de certas frutas prohibidas.

Numa indolencia mórbida, num indifferentismo doentio, tendo uma maldição para tudo e para todos, você como que parou com as suas proprias mãos a roda da fortuna...

Foi assim, Marcos, que eu o encontrei novamente, á minha espera, na "encruzilhada silenciosa do destino".

Parei. Olhei-o. Tentei salvál-o... Estendi-lhe a mão de amiga... Tudo debalde!... Novamente, o mesmo lethargo, a mesma desesperança... a mesma ironia amarga e doentia...

Hoje, por mais que os meus olhos se alarguem, no desejo incontido de descobrir no espelho de sua alma aquella figura amorosa e romanesca dos meus sonhos de outróra, o seu perfil illusorio de principe de lenda como que se afunda nas sombras do passado... Quando insisto em tactear aquella sua alma seductora de idealista, que vivia num recolhimento de vida interior, que era como um êxtase, tenho a sensação do vazio de uma caverna abandonada, e recúo, com arrepios de quem olha do alto um despenhadeiro de morte.

Doe-me a certeza de que hoje nem o amor, nem a belleza da vida, no que ella tem de mais doce numa promessa de felicidade, poderão reviver o romantico sonhador de outróra... O amante das arvores, em cuja sombra todas as noites você desafogava a consciencia na certeza de que a arvore escuta e perdôa numa chuva de flores. O poeta da solidão. O namorado do arroio e das collinas. O dominador fascinado pela vida e pela natureza. Aquelle que desafiava o destino com um olhar mais quente do que a tarde morna, mais profundo e mais negro do que a noite escura. E' esta a dolorosa convicção de — *Ariana.*"

Victima do dever

De L. Sanchez Cuesta

CONCEIÇÃO SOARES, a enfermeira do Sanatorio de Nossa Senhora da Saúde, tinha fama de feia. E era-o realmente, pois seu rosto, um pouco moreno, picado pela variola, não tinha a menor expressão de graça, dando-lhe, no emtanto, um aspecto terrorifico o olhar duro de seus olhos sombreados por negras e espessissimas sobrancelhas.

Jamais Conceição Soares havia escutado a phrase galante de um homem. E isso significa que nunca soube o que é o amor.

Triste, muito triste fôra sua infancia, e continuou sendo tristissima sua juventude, porque, morta a mãe — o pae, ella não chegou a conhecel-o — ficou Conceição no maior desamparo e infortunio.

Por isso procurou trabalho, que, afinal, obteve naquelle sanatorio de tysicos, cujos enfermos tratava com verdadeira abnegação, distinguindo-se entre as outras enfermeiras.

No sanatorio, não obstante sobresahir dessa maneira, Conceição nunca ouvia palavras que a sensibilizassem. Chamavam-na sempre a *feia*, e ella, solicita, attendia sem se zangar a quem a reclamasse assim.

Mas Conceição se habituára áquelle tratamento, e de tal fórma, que não lhe causava impressão de especie alguma. Achava-o tão natural, que, em verdade, já lhe parecia que seu nome era mesmo *Feia*.

•

AQUELLE homem estava morrendo.

Quando chegou ao sanatorio, os medicos conceberam a esperança de salval-o. Mas, em poucos dias decahiu tanto sua natureza e tão rapidamente avançou a enfermidade, que essa esperança desappareceu.

Era um caso perdido!

A principio, elle desejava a morte com verdadeiro fervor. Vivera muito, e tão rapidamente, que não havia sensação, nem prazer, nem dor que sua alma não houvesse experimentado. Estava o que se chama cansado da vida, e, mais que cansado, desenganado della.

Nada havia de verdade no mundo. Nem amantes, nem amigos, nem fortuna. Nada.

Procurar uma felicidade certa e duradoira era um mytho, uma loucura, como elle dizia.

E viver nessa illusão não era sinão procurar a morte, onde, afinal de contas, se deve encontrar a felicidade e a verdade unicas.

Não pensára de outro modo Pedro Ruiz ao sentir-se morrer, no sanatorio, suffocado pela tosse e abrazado pela febre.

Mas, um dia, observando a assistencia e os cuidados que lhe prodigalizava a *feia*, seu coração chegou a se impressionar mais uma vez, inundando-se de gratidão.

Não se sentia bem sem a sua companhia.

E, sem saber como, nem por que, procurava sempre um pretexto em sua imaginação para chamál-a e retêl-a a seu lado.

A *feia* inspirou grande pena àquelle homem, de quem ella só sabia que ia morrer em pouco. Depois, quiz conhecer-lhe a vida. E Pedro Ruiz, com toda a sinceridade daquelle que vae deixar este mundo, foi contando-lhe, com amargura, todo o desengano que ficára depositado em sua alma.

Foi quando a *feia* escutou pela primeira vez palavras que nunca tinham chegado a seus ouvidos.

Porque, entre os desejos de morrer depressa, que lhe expressava, punha o enfermo palavras de gratidão e de bondade, e depois — por que não dizêl-o? — palavras de carinho.

— Amo-a, Conceição — dizia-lhe elle. — E meu amor por você não é, não póde ser, paixão ou desejo. E' simplesmente affecto. Affecto como nunca o senti.

E supplicava-lhe:

— Não me abandone!...

A *feia* não conseguia comprehender o desassocego e a inquietude que a assaltavam quando não se achava ao lado de Pedro Ruiz.

Desejava que aquelle enfermo não morresse, e, mesmo quando estava de folga, corria a vêl-o, observando como avançava nelle a cruel enfermidade.

A todo o momento lhe parecia que elle ia morrer.

Alarmada, ella procurava o medico de plantão, para dizer-lhe, com voz que não deixava de ser tremula:

— O enfermo numero dezesete está muito mal. Seu estado aggravou-se. Quer vêl-o, doutor?

— Mas, mulher — respondia-lhe o medico — si elle não tem mais remedio. O milagroso é que haja vivido tanto. Desta madrugada não passa.

E a *feia* sentia, então, uma angustia que lhe opprimia o peito, e que, depois, se manifestava em lagrimas nos olhos.

Naquelle caso não falhou o olho clinico do medico.

Ao voltar ao sanatorio, e quando penetrou no quarto de Pedro Ruiz, a *feia* já o encontrou morto, desfeito em um grande vomito de sangue.

E esqueceu-se dos deveres de seu cargo. Nem o cobriu com o lençol, nem avisou para que o cadaver fosse immediatamente recolhido ao necroterio do sanatorio.

Ficou como que allucinada.

Por que, cheio de immensa tristeza, se atirou sobre aquelle corpo inanimado, limpou o sangue do rosto e beijou aquella bocca ainda quente, com um beijo que parecia interminavel!...

•

DENTRO de pouco tempo, e com toda a solemnidade, era inaugurada no Sanatorio de Nossa Senhora da Saúde uma artistica lápide de bronze dedicada a Conceição Soares, primeira enfermeira que por contagio morreu victima do dever.

UMA NOVELLA

PALLIDA, e baixando os olhos formosos, ella murmurou:

— A você, que é seu amigo intimo, amigo de infancia, pósso contál-o... Sim, é verdade: elle não é feliz! E' muito triste! E eu... estou desesperada, por que o quero com paixão... Mas é a verdade... Segundo dizem, e como você vê, sou bonita... Quanto a ser dona de casa não creio que haja muitas que me levem vantagem... Talvez seja uma desgraça o facto de não termos filhos... E isso, quem sabe si é sorte ou desgraça?... Mas, como adivinhar o que pensa seu cerebro de homem?... Isso, como deve comprehender é para mim muito difficil... Sinto muitas coisas, mas não sei manifestál-as... E, além disso, para ser justa, é preciso levar em conta que eu sou uma mulherzinha agradavel, trabalhadora, bôa, que adora seu marido... Mas, sou apenas isso... não é verdade?... E, para elle, com sua instrucção, com suas idéas, com seus escriptos, com suas poesias, eu não passo de... um ser ignorante..., insignificante!...

"Escute... Conheceu Angela, aquella moça que morreu ha dois annos? Não? Pois bem: quando Paulo estava em casa de sua mãe, Angela residia no andar de cima, com sua familia.

"Angela era uma moça pobre, mal vestida, não era nada bonita e estava muito doente. Ella o sabia, e sabia, tambem, que lhe restava pouco tempo de vida. Naquella época, eu nunca tinha visto Paulo.

"Conheci Angela no escriptorio. Ella trabalhava na contabilidade e eu era mechanógrapha Fizemo-nos amigas intimas...

"Uma noite, em que sahimos juntas, depois de terminado o trabalho, ella me disse, com sua voz apagada, e tornando-se corada:

"— Joannita, tenho confiança em ti. Queres fazer-me um favor? E' quasi uma obra de caridade. Mas tens que me prometter que guardarás segredo.

"— Si puder, conta commigo, desde já.

"— Pois olha: trata-se de escrever, de vez em quando, á machina, umas cartas para uma pessôa...

"— Não serão anonymas?

"Ella sorriu.

"— Não te assustes, Joannita, e comprehende o que desejo... Trata-se de um rapaz intelligente e bom; mas não é muito bonito. E sei que é infeliz. Seus amigos, seus collegas têm namoradas... Elle, não... Ninguem o quer... Pelo menos si alguem o quer, elle nunca saberá quem é...

"Olhei minha amiga, e tudo comprehendi immediatamente.

de Maurice Renard

"Ella continuou a explicar-me seu projecto: desejava que aquelle rapaz soubesse que uma desconhecida o queria com paixão; uma mulher que não podia revelar seu nome, mas cujo amor era tão vehemente, que não podia continuar calando-o.

"E assim, durante uma anno, copiei, a machina, as cartas que Angela me dava, cada vez mais longas e frequentes, em um papel cinza muito perfumado.

"Paulo ignorava quem lhe escrevia. As cartas eram firmadas assim: "Tua desconhecida." Eu não comprehendia bem, ás vezes, o que Angela escrevia; mas achava suas cartas admiraveis, e, sobretudo...

"Não posso comprehender o *porque* daquella aventura. Póde ser que existam coisas que passem despercebidas para mim... Numa palavra: aconteceu que á força de copiar tantas cartas de amor, acabei apaixonando-me por elle, sem conhecêl-o.

"Angela, aggravada em sua enfermidade, um dia, morreu quasi de repente. Então, não pude supportar a idéa de que o pobre rapaz deixasse de receber aquellas cartas, que eu sabia serem a alegria de sua existencia.

"Eu não podia continuar escrevendo-lhe, porque não sabia redigir as cartas como minha pobre amiga. Conhecemo-nos, elle e eu, no enterro de Angela. E, fascinada pelas cartas e pelo amor de Angela, não o achei feio. Li nos seus olhos que eu tambem lhe agradava. Ficamos amigos, e em breve nos casavamos.

"Passámos varios mezes deliciosos... Si você soubesse quanto fomos felizes!... Talvez muito felizes!... Paulo estava encantado de se ter casado commigo. As cartas estavam já muito longe. Elle, supponho eu, pensava que por minha causa, por causa de nossos amores e de nosso casamento, a mysteriosa incognita havia deixado de escrever-lhe. Jamais comprehendeu que aquellas cartas partiam de Angela...

"E assim vivi algum tempo, vendo meu Paulo feliz, sem que sentisse a falta de nada e de ninguem.

"Depois, veiu este periodo, em que já não vejo alegria nos seus olhos... Tenho a impressão de que elle cansou de estar sempre ao meu lado... Notava que, quando falavamos, elle parecia esperar uma resposta... ou não sei que... E o outro dia... perdôe-me... Comprehendo... que... é fraqueza... chorar... assim... O outro dia, por um espelho, surprehendi-o — o... Elle sonhava... E, deante delle, que estava como em extase, com os olhos cheios de lagrimas... vi as cartas... As cartas que eu escrevi para satisfazer ao desejo de Angela..."

O NATAL DE HERMES-FONTES

POR SUZANA DE ALENCAR GUIMARÃES

EM vão os sinos repicavam, chamando para a missa de Natal, acordando nos corações os mais empedernidos a lembrança suave de um Natal que passou, uma missa que se ouviu ainda quando na alma queimava o cirio da Fé. Das vitrinas illuminadas debruçavam-se os Papás-Noel sorridentes, promettendo, sempre promettendo um Bem que não dão nunca...

A cidade era toda uma apotheose de luz! Naquella noite, após o periodo de exaltação e de lutas para a victoria da Revolução, a grande urbs festejava a Paz. Era Natal, a festa do lar, a festa do amor!...

Mas o convite festivo dos sinos não chegava até o lar de Hermes-Fontes. Ali tudo era abandono. Nem uma arvore de Natal carregadinha de illusões, nem um riso de criança á espera de Papá-Noel, nem a silhueta da mulher amada... Elle mesmo escrevera ao irmão dizendo que havia muito que sua vida era bagaço...

Em vão os sinos continuavam a cantar: "Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de bôa vontade!"

Só ao espirito do poeta não baixára essa paz. Não. Ali era o tumulto, era o desalento, era a aterradora sensação de ser só, infinitamente só, sem carinho, sem amor, sem a pluma de uma mão que deslisasse sobre a sua cabelleira revolta no instante de sua quéda, no instante de sua humilhação!

E os sinos continuavam a cantar!...

Elles formavam o contraste com o Natal de seus versos:

Dezembro em meu paiz! Os bairros miseraveis
são, neste mez de festas,
mais alegres, talvez, que os bairros nobres.
— Que saudade nas almas dos velhinhos!
Que amor, nas dos mendigos veneraveis
tacteantes nos caminhos!
Que alvoroço feliz nas casitas modestas
das mulheres do povo e dos meninos pobres!
E que riqueza a desses pobresinhos,
por este mez de Deus, de tantas festas
em que os sinos têm voz de passarinhos
na gaiola da torre, e os proprios dobres
são tão alviçareiros e joviaes
como uma algaravia de pardaes!
Natal em minha terra!
Dezembro em meu paiz!

Como era triste aquelle seu Natal, em seu paiz!... Sozinho, encerrado em sua vivenda, Hermes-Fontes recebeu naquella noite o ultimo presente de Festas que Papá-Noel lhe offertou: — a morte.

Um anno atraz, nessa mesma noite de Natal feliz, elle escrevia estes versos em FON-FON:

Quizera adivinhar a hora de morrer
para, no ultimo instante, te ir dizer
o que não posso nem siquer pensar...
Pois com certeza a hora de morrer
seria a hora de resuscitar...

Hermes-Fontes resuscitou na lembrança de todo o Brasil intellectual e uma das provas do que affirmo está no gesto espontaneo e nobre da Academia de Letras do Ceará, até onde chegou o favo de mel de seus versos sentimentaes; resuscitou e viverá emquanto houver no Brasil um par de namorados romanticos que recorde sua canção "Luar de Paquetá":

Sobre o mar de azul rendado
que é toalha de um noivado,
surge a Ilha — taça erguida:
E o luar — vinho doirado —
enche a taça do Passado
que embriaga a nossa vida!

Ai! que filtro milagroso
para a Magoa e para o Gozo,
para a Eterna Inspiração!
O luar na mocidade
abre as rosas da saudade
dentro em nosso coração.

* * *

Como tinha razão Hermes-Fontes! Para elle, a hora de morrer foi a hora de resuscitar...

(Palestra realizada no Salão Juvenal Galeno, em Fortaleza, durante a solennidade promovida pela Academia de Letras do Ceará, em homenagem á memoria do grande poeta de «Apotheoses».)

AS CORES TÊM SUA HISTORIA

Os antigos conseguiram pintar quadros com tintas de tal modo preparadas, que o perpassar dos seculos não conseguiu tirar-lhes o brilho, nem esmaecer-lhes as tonalidades.

Os museus da Europa estão cheios dessas preciosidades que zombaram do poder destruidor do tempo.

Entretanto, processos identicos não conseguiram os nossos antepassados para a conservação das côres empregadas na tintura dos tecidos.

Essas côres, como todos sabem, eram productos vegetaes e animaes, e embora apresentassem magnificos aspectos, facilmente esmaeciam pela influencia da luz e da agua.

Mas os progressos da sciencia mudaram, no seculo passado, a face do planeta. A chimica conseguiu extrahir dos sub-productos do carvão de pedra, côres, odores e sabores, além de innumeras substancias medicinaes e desinfectantes.

Com a extracção das côres, do alcatrão, fundou-se a industria das anilinas; surgiram os corantes organicos que desde logo dominaram os mercados universaes, pelo seu preço mais barato e pela variedade de tons que foi, com elles, possivel obter.

Mas esses corantes, se eram ricos em tonalidades, tinham o inconveniente de não serem indeleveis; uns mais que outros soffriam a acção da agua e da chuva; não se podia confiar em tecidos tintos.

Só no começo deste seculo, graças aos trabalhos do grande chimico René Bohn, foi possivel obter a substancia chimica que, sem attingir as qualidades intrinsecas de resistencia do fio, fizesse a côr incorporar-se a elle, "de forma a viver tanto como elle proprio"; em summa, foram descobertos os corantes "Indanthren", isto é, as anilinas fixas, resistentes ao sol á chuva e ás repetidas lavagens.

Hoje encontram-se em toda parte tecidos de côres firmes, tecidos que não desbotam e seria rematada loucura comprar fazendas tingidas com anilinas ordinarias, embora um pouco mais baratas.

"Quem compra barato compra duas vezes" diz um sabio proverbio.

A etiqueta registrada "Indanthren" garante a insuperada fixidez de colorido.

SELENE

A bôa acção

de Jean Ray

NERWOOD mordeu os labios. Lentamente, methodicamente, rasgou o jornal que acabava de ler, e uma chuva de pedaços de papel se agitou um segundo em torno da cesta.

Os jornalistas feriam a sua vaidade, elogiando a caridade dos Morgan, dos Rockefeller, dos Carnegie, para melhor fazer notar que elle, Nerwood, era um avaro sem coração.

Comprehendia a veracidade das censuras. Elle nunca tivera um desses minutos de bondade e de prodigalidade que desculpam as fortunas insolentes.

Quando menino, roubava de seus companheiros. Rapaz, furtára as poucas economias de sua mãe, e, mais tarde, lutára sem piedade para attingir o cume vertiginoso das finanças. Agora, seu áspero olhar de conductor de homens e de esperto manejador de ouro descobria, através de um sorriso ou cortezias, o odio e a inveja.

Naquelle dia, sem saber por que, talvez por culpa desse abril que deitava sua preciosa carga sobre as arvores longinquas, ou pelo joven sol que desenhava com luz em seu gabinete — naquelle dia, o odio dos outros lhe fazia mal.

— Vamos! — disse comsigo mesmo. — E s t o u disposto a transformar-me num homem melhor. Quero fazer uma bôa acção.

Recordou que, dois dias antes, um velho cura que pedia esmola, para attender a espantosas miserias, h a v i a respondido, tristemente, á sua negativa:

— Tenha cuidado, senhor, porque, um dia ou outro, póde Deus afastar-se de sua generosidade.

Um pouco nervoso, elle apertou o botão da campainha.

— Quantos pedidos desattendeu você esta manhã, Curland?

— Oitenta e dois, senhor Nerwood.

— Pois traga á minha presença o primeiro que appareça.

* * *

— Senhor Nerwood, é um velho que se diz inventor. Vem propôr-lhe umas novas machinas.

— Mande-o entrar.

O secretario introduziu um velho miseravel, vestido modestissimamente e apertando contra o peito uma grossa carteira de couro verde.

Era um desses homens a quem a vida condemna de antemão.

Elle, Nerwood, abrira caminho, violentamente por entre a emmaranhada civilização. Os rostos voltavam-se, rancorosos e malvados, contra elle, que os atropelára, no emtanto, sem piedade, mudando seus gestos em uma l a s t i m a v e l careta de dôr...

Agora, na magnifica poltrona, de fórmas arredondadas e macias, que pareciam suaves caricias, o pobre velho se preparava para uma ridicula pantomima. Suava, tossia, respirava profundamente, esfregava as mãos e tremia como as folhas no outomno.

O millionario s e n t i u que um cálido effluvio lhe nascia no peito, como antecipação de uma alegria desconhecida.

Tinha já sua bôa acção.

Examinou lentamente os papeis que o inventor tirava de sua carteira. Eram projectos complicados e absurdos sonhos de escolar applicados á mechanica. A solida intelligencia de Nerwood rebellou-se deante de tal inépcia. Seu bom senso despertou, terrivel. Esmurrou furiosamente a mesa, e um bello jarro da Bohemia, onde sorria uma orchidea quasi negra, se quebrou com uma queixa crystallina.

Outra queixa rouca; terrivel, lhe respondeu.

O velho tremia e chorava, afundado na poltrona. De repente, Nerwood lembrou-se de seus propositos.

— Está bem — murmurou. — E' bom o trabalho. Acceito-o. Chega um cheque de cem mil dollares?

* * *

Ainda deante dos seus olhos a imagem do velho, que achava maneira de abandonar o gabinete, fazendo girar a chave da luz ao pretender abrir a porta, deixando cahir a carteira de couro verde, chorando e rindo ao mesmo tempo, quando, depois de um toc-toc, respeitoso, entrou um empregado. Trazia o cheque que Nerwood acabava de firmar.

— Senhor, este cheque...

Um raio de colera brilhou nos olhos de Nerwood.

Que! Aquelle cheque estava firmado por elle! Por que, então, não havia sido pago ainda?

— D e s c u l p e, senhor Nerwood; o cavalheiro portador do mesmo apresentou-se na caixa e...

O empregado vacillava.

— E acha o senhor que eu tenho tempo a perder?

— Desculpe, desculpe, senhor Nerwood... Elle estendeu o cheque... Tremia muito nesse momento... Duas vezes seguidas murmurou: "E' a alegria... E' a alegria"... E depois c a h i u p a r a traz...

— Hein?!

— Cahiu morto, senhor Nerwood!

A TRAGEDIA OCCULTA

QUANDO, á passagem veloz do trem, aquella joven se atirou sob as rodas do primeiro carro, os passageiros que se achavam na *gare*, á espera do comboio, não puderam reprimir uma exclamação de terror:

— Virgem santa! Que barbaridade!

E fecharam os olhos, horrorizados.

Um ruido de freios e de ferros e o brusco choque do trem, ao deter-se de repente, alarmaram os passageiros que viajavam em todos os carros. Uns foram sobre os outros, e, emquanto os homens ficavam mudos de surpresa, esta arrancava gritos de espanto ás mulheres. Não era que soubessem a grave desgraça que acabava de occorrer, mas é que são tão medrosas as mulheres, que vêem os maiores horrores onde não ha absolutamente nada.

Naquella circumstancia, o innato alarma das mulheres era, infelizmente, bem justificado. Aquelle trem acabava de apanhar, despedaçando-a, uma pobre mulher na flor da vida. Na opinião de quantos a haviam contemplado na *gare*, era um encanto. Vestia um traje côr de rosa, e seus olhos, doces olhos de pomba, attrahiam com sympathia e admiração. Houve quem affirmasse que, esperando a chegada do comboio, passeava intranquilla, e que mais de uma vez levou o lenço aos olhos como para enxugar nelles uma lagrima. Após essa affirmação de um, logo foram muitos os que tinham reparado nesse detalhe, mas ninguem se atreveu a suspeitar o motivo de taes lagrimas, e ainda menos o trágico fim daquella joven, poucos segundos depois.

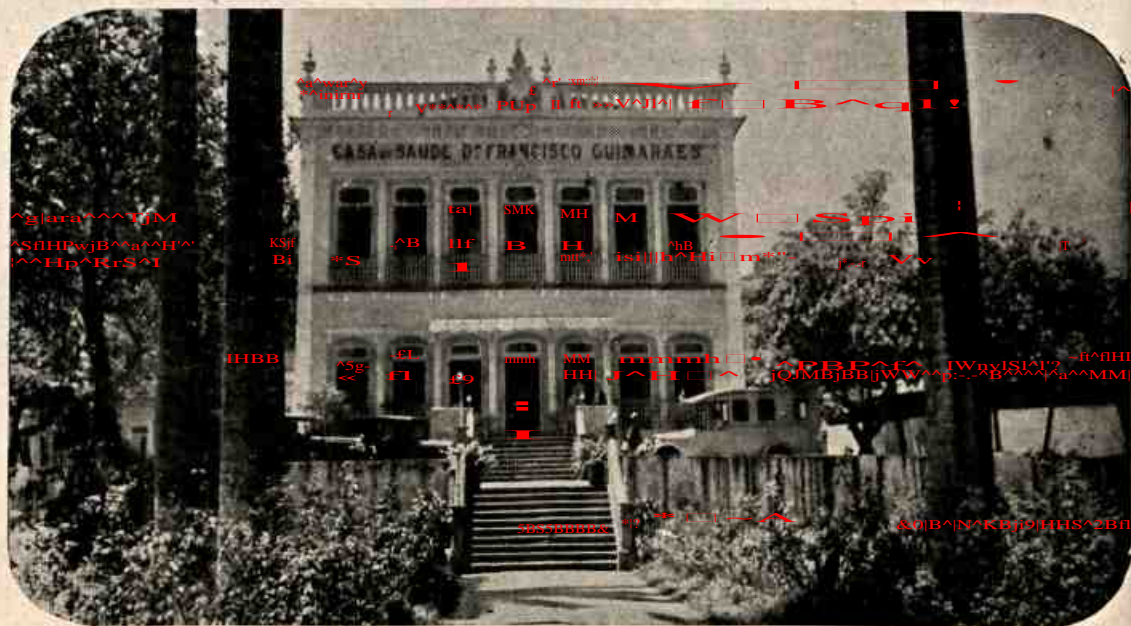
Com a rapidez que se verifica em casos identicos, a policia foi avisada, e comparecendo, immediatamente, pediu a presença dos bombeiros para retirarem o cadaver horrivelmente mutilado de entre as rodas dos carros. Foi um trabalho penoso, impressionante, que centenas de pessôas acompanharam com a mais profunda emoção. Emquanto isso, os commentarios se succediam rapidamente. Cada um, dirigindo-se a seu vizinho mais proximo, emittia sua opinião. Como acontece sempre nesses casos, muitos se vangloriavam de possuir uma intuição maravilhosa, e affirmavam presumpçosamente:

— Esta moça suicidou-se torturada pelos padecimentos — dizia um. — Devia soffrer de uma enfermidade terrivel.

— Está o senhor mais do que enganado! — contestava seu interlocutor. — Bem se vê que não a viu bem. Vendia saúde. Tinha duas rosas nas faces que dava gosto contemplar. Para mim, isto é o mais certo, essa pobre moça tomou tão extrema resolução obrigada pela miseria. Ha tanto drama occulto hoje em dia!...

— Para o senhor poderá ser assim — intervinha um terceiro — mas, para mim, essa joven não se matou por causa da miseria. Si a tivesse observado bem, poderia ver que vestia elegantemente e até com muito luxo. E uma moça verdadeiramente pobre poderá vestir com graça, mas nunca com luxo.

Outro dos circumstantes interrompeu o que falava:

— Poderão ser muitos os motivos que a induziram a tomar tal

de José M. Braña

grave resolução, mas... querem apostar como a verdadeira causa desse suicidio foi o ter burlado a confiança de seus patrões e se apossado illegalmente de um dinheiro sagrado para ella?

— Uma mulher não faz isso.

— Sei-o por experiencia. Sou commerciante, e já tive uma empregada em quem depositava toda a minha confiança. Um dia, accidentalmente chega ao meu conhecimento que essa moça, mediante a destruição dos correspondentes cartões registradores de venda, subtrahia dinheiro da caixa para dál-o a um seu irmão, homem sem honra, que vivia na vagabundagem, pervertendo-se cada vez mais.

— Esses casos não se repetem todos os dias.

— Mas pódem repetir-se a cada momento.

Nesse ponto, uma das muitas senhoras que se achavam na *gare* á cata de noticias, julgou opportuno metter-se na conversação geral:

— Diga-se o que se disser, mas o certo, e muito certo, é que essa moça não era nenhuma perturbada, nem commetteu os delictos que lhe attribuem. Si os senhores, como affirmam, a viram bem, terão observado que se tratava de uma mulher bonita, sympathica e no melhor da vida. Sem duvida, não tinha mais de vinte e dois annos. Nessa idade, por que se póde matar uma mulher? Por amores não ou mal correspondidos. Esta é que é a verdade. Essa joven devia soffrer por amor, e ante uma situação grave, resolveu eliminar a propria vida, levando comsigo o segredo de sua terrivel decisão. Que acham os senhores?

Todos fizeram um signal de approvação. Realmente, tratando-se de uma mulher moça, sadia, bonita, vivendo sem duvida em um ambiente de conforto, que outra coisa sinão um amor infeliz podia tél-a arrastado até aquella estação ferroviaria, fazendo-a atirar-se sob as rodas do primeiro trem que passou por ali?

E, emquanto algum, prosaico, desalmado, para quem os negocios são mais importantes do que a vida dos outros blasphemava contra a infeliz suicida, dizendo que ella bem podia ter ido morrer em outro logar, os demais quasi todos, se desfaziam em lamentações de pesar:

— Pobre moça! Com as illusões que a vida lhe poderia dar!

— Que grande dôr não levará a seu lar, onde seus paes, innocentes, talvez estejam esperando, tranquillos, o seu regresso, sem suspeitar que só lhes chegará um corpo querido, mutilado!

— Si um homem foi a causa de sua morte, eu não queria ter o remorso que elle sentirá por toda a vida.

— E para isso a gente cria filhos! Fôra bem melhor que Deus nol-os levasse, ao nascerem!

Meia hora escassa depois, recolhidos os restos mortaes da infortunada victima e feitas pela policia as competentes averiguações, o trafego se restabeleceu, e pouco depois os viajantes que subiam ou desciam do trem, naquella estação, só experimentavam um pouco de curiosidade deante da grande mancha de sangue que tingia o trilho. Uma mancha de sangue que era o symbolo de uma vida sacrificada á propria Vida!

Tua Bocca

Pequena concha de coral, que tenta,
Que ateia n'alma o fogo do desejo...
Não te aproximes tanto, pois, sedenta,
Minha bocca te busca para o beijo.

Se te aproximes, bocca, dás o ensejo
Da minha se ir chegando tambem, lenta...
E juntas não as quero, porque vejo
Que, num repente, o meu desejo augmenta.

Bocca que encerra em si favos de mel,
Que tem dulçor e ao mesmo tempo fél,
Beijar-te é tudo que na vida almejo!...

Porque não vi, no mundo, uma outra bocca
Que em minh'alma deixasse essa ansia louca
De unir-se á minha no mais longo beijo!

Zelia Moreira

IRREVERENCIAS

DE ADONAI

O marido de uma mulher bonita sempre é um bom amigo...

* * *

A Moral, como a Virtude, está sujeita ás alternativas do Amor. Uma deve imperar na vida publica e a outra no lar.

* * *

O homem sem moral é como a mulher sem virtude: para ambos, a rótula e a cadeia.

* * *

Como aos fieis a campainha serve para recordar os peccados, assim o meu monoculo preto traz o peccado á mente de certas mulheres...

* * *

Napoleão disse: "Na guerra, como no amor, uma bôa retirada é uma victoria". Não sou guerreiro, porém acho que o abandono de uma cidade, depois do saque, é sempre um acto de heroismo...

* * *

Conheço as mulheres pela maneira por que me fitam: as futeis reparam os meus sapatos e, as intelligentes, que são raras, olham para a altura que vae da minha testa para cima...

* * *

A verdade é como o ruido dos freios dos bondes sem oleo: irrita.

* * *

As alturas, como o alcool, embriagam e, como certas mulheres, arruinam o individuo.

* * *

A ingratidão é a melhor maneira do individuo se desenvencilhar de uma pessôa que lhe póde vir prestar um obsequio.

* * *

Ha creaturas que, suggestionadas por uma falsa importancia, se julgam victimas das quédas que soffrem os que estavam no alto... embora rastejem.

* * *

Ha mulheres que são como as sapopemas: abrigam as miserias de muita gente...

* * *

O caracter é como a naphtalina, que só serve para, perfumando as bibliothecas e as arcas de roupa velha, evitar que a traça exerça a sua acção damninha...

DE MEDEIROS

Muita gente conhece o valor da naphtalina e, no emtanto, não a usa.

* * *

Homens ha que, sem dinheiro, param deante de certas mulheres bonitas, exactamente como certos mendigos que se detêm olhando as montras das casas de cambio...

* * *

A Virtude foi uma das pragas que Moysés se esqueceu de levar para a Chanaan e que muita gente bôa diz possuir, como ha quem julgue ter um pedaço do madeiro santo...

* * *

O canalha é um individuo que merece, como os sabios, a nossa admiração. Um grande canalha vale, para a sociedade, mais que dez sabios. Quando vejo um canalha vencedor na vida é que noto o quanto sou pequeno.

* * *

Certas mulheres bonitas são como as paizagens amazonicas: — encantam pela novidade, acabando por cahir na monotonia dos dias que se passam á mesma contemplatividade...

* * *

O mesmo motivo que leva o individuo a se tatuar conduz as mulheres a se pintarem, o que é uma maneira de fazer a tatuagem do rosto.

* * *

Os gregos, cultuando Mercurio, como deus dos ladrões, foram o povo mais perfeito da Historia. Conheço mulheres que são superiores aos hellenos: — adoram crápulas, sob a fórma de Adonis.

* * *

Assim como o protocollo é uma coisa necessaria á diplomacia, o cynismo é o introductor diplomatico da sociedade.

* * *

Quando numa festa observo certa categoria de homens sendo alvo da admiração de certas mulheres é que me congratulo com o personagem de Mejia. Talvez elle tivesse a mesma philosophia...

* * *

Feliz é o homem do sertão amazonico, porque, vivendo entre as féras, jamais chegará a casar com ellas...

Sorrindo...

Ha quem viva sorrindo a vida inteira,
Sem jamais uma lagrima verter!
Não invejo, entretanto, tal maneira
De, sem o pranto, a vida comprehender...

Não sei sorrir, ao pé de uma fogueira,
Numa falsa alegria de viver.
Nem supporto a amargura mais ligeira,
Por um simples capricho do prazer...

A dôr é dupla quando o riso passa,
Quando nos vae toda a illusão matando,
Na incerteza da estrada percorrida...

Não me illudo a mim mesmo. E quando o
Saibam-no todos que o farei chorando, [faça,
Na melhor alegria desta vida!...

Alcides Maia

O PERNETA

João Ramos

QUANDO, naquelle dia, á hora do recreio, Alvaro, reunindo os demais collegas, narrou a descoberta que fizera pela manhã, uma risota geral explodiu no pateo da escola, e os motejos cahiram, inclementes, sobre o pobre "Perneta".

Bem diz o adagio que uma ovelha má põe um rebanho a perder.

Alvaro era a má ovelha daquelle rebanho de collegiaes. Menos, talvez, pelo máo exemplo de suas acções (que este pudera não ser seguido) do que pela ascendencia que sobre os companheiros exercia a sua pessoinha, sempre bem cuidada, envolta sempre em roupas custosas e bem feitas, filho unico que era de familia muito rica e de fino trato. Alvaro era um máo menino, e essa ascendencia se fazia bem fatal ao pobre aleijadinho, pois que della se servia para, numa desforra ingloria e covarde, indispôr contra elle todos os collegas, vingando-se da inveja subida que lhe tinha.

O "Perneta" era o primeiro alumno da classe. A natureza, condoida talvez do quanto a sua má sorte lhe tirára, dotára-o de uma intelligencia robusta e forte aptidão para o estudo.

E elle, o invejoso, não podia supportar aquella predilecção, por demais justa, com que a mestra o distinguia. Doia-lhe fundamente nalma vêl-o citado como exemplo, indicado como modelo. E como se revoltava quando, a convite da professora, elle, forte em todas as materias, dava, neste ou naquelle collega, formidavel quináu! Coitado! Elle o fazia tão confuso, tão ruborizado, levantava-se tão constrangido, de olhos postos no chão humildemente, que, longe de se suppôr uma falsa modestia, bem se lhe notava menos sentir a satisfação do triumpho que a magoa de humilhar o companheiro.

Era tão bom, tão delicado, que, ao recreio, lá se ia elle, de olhos supplices, simples na simplicidade de sua alma, achegar-se a este ou áquelle a quem na classe havia emendado, com uma tal doçura no olhar, uma tal meiguice no falar, que bem se comprehendia o quanto se esforçava por que elles não lhe quizessem mal por isso, que bem se notava que só lhes não pedia desculpas do que fizera, receando que o chamassem ainda de pedante.

Mas, os collegas repelliam-no; e, nem por isso, coitado!, se revoltava: retirava-se tristemente, e lá se ia para o seu canto, isolado dos companheiros, que a todos subornava Alvaro com a ascendencia de sua pessoinha sempre bem cuidada.

Era um infeliz aquelle "Perneta"! Não conhecera o pae; a mãe morrera-lhe pouco mais de um anno antes. Fôra recolhido por um casal de jornaleiros, gente má, em cuja casa, si lhe faltava, frequentes vezes, o alimento, sempre lhe sobravam os máos tratos. Trouxera, do berço a ambição do saber, e foi o seu unico dia de alegria, após a morte da mãesinha querida aquelle em que, embora contrariado, a conselho de outrem, o casal consentiu que frequentasse a escola. Isso, porém, não o livrára á ganancia dos que o haviam acolhido, pois que delle exigiam, após as aulas, se fosse, tão pequenino ainda, ruas á fóra, a vender os jornaes da tarde. Fôra no desempenho desse mistér, que, sob a mão sinistra do Destino, tão avaro para com elle, tivera a perna esmagada sob as rodas de um bonde.

Alma de escól, que acceitava com tanta resignação as iniquidades da sorte!

E, naquelle dia, como sempre quando Alvaro, reunindo os demais collegas, narrou a descoberta que fizera, elle, sem revolta, baixou a fronte sobre o peito, como si comprehendesse que o seu destino era soffrer.

— Então, "Perneta", por que diabo estavas a chorar ante a vitrina da casa de caixões?!

— Estavas a pensar na tua morte, "Perneta"?!

O facto é que o viam, todos os dias, quando vinha para a escola, o olhar preso áquella vitrina, numa abstracção profunda de tudo o mais, como si nella alguma cousa houvesse que a attenção lhe despertasse profundamente. E nesse dia, Alvaro, vindo mais cedo para o collegio, o surprehendera ali, com os olhos, fixos como sempre, cobertos de pranto.

E os motejos cahiam, cada vez em maior numero e mais ferinos...

Coitado! Não sabiam elles que era aquella cruz pobre, de madeira ordinaria, a razão do seu enlevo diario! Não sabiam que era ella que o fazia parar sempre ali, de rosto muito collado ao vidro da montra, como a querer vêl-a melhor, copial-a nos olhos! Aquella cruz, como elle a ambicionava! Era o seu sonho quando acordado, o seu sonho quando a dormir.

E os motejos cahiam, impiedosamente, sobre aquella fronte que curvada, não deixava ver o pranto do olhar.

....

Quando, naquella segunda-feira, a professora communicou aos discipulos aquella desgraça, sobre a classe, pouco antes em terrivel algazarra, pesou profundo silencio.

Alvaro fôra colhido, na vespera, por um bonde, sendo necessario amputar-lhe uma perna.

Era visivel a commoção de todas aquellas almas. Mas, quando já iam as aulas em meio, nada mais restava nos discipulos, além da lembrança, que, de quando em quando, luzia, do que acontecera ao collega. Somente alguem, um só, dentre todos, buscando esconder-se aos olhos dos outros, tinha os seus marejados de lagrimas: era o "Perneta"!

Pouco antes da sineta tocar para o almoço, a mestra lembrou aos alumnos que se cotizassem para levar ao infeliz collega uma lembrançazinha. Ella mesma correu a lista. Só a um, disfarçadamente, não foi ter — ao "Perneta"! Sabia-o tão pobresinho!

Mas, quasi ao terminar o recreio, este, vendo a mestra a sós, a ella se dirigiu e, a cabeça baixa, muito envergonhado, falou-lhe:

— Professora, eu... eu queria...

— Dize, filho! Que querias?!

— Queria... queria dar-lhe tambem uma coisinha...

— Pois então, muito bem; é uma bella lembrança da tua alma!

— Mas... é que...

— Que é?!

— Elle é capaz de se zangar... E' tão pouca coisa!...

— Ora, meu filho, vae ver como fica contente!

— Mas... a senhora leva?

E, torcendo as abas do seu casaco, cheio de remendos:

— Eu não posso ir!... A senhora faz uma visitinha por mim, faz?

— Pois sim, meu filho!

— E'... é isto...

E exhibiu-lhe um livro cheio de ricas figuras. Era a derradeira lembrança da mãesinha querida!

....

Tres mezes após, quando Alvaro tornou á escola, apoiado á muleta, o "Perneta", que nunca o visitava, por acanhamento de si mesmo, durante a sua ausencia, procurou-o, á hora do recreio, para lhe dizer quanto lhe dictava a sua alminha bondosa.

Mas, o gesto que fez de apertar-lhe a mão ficou em meio, emquanto duas lagrimas lhe deslisavam pelas faces. E' que o outro lhe cerrara a physionomia, dizendo-lhe, em seguida, cheio de rancor:

— Você... você foi quem me rogou praga!

— Eu?!... — falou-lhe o pobresinho.

E não poude dizer mais nada; os soluços embargavam-lhe a voz.

....

Uma tarde, quando todos já haviam sahido para suas casas, Alvaro, vendo que tardavam em buscál-o (o que faziam desde que perdera a perna), não quiz, por mais tempo, esperar, e partiu sozinho. Inhabil ainda na muleta, aconteceu que, pouco além da escola, tombou ao chão, e tão desastradamente, que aquella se partiu.

O "Perneta", que já vendia seus jornaes nas immediações, correu em seu soccorro, erguendo-o do chão; limpou-lhe o pó da roupa e, depois, com aquella ternura a lhe bailar nos labios e nos olhos:

— Eu lhe empresto a minha muleta, quer?!

— E você?!

— Eu? Eu moro mais perto e já estou acostumado a andar num pé só; quer ver?

E, abandonando a muleta, poz-se, sorrindo, a caminhar aos saltos, a ver si o outro se resolvia a acceitar.

— Tome, leve; amanhã você me dá!

Alvaro acceitou, e lá se foi a olhar para traz, a olhar, a olhar, como si, pela primeira vez, um raio de luz lhe entrasse na alma.

E o "Perneta" ficou a sorrir-lhe, a acenar-lhe alegremente; e só quando o viu bem distante foi que deu livre expansão aos soluços que soffreara n'alma.

Coitado! Como poderia vender os jornaes da tarde? E, em casa, o que não lhe aconteceria?! A falta da muleta valer-lhe-ia uma surra do velho jornaleiro, sabia-o; mas o dinheiro da venda dos jornaes?! Si não lh'o entregasse?!... Que não faria elle, Senhor?! Sim, era preciso entrar com essa quantia; e elle a tinha, o que ganhára, revendendo os jornaes que as pessôas, condoidas delle, depois de lidos, lhe devolviam! Mas... esse dinheiro!... E a cruz, como a compraria?! E elle, que havia promettido leval-a, no dia seguinte, Finados, á sua mãesinha?!... E os seus olhos, repletos de lagrimas, cahiram, tristonhos, sobre os poucos nickeis que apertava angustiosamente contra o peito.

Mas, quando Alvaro, numa dobra de esquina, se voltou ainda uma vez, o "Perneta" teve um sorriso angelical, que o outro não podia perceber, mas que elle lhe enviava no derradeiro aceno de sua mãosinha...

— Que é uma fabula, papae?
— Uma fabula é uma conversação entre animaes. Um burro e um suino que falam, como tu e eu, por exemplo.

OS PROPRIETARIOS DE REIGATE

(SHERLOCK - HOLMES)

Por CONAN DOYLE

repente. E' possivel que tivesse havido um accôrdo entre o salteador e o creado, e que o bilhete indique uma entrevista combinada entre ambos; mas este escripto abre-nos...

De novo deixou pender a cabeça entre as mãos, e ficou durante alguns minutos a meditar. Quando ergueu a fronte, espantou-me ver que lhe voltara o bom aspecto de outrora, e que os olhos tinham de novo o brilho habitual. A agilidade com que se levantou até nos fez crêr no regresso de toda a sua antiga energia.

— Quer que lhe diga?... Desejaria examinar com socego este caso, pelo qual já estou verdadeiramente interessado. Se o permitte, coronel, deixo a sua companhia e a de Watson e vou com o inspector averiguar algumas das minhas supposições a este respeito. Dahi a meia hora, o mais tardar, estarei de novo aqui.

Passada hora e meia o inspector voltou sozinho.

— O sr. Holmes, disse elle, anda passeando de um lado para o outro por cima da relva. Pede-nos para irmos todos quatro até a casa.

— A' casa de Cunningham?

— Sim, senhor.

— E porque?

O inspector encolheu os hombros.

— Ao certo não sei... Aqui para nós, parece-me que o sr. Holmes não está ainda bem restabelecido da sua doença. Tem attitudes estranhas e acho-o muito nervoso.

— Não se deve inquietar, disse-lhe eu. Tenho observado que essas esquisitices fazem parte do seu methodo.

— Havemos de confessar que o methodo em si é um amontoado de excentricidades, murmurou o inspector. Mas a elle custa-lhe o estar quieto; e o melhor, coronel, é fazer-lhe a vontade, caso esteja disposto a isso.

Encontramos Holmes passeando na relva, de cabeça pendida sobre o peito e mãos nas algibeiras.

— A questão está-se tornando interessante e começa a apaixonar-me, disse elle. O tratamento de ar que me indicou, Watson, deu um bello resultado. Acabo de passar uma manhã muito agradavel.

— Creio que já esteve no local do crime?... perguntou o coronel.

— Sim. Tanto o inspector como eu, fizemos para esses lados um ligeiro reconhecimento.

— Com exito?

— Descobrimos coisas interessantes. Contar-lh'as-ei no caminho. Primeiro que tudo vimos o corpo do desgraçado. Foi com certeza, e como se disse, um tiro de revólver que o matou.

— Duvidava?...

— Sou de opinião que é sempre preciso apresentar provas para tudo o que avançarmos. A nossa pesquisa não foi inutil. Entrevistamos Cunningham e o filho. Mostraram-nos o sitio pelo qual o assassino passou, tanto no jardim como através da sébe. Era um ponto essencial a elucidar.

— Com certeza.

— Depois fomos vêr a mãe da pobre victima, mas não pudemos obter della a mais leve indicação, porque, além de ser muito idosa, está agora transtornada com esta desgraça.

— E qual é o resultado do seu inquerito?

— Penso que este caso é dos mais complicados. A visita que vamos agora fazer talvez o esclareça um pouco. Creio, sr. inspector, que estamos de accôrdo sobre a capital importancia do pedaço de papel encontrado na mão da victima, e que tem escripta a propria hora da sua morte.

— Devia ser uma indicação, sr. Holmes.

— E é. Se William Kirwan saltou da cama a tal hora, foi com certeza por causa desse pedaço de papel. Mas de quem o escreveu. Que será feito do resto da folha?

— Procurei no chão com cuidado, na doce esperança de a encontrar, disse o inspector.

— Foi com certeza arrancada da mão da victima, e por alguem que nisso tinha interesse. Porque? Porque esse escripto o compromettia. Que destino levou? Metteu-o na algibeira, com certeza, sem reparar que um dos cantos tinha ficado na mão do cadaver. E' bem certo que se tivessemos aquelle fragmento o problema estaria quasi resolvido.

— Sim, mas para procurar na algibeira do assassino seria preciso prendel-o primeiro.

— E' evidente que não se deve proceder levianamente. Ha outras coisas que me dão que pensar; é ter sido o bilhete mandado a William. Quem o escreveu não póde ser o portador, porque nesse caso ser-lhe-ia mais facil dar directamente conta do recado. Quem levou então o bilhete? Seria enviado pelo correio?

— Já investiguei esse ponto, disse o inspector. William recebeu a carta hontem, pelo correio da tarde. O enveloppe foi rasgado por elle.

— Optimo! exclamou Holmes, dando uma palmada amiga nas costas do inspector. Viu a mola do crime. Dá prazer trabalhar comsigo. Mas eis-nos deante da casa do porteiro. Se quizer seguir-me, coronel, mostrar-lhe-ei o local do acontecimento.

Passamos diante da linda casa onde a victima morava, e subimos uma alameda orlada de carvalhos, que dava accesso a uma antiga habitação estylo "Rainha Anna". No humbral da porta estava gravada a data de Malplaquet. Demos a volta á casa, seguindo Holmes e o inspector, até que chegamos a uma das grades que um largo canteiro separava da sébe marginal da estrada. Defronte da porta da cozinha estava postado um policia.

— Faça favor de nos abrir a porta, disse Holmes. Era nesta escada que se encontrava o joven Cunningham quando avistou os dois homens debatendo-se no local em que nos achamos. O velho Cunningham estava na segunda janella da esquerda, e viu o individuo fugir pela esquerda da moita. O filho tambem viu. Affirmam os dois o mesmo, e parece que a moita a ambos serviu de ponto de referencia. O sr. Alec correu logo para junto do ferido e ajoelhou-se ao seu lado. O terreno é muito secco, e não encontro vestigio que nos possa guiar.

Holmes ainda estava a falar, quando avistamos dois homens que vinham pela alameda do jardim que contorna a esquina da casa. Um delles, já de idade, tinha uma physionomia energica e de traços accentuados; o outro era um bonito rapaz que, pela expressão alegre e franca e pelas côres garridas com que se vestia, contrastava singularmente com as tristes circumstancias que envolviam este drama.

— Ainda não descobriu? perguntou elle a Sherlock Holmes. Suppunha que as pessoas de Londres acertavam sempre, mas vejo que isto não caminha por si.

— Ah! E' preciso dar-nos algum tempo, disse Holmes com bom humor.

— Com certeza, disse o joven Cunningham; mas até aqui não encontrou indicio algum?

— Só ha um, respondeu o inspector. Se nós pudessemos achar... Ai! meu Deus! O que sente, sr. Holmes?

(Cont. na pag. seguinte)

— Quando eu comecei, não tinha absolutamente nada.
— Sim mas os outros o tinham.

O rosto do meu amigo tomára de repente uma expressão assustadora. Os olhos sahiam-lhe das orbitas, as feições pareciam decompostas pelo soffrimento, soltou um gemido abafado e cahiu de bruços.

Espantados e cheios de terror por essa crise repentina, transportamol-o para a cozinha, onde durante minutos ficou prostrado numa cadeira e respirando a custo. Depois, desculpando-se do seu estado de fraqueza, levantou-se e disse:

— Watson póde dizer-lhes que ainda estou convalescente da minha doença. Tenho frequentemente estes ataques de nervos.

— Quer que o mande pôr em casa na minha carruagem? perguntou o velho Cunningham.

— Muito obrigado. Visto estar aqui, prefiro esclarecer um ponto aliás facil de elucidar.

— Qual é?

— Na minha opinião, este pobre William só chegou depois do gatuno entrar na casa. Apesar da porta ter sido arrombada, parece que os senhores julgam que o ladrão não penetrou no interior?

— Estou mesmo certo, disse Cunningham com gravidade; sinão o meu filho Alec, que ainda estava acordado, teria ouvido o barulho.

— Onde estava elle sentado?

— Estava fumando á janella, em traje de quarto, respondeu o rapaz.

— Qual é a janella do seu quarto?

— E' a ultima da esquerda, ao lado da do meu pae.

— Naturalmente, os senhores tinham as luzes accesas?

— Sem duvida.

— E' muito esquisita esta historia, disse Holmes, sorrindo. Não acham extraordinario que um gatuno, e um gatuno que não é novato, entre por meio de arrombamento numa casa que tem duas janellas com luz.

— E' preciso, com effeito, que seja muito arrojado.

— Se o caso fosse vulgar não teriamos recorrido ás suas faculdades, accrescentou Alec; mas chega a ser absurdo suppôr por um momento que o ladrão tivesse já penetrado na casa, quando William cahiu sobre elle. Se assim fosse, não teriamos nós encontrado os moveis em desordem e verificado a falta de algum objecto?

— Isso depende da natureza desses objectos. Lembre-se que este não é um gatuno qualquer, e parece ter um mobil especial. Repare na curiosa selecção que elle fez em casa de Acton! Um novello de cordel, um peso para papeis, e não sei que outras insignificantes bugigangas.

— Pois bem! Entregamo-nos inteiramente nas suas mãos, sr. Holmes, disse o velho Cunningham; e faremos tudo quanto o senhor e o inspector determinarem.

— Trata-se, primeiro que tudo, disse Holmes, de fixar a recompensa que tenciona dar aos policiaes. E' tempo ganho e bem sabe que se torna necessario proceder depressa. Já fiz o compromisso por escripto; quer assignal-o? Penso que cincoenta libras chegarão.

— Daria de boa vontade quinhentas, disse o juiz de paz tomando a folha de papel e o lapis que Holmes lhe apresentava. Mas isto não está em termos, accrescentou elle, percorrendo com a vista o papel.

— Escrevi-o muito á pressa.

— Repare! O senhor começou por estas palavras: "Attendendo a que, cerca da meia noite e tres quartos de segunda-feira, uma tentativa..., etc."; quando foi precisamente ás doze menos um quarto.

Este engano contrariou-me por causa de Holmes, porque calculei quanto o vexaria, a elle que era a precisão personificada. Achava-o, na verdade, muito mudado depois da sua ultima doença, e este pequeno incidente provava-me bem que ainda não estava restabelecido.

Ficou embaraçado um momento, emquanto o inspector franzia os sobr'olhos e Alec Cunningham corrigiu o erro e entregou o papel a Holmes.

— Mande-o imprimir o mais depressa possivel, disse elle. Creio que a sua idéa é excellente.

Holmes pegou no papel assignado e guardou-o cuidadosamente na carteira.

— E agora, disse elle, é preciso dar volta á casa para nos assegurarmos de que este gatuno tão original não levou mais nada.

Antes de entrar, Holmes examinou a porta arrombada. Com certeza tinham forçado a fechadura com uma thesoura ou uma faca. Ainda se via o signal na madeira.

— Não usam trancas nas janellas? perguntou o meu amigo.

— Confesso-lhe que até aqui não tinhamos visto necessidade disso...

— Não têm cão?

— Temos, mas está acorrentado, do outro lado da casa.

— A que horas se deitam os creados?

— Perto das dez horas.

— William tambem?

— Tambem.

— E' esquisito que exactamente nessa noite elle estivesse de pé. Obsequiava-me muito, sr. Cunningham, se nos deixasse dar volta á casa.

Para chegar á escada que conduzia ao primeiro andar, era preciso passar por um recinto quadrado que dava accesso ás cozinhas. Desembocando no patamar encontrava-se outra escada mais larga. Para esse patamar davam a sala e muitos quartos de cama, taes como os de Cunningham e do filho. Pela expressão de Sherlock Holmes eu percebia que elle estava na pista; não comprehendia, porém, onde queria chegar.

— Meu caro senhor, disse Cunningham com impaciencia, esta visita parece-me perfeitamente escusada. Aqui está o meu quarto em frente da escada; o quarto que se segue é o de meu filho. Appello para o seu criterio: é por acaso possivel que um ladrão aqui tenha vindo, sem que dessemos por tal?

— Precisa procurar por outro lado e seguir uma pista differente, accrescentou o filho, com malicia.

— Deixem-me proceder a meu modo e permittam-me que ainda insista. Queria, por exemplo, calcular a altura das janellas com relação á entrada. Então este é que é o quarto de cama de seu filho? — empurrou a porta. E' este, segundo creio, o quarto de vestir, onde elle estava fumando o seu cachimbo quando deram o alarme?... Para onde deita esta janella?

Atravessou o quarto, abriu a porta e lançou um olhar para o outro aposento.

— Espero que já esteja satisfeito, disse Cunningham com ar aborrecido.

— Muito obrigado, julgo ter visto tudo o que desejava.

— E agora, visto ser imprescindivel, entremos nos meus aposentos.

— Se não o incommoda muito...

O juiz de paz encolheu os hombros, e foi o primeiro a entrar. O quarto delle estava mobilado com simplicidade e não tinha no seu aspecto nada notavel.

Emquanto nos aproximavam da janella, Holmes arranjou maneira de ficar para traz, ao pé de mim, e inclinando-se atirou dissimuladamente ao chão uma mesa pequena que estava ao pé da cama e que tinha em cima um prato com laranjas e uma garrafa com agua. A garrafa com agua partiu-se em pedaços e as laranjas rolaram para todos os cantos da casa.

— Homem você é muito desageitado, Watson! disse elle com grande serenidade. Poz o tapete em lindo estado!

(Continúa no proximo numero)

Kola Cardinette
O Tonico Mundial.
O mais delicioso e efficaz tonico e reconstituinte.
O melhor e mais positivo para combater rapidamente a debilidade em qualquer de suas manifestações.
KOLA CARDINETTE é uma combinação scientifica dos mais poderosos elementos fortificantes naturaes.
Tonifica e sustenta.
Seu sabor é delicioso.
Contem os valiosos principios vitaes de «Noz de Kola» e as propriedades tonicas e antipyreticas da «Quina», combinadas com as «vitaminas de cereaes» e a acção fortalecedora da «Noz Vomica».
Unicos concessionarios:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Rio — Ouvidor, 98
S. Paulo — S. Bento, 85
O TONICO MUNDIAL